UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO

FABRÍCIO MOREIRA FILGUEIRA

**Competições de futebol nas categorias iniciais: objetivos e sentidos sob a perspectiva de
dirigentes de Clubes e da Federação Paulista de Futebol**

Ribeirão Preto

2020

FABRÍCIO MOREIRA FILGUEIRA

Competições de futebol nas categorias iniciais: objetivos e sentidos sob a perspectiva de dirigentes de Clubes e da Federação Paulista de Futebol

Versão Corrigida

(Versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-Graduação)

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Educação Física e Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

Ribeirão Preto

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Filgueira, Fabrício Moreira

Competições de futebol nas categorias iniciais: objetivos e sentidos sob a perspectiva de dirigentes de Clubes e da Federação Paulista de Futebol. Ribeirão Preto, 2020.

153 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Atividade Física e Esporte.

Orientador: Marques, Renato Francisco Rodrigues.

1. Futebol. 2. Criança. 3. Competição. 4. Carreira Esportiva. 5. Sentido da Prática.

Nome: FILGUEIRA, Fabrício Moreira

Título: Competições de futebol nas categorias iniciais: objetivos e sentidos sob a perspectiva de dirigentes de Clubes e da Federação Paulista de Futebol

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de
Mestre em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a **DEUS O AUTOR DE NOSSAS VIDAS!**

Em especial a minha esposa, amor da minha vida, **ADRIANA MOREIRA** por todo seu amor e sua presença em minha vida desde nossa infância até a construção de nossa linda família.

Minha mãe, **CARMEN MOREIRA** por todo o exemplo de vida e ensinamentos e, toda sua dedicação em nossa criação.

Aos meus filhos **MARIA EDUARDA DE ANDRADE MOREIRA E PEDRO CAETANO DE ANDRADE MOREIRA** que souberam ter a paciência e a compreensão para que possamos realizar essa árdua tarefa. Vocês são em grande existência as razões de nossas vidas!!!

Dedico a todos vocês que me concederam muito amor e carinho a cada dia e todo o apoio para conclusão deste trabalho. Sou eternamente grato por tudo aquilo que me foi concebido!

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor e orientador **Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques**, primeiramente por acreditar e me dar a oportunidade de seus ensinamentos e pelo desenvolvimento acadêmico e, por toda a sua dedicação e comprometimento na realização deste trabalho. Meus sinceros agradecimentos. Obrigado Renatinho!!!

A minha querida mãe, **Carmen Moreira**, por sempre acreditar que seria possível!!!

A minha querida esposa, **Adriana Moreira**, pela sua confiança e paciência em toda nossa trajetória, em especial nos momentos mais difíceis de nossas vidas.

Aos meus queridos filhos **Maria Eduarda e Pedro Caetano**, que nos fazem mover e transpor todas as dificuldades da vida.

Ao meu irmão **Rodrigo Moreira**, parte da minha estrutura familiar, meu melhor amigo. Obrigado por estar sempre por perto e poder compartilhar momentos de alegria e tristeza!

Aos meus amigos do grupo de estudo **GEPESPE-RP**, pelas discussões e sempre apoio uns aos outros e ouvindo nossas dificuldades, obrigado por compartilhar momentos de críticas e elogios.

Aos professores da **EEFERP** que sempre me acolheram, pelas trocas e palavras de conforto e aconselhamentos e ensinamentos durante as aulas, pelos corredores e conversas em particular.

Aos membros da banca de qualificação, **Wilton Santana e Márcio Morato**, que em muito contribuíram e foram extremamente importantes para evolução do texto final desta pesquisa.

A todos aqueles que de alguma forma colaboraram para a conclusão desse trabalho.

APRESENTAÇÃO

Na infância sempre fui apaixonado pelo esporte. Seja no futebol, no futsal ou na educação física da escola me sentia realizado e próximo aos amigos. Passadas tantas experiências nas brincadeiras de ruas e jogos, quando foi chegada a hora de optar sobre a minha carreira profissional, escolhi a Educação Física. Nas últimas décadas, a área da Educação Física e Esporte, com um crescente envolvimento de crianças no esporte, vem buscando avanços nas reflexões acerca desse tema, dentro do trabalho da Pedagogia do Esporte. Pelo início de minha experiência profissional na área, com o trabalho de iniciação esportiva, tive o interesse em me aprofundar em incansáveis discussões acerca do processo de Ensino do Esporte. Durante esse tempo do início de minha carreira na Educação Física, e mais especificamente na área do futsal, e posteriormente no futebol, tenho me dado a certeza de que o trabalho desenvolvido com conhecimento empírico e científico nos trará grandes e melhores frutos, e por isso hoje dedico a maior parte do meu trabalho à pedagogia do esporte.

Comecei minha trajetória acadêmica graduando-me como Licenciado Pleno em Educação Física pela UEL-PR e posteriormente Especialista em Futebol pela UFV-MG. Ainda na graduação, exerci atividades de Monitoria junto à disciplina Futebol e Futebol de Salão. Após a conclusão do curso de Especialização em Futebol no ano de 2006, fui convidado pelo então coordenador do curso a participar como professor convidado na Disciplina Formação de Base, em janeiro de 2007.

Em meio à minha formação complementar, participei como aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade - área de Pedagogia da Motricidade Humana nas disciplinas Psicopedagogia e Educação Física e Conduta Motora: A expressividade dos aspectos psicológicos, ambas na Universidade Estadual Paulista-UNESP/Rio Claro. Em 2010, cursei ainda como aluno especial a disciplina Detecção, Seleção e Promoção de Talentos Esportivos na Escola de Educação Física e Esporte – EEFÉ-USP.

Dentre as minhas experiências profissionais, iniciei o meu trabalho como professor e gestor de Escolas de Futebol (1997 a 2007), e posteriormente em Categorias de Base de Futebol (2007 a 2012) até a atuação em Departamento Profissional de Clubes de Futebol (2012 a 2016). Vale mencionar no contexto de estudo desta pesquisa, inserido nas categorias iniciais na qual esse estudo se pretende, ter participado como Gestor do Olé Brasil Futebol Clube, clube-empresa que foi fundado em 2007, um ano anterior à primeira realização do Campeonato

Paulista Sub-11 e Sub-13. Em 2008, participamos desse primeiro ano de competição. Desde então tenho acompanhado boa parte do processo de mudanças e alterações nessas competições.

Atuei na Secretaria Municipal de Esportes de Ribeirão Preto, na função de Treinador da Equipe Principal de Futsal e Chefe da Divisão de Iniciação Esportiva. E atualmente, Gestor de Projetos Esportivos de Leis de Incentivo Fiscal pela Associação Pró-Esporte e Cultura – APEC e Professor de Educação Física e Atividade Extracurricular de Futsal do Colégio Villa Lobos-RP.

Nessa jornada de experiência na área de Educação Física e Esporte, com ênfase em Pedagogia do Esporte, me debrucei aos estudos principalmente dos seguintes temas: criança, futebol e iniciação esportiva. Nesse percurso, tive a oportunidade de apresentar alguns trabalhos em eventos acadêmicos:

- ✓ FILGUEIRA, F. M.; MARQUES, R. F. R. Análise da organização competitiva de categorias iniciais das federações brasileiras de futebol: adaptações estruturais e funcionais. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS SOCIOCULTURAIS DO ESPORTE, 6., 2018, Ribeirão Preto. **Anais...** Curitiba: ALESDE, 2018, v.2. p. 158-173.
- ✓ FILGUEIRA, F. M. Avaliação da Tomada de Decisão no Desempenho da Função do Goleiro de Futebol de Campo. In: ENCONTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1., 2008, Ribeirão Preto: UNAERP.
- ✓ FILGUEIRA, F. M.; CASTRO, J. F. X.; FERREIRA JUNIOR, D. A. Características Morfológicas de Crianças Futebolistas. In: **JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, 4., 2006, Ribeirão Preto: CUML.
- ✓ FILGUEIRA, F. M.; SCHWARTZ, G. M. Torcida Familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. In: ENCONTRO AAARL DE MEDICINA ESPORTIVA, 10., 2006, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: FMRP-USP, 2006, v.39. p. 13.
- ✓ FILGUEIRA, F. M. A Rotatividade de Alunos em uma Escola de Futebol Particular. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 4., E MOTRICIDADE HUMANA E SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 10., 2005, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: UNESP, 2005, v.11. p. S72.
- ✓ FILGUEIRA, F. M. Análise de um Critério de Detecção de Talentos no Futebol. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 27., 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CELAFISCS, 2004. p. 305.
- ✓ FILGUEIRA, F. M.; CASTRO, J. F. X. Um Modelo de Programa de Avaliação na Iniciação ao Futebol. In: ENCONTRO AAARL DE MEDICINA ESPORTIVA, 9., 2004, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: FMRP-USP, 2006, v.37. p. 24.

- ✓ FILGUEIRA, F. M. Aspectos Físicos, Técnicos e Táticos da Iniciação no Futebol. In: **ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**, 3., 2004, Ribeirão Preto: CLARETIANO.
- ✓ FILGUEIRA, F. M. GRECO, P. J.; MENEZES, C. A. Capacidade Físicas Inerentes a Iniciação Esportiva no Futebol. In: **CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E PESQUISA DA UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO**, 5., 2004, Ribeirão Preto: UNAERP.
- ✓ FILGUEIRA, F. M. Objetivos dos Pais em Relação a Prática do Futebol na Iniciação. In: **CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, 3., 2004, Piracicaba: UNIMEP.
- ✓ FILGUEIRA, F. M. **Iniciação Esportiva Precoce**. In: SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA, 3., 2002, Ribeirão Preto: CUMML.
- ✓ FILGUEIRA, F. M. **Iniciação Esportiva**. In: ENCONTRO AAARL DE MEDICINA ESPORTIVA, 7., 2001, Ribeirão Preto: FMRP-USP.

Tive a oportunidade de também publicar alguns artigos em periódicos científicos:

- ✓ FILGUEIRA, F. M.; GRECO, P. J. Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem-treinamento. **Revista Brasileira de Futebol**, v.2, p. 53-65, 2008.
- ✓ FILGUEIRA, F. M.; SCHWARTZ, G. M. Torcida Familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.7, p. 245-253, 2007.
- ✓ FILGUEIRA, F. M. Aspectos físicos, técnicos e táticos da iniciação ao futebol. **Efdeportes Revista Digital**, 11, v. 103, 2006.
- ✓ FILGUEIRA, F. M. Objetivos dos pais em relação a prática do futebol na iniciação. **Revista Mineira de Educação Física**, v.13, p. 96-110, 2005.

E por fim, a oportunidade de também publicar um livro:

- ✓ FILGUEIRA, F. M. **Futebol: uma visão da iniciação esportiva**. Ribeirão Preto: Ribergráfica, 2004.

Durante o andamento do Mestrado, que se iniciou em 2017, destaco a participação como membro do Grupo de Pesquisa e Estudos em Aspectos Socioculturais e Pedagógicos do Esporte (GEPESPE-RP) e o curso das disciplinas do programa (Fundamentos Teóricos da Educação Física e Esporte; Comportamento do Consumidor do Esporte; Metodologia da Pesquisa Científica em Educação Física e Esporte; Introdução à Pesquisa Empírica Fenomenológica em Psicologia; e Esporte e Infância: aspectos socioculturais e pedagógicos). E ainda, a participação como Membro da Comissão Organizadora, e Parecerista de Trabalhos da Comissão Científica

do VI Congresso Latino-Americano de Estudos Socioculturais do Esporte, realizado no de 2018, na EEFERP-USP.

RESUMO

FILGUEIRA, Fabrício Moreira. **Competições de futebol nas categorias iniciais: objetivos e sentidos sob a perspectiva de dirigentes de Clubes e da Federação Paulista de Futebol**. 2020. 153f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Programa “Educação Física e Esporte”) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2020.

Cada vez mais crianças têm se iniciado na prática do futebol, envolvidas em competições nas quais as federações esportivas e clubes possuem papel fundamental na forma de organização e estruturação. A adequação dos processos de treinamento e competição podem contribuir para o desenvolvimento das potencialidades dos participantes. Porém, para que cumpram essa função formativa e educacional, as competições devem ser organizadas por princípios, regras e conteúdos adequados a cada faixa etária e às demandas (sociais e educativas) e capacidades do grupo de participantes. No entanto, ainda hoje há um sistema de competição infanto-juvenil baseado em modelos estereotipados próximos às categorias adultas. Os estudos da relação da competição com a pedagogia do esporte se mostram muito incipientes. Neste cenário, a organização das competições esportivas infanto-juvenis se apresenta como grande desafio para a área da Pedagogia do Esporte. Tal fenômeno ganha importância, à medida que a preocupação, dos órgãos reguladores do futebol brasileiro, em melhorar essa prática esportiva na iniciação esportiva passa, invariavelmente, por reflexões e proposições sobre como desenvolver e melhor adequar os formatos e sentidos das competições esportivas. Os dirigentes esportivos são parte fundamental desse processo, principalmente relacionados à organização de novas formas de eventos que não reproduzam o esporte de alto rendimento na infância e adolescência. Esta pesquisa teve como pergunta central: quais são as perspectivas dos dirigentes de Clubes e da Federação Paulista de Futebol sobre os objetivos e sentidos das competições organizadas por esta federação para as categorias Sub-11 e Sub-13? O objetivo geral desta pesquisa foi investigar as perspectivas de dirigentes de Clubes e da Federação Paulista de Futebol sobre os objetivos e sentidos das competições promovidas por esta federação às categorias iniciais Sub-11 e Sub-13. A pesquisa se baseia em uma abordagem qualitativa através da análise temática, por meio de entrevistas semiestruturadas com dirigente específico na organização das competições de categorias iniciais promovidas pela Federação Paulista de Futebol, e por dirigentes responsáveis pelo departamento de base de clubes participantes destas competições. Por meio dos resultados, pode-se observar: uma prevalência ao sentido da prática oficial a despeito do sentido ressignificado nos discursos dos dirigentes de futebol neste estudo, o que nos mostra uma inadequação do sentido com o ambiente da prática; a preocupação dos dirigentes quanto ao desenvolvimento humano dos jovens atletas através de valores morais ensinados pelo esporte; objetivos de seleção e avaliação do processo de formação e promoção de novos talentos ao futebol de alto rendimento. Como conclusão, pode-se perceber que algumas ações descritas têm a intenção de transformar a competição neste contexto. Porém, aspectos relacionados à promoção de jogadores de futebol interferem sobremaneira em outras formas de possibilidades de sentido da prática competitiva do futebol, o que torna difícil esse processo de ressignificação.

Palavras-chave: Futebol. Criança. Competição. Carreira Esportiva. Sentido da Prática.

ABSTRACT

FILGUEIRA, F. M. Soccer competitions in youth categories: goals and meaning from the perspective for Clubs and Paulista Soccer Federation sports managers. 2020. 153f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2020.

More children have been starting practicing soccer and participating in competitions in Brazil, where sports federations have a major role in the forms of organization and structure. The appropriateness of the training process and the competition can contribute for the development of the participant's potential. However, to fulfill this formation and educational purpose, the competitions must be organized by principles, rules and contents appropriate to each age range and also to the demand (social and educational) and the group's potential. Yet, today there is a youth competition system available based on similar models of adults categories. The studies of the relationship of competitions and sports education are in the early stage. In this scenario, the organization of the youth sports competitions is a major challenge for the Physical Education area. This becomes important due to a concern of Brazilian soccer's regulatory agencies to enhance this initiation of the sports practice, what is invariably, going through reflections and propositions about how to develop and better adjust the format and meaning of the sports competitions. The sports managers have a major role in this process, especially related to the organization of new ways of events that do not reproduce the high sports performance in the childhood and adolescence. This research had some major questions such as: what are the perspectives of clubs and Paulista Federation's sports managers about goals and meaning of the competitions for categories sub-11 and sub-13? The main goal of this research was to investigate the perspectives of clubs and Paulista Federation soccer's sports managers about the goals and meaning of competitions promoted by this federation for categories sub-11 and sub-13. This research is based on qualitative approach through thematic analysis collected from semi structured interviews of specific sports managers who are in charge of competitions for youth categories promoted by the soccer Paulista Federation and sports managers who are responsible for base department of the clubs participating in the competitions. By means of the results, this is observed: the prevalence of the official practice in relation to the resignificated meaning on soccer manager's speech in this study, it suggests an inadequacy between the meaning and the practice environment; the preoccupation of the sports managers about the youth athlete's human development through moral values taught by sports; selection and evaluation goals of the formation and promotion process for new talents of high performance soccer. As a conclusion, it was realized that some described actions have the intention to change the competition in this context, however aspects related to the promotion of soccer players interfere and impact in other forms and possibilities of the soccer competitive meaning of practice, furthermore becoming hard this process of reframing.

Keywords: Soccer. Child. Competition. Sports career. Meaning of practice.

LISTA DE SIGLAS

CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
DE	Dirigentes Esportivos
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
FPF	Federação Paulista de Futebol
MCFME	Modelo de Concepção das Formas de Manifestação do Esporte

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. OBJETIVOS	19
2.1. Objetivo Geral	19
2.2. Objetivos Específicos	19
3. JUSTIFICATIVA	20
4. REFERENCIAL TEÓRICO	21
4.1. O Modelo de Concepção das Formas de Manifestação do Esporte (MCFME)	21
4.2. Pluralidade de sentidos das competições esportivas infantis	27
4.3. A descrição da estrutura organizacional federativa no Futebol Brasileiro	32
4.4. A organização das categorias iniciais na Federação Paulista de Futebol	38
5. MÉTODO	44
5.1. Delineamento Metodológico	44
5.2. Grupo de participantes	44
5.3. Produção de dados	46
5.4. Análise dos dados	46
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	51
6.1. Considerações sobre os conteúdos e valores morais que podem ser ensinados através da competição	52
6.2. Os sentidos relacionados ao processo de formação esportiva	56
6.3. A seleção e desenvolvimento de talentos para competir, prospectar e profissionalizar	61
6.4. Investimento na qualificação do corpo técnico para orientar os jovens jogadores	72
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
ANEXOS	89
ANEXO A – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética	89
APÊNDICES	92
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevistas com a Federação Paulista	92
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevistas com os Clubes	93
APÊNDICE C – Entrevista com o Dirigente da Federação (F1)	94
APÊNDICE D – Entrevista com o Dirigente do Clube 1 (C1)	107
APÊNDICE E – Entrevista com o Dirigente do Clube 2 (C2)	118
APÊNDICE F – Entrevista com o Dirigente do Clube 3 (C3)	143

1. INTRODUÇÃO

O esporte foi tomado como objeto de investigação em diferentes áreas de conhecimento, entre elas, a Pedagogia do Esporte, que nas últimas décadas tem gerado inúmeros avanços para as Ciências do Esporte, ampliando as possibilidades de sua compreensão.

A Pedagogia do Esporte, enquanto disciplina das Ciências do Esporte, tem como objeto de estudo e intervenção do processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do esporte, acumulando conhecimento significativo a respeito da organização, sistematização, aplicação e avaliação das práticas esportivas nas suas diversas manifestações e sentidos (GALATTI et al., 2014).

O esporte se configura em inúmeras formas de manifestação. O contexto da prática esportiva é tomado como um ambiente educativo por excelência, principalmente quando orientado sobre pressupostos teóricos e metodológicos sustentados sobre pilares pedagógicos, facilitado pela dimensão lúdico-esportiva (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

O esporte como fenômeno social, político e econômico, tem no futebol o envolvimento de um número significativo de participantes desde as crianças até os adultos, com grande relevância em nossa cultura, sendo integrado em um sistema de competições regulares desde as categorias iniciais¹ (Sub-11 e Sub-13) às equipes adultas em diferentes regiões do Brasil. Assim, observa-se uma estrutura de associações e ligas que organizam as competições desta modalidade. Todos os dias os jovens sofrem influência, na forma de espetáculo, de sonhos, de lazer, de ídolos, entre muitos outros (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

Na organização do esporte brasileiro, as federações esportivas desempenham um papel fundamental na forma de competição realizada nas categorias iniciais, tanto em nível municipal, quanto estadual (ARENA; BÖHME, 2004).

Dessa forma, a organização de competições de futebol em categorias iniciais tem seguido um mesmo padrão de modelos convencionais que não tem levado em consideração o nível de idade e condições de seus participantes.

A competição em fase de iniciação esportiva deveria ser pensada de maneira mais atraente, nas quais as regras e os regulamentos sejam diferentes dos convencionais e adaptados em prol da prática do iniciante (CUNHA et al., 2011).

¹ Categorias iniciais são aquelas denominadas na Federação Paulista de Futebol (FPF) de categorias de entrada (Sub-11 e Sub-13), e as demais quando o termo utilizado for categorias menores (Sub-11, Sub-13, Sub-15, Sub-17 e Sub-20).

Esse envolvimento da criança e do adolescente com o esporte competitivo é um fenômeno recente, e tem se tornado cada vez maior em idades mais novas. Fato este que a Ciência do Esporte tem a necessidade de elaborar discussões sobre a participação da criança no treino e na atividade competitiva, para criar condições de fazer dela uma experiência positiva. A competição é um fator fortemente presente em nossa sociedade, principalmente quando se objetiva a continuidade de envolvimento em uma modalidade esportiva, e não basta lidar com os problemas da disputa competitiva apenas negando-as (REVERDITO et al., 2019).

Para De Rose Junior (2009), um dos grandes problemas do treinamento e da competição infantil é a maneira simplista de pensar do adulto sobre a iniciação esportiva. Segundo o autor, os professores e treinadores envolvidos com o esporte infantil utilizam o conhecimento adquirido a partir de modelos de treinamento adulto para planejar e ministrar o treinamento aos jovens atletas, não considerando as necessidades e contextos em que vivem os indivíduos, em função do seu nível de desenvolvimento.

Segundo Cardoso (2007), é evidente que a preparação das competições, assim como os princípios e recomendações para o treino de crianças e adolescentes, não pode ser igual aos que orientam os atletas de alto nível. As práticas esportivas realizadas com crianças e jovens, de alguma forma, podem ser dimensionadas com base nas características físicas, emocionais e maturacionais, para que sejam interessantes para a manutenção do hábito de prática e do envolvimento destas crianças em ambientes de prática.

Muitas vezes, o treinamento de crianças e jovens é conduzido buscando resultados imediatos, não respeitando aspectos físicos, psicológicos e maturacionais de cada faixa etária (BÖHME, 2011). Os treinadores também colaboram para esse processo, uma vez que muitas vezes enxergam nas categorias iniciais de competição esportiva um momento de projeção para assumir equipes adultas, com maior repercussão profissional em termos competitivos, colocando os propósitos pessoais de carreira à frente dos propósitos pedagógicos da formação de jovens (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

No entanto, a crescente importância social do fenômeno esportivo, aliada ao aumento da oferta de competições em um quadro cada vez mais especializado, passou a definir novas exigências do envolvimento infanto-juvenil, determinando participações e especializações de crianças e adolescentes, cada vez mais precoces (MILISTETD, 2014).

Sob o ponto de vista dos dirigentes, com referência aos objetivos das federações em relação às competições realizadas com crianças, verificou-se como principais objetivos da maior parte das federações do Estado de São Paulo (Basquetebol, Handebol, Voleibol, Natação,

Judô e Tênis), a massificação, divulgação e crescimento da modalidade esportiva, além da renovação futura e formação de jovens atletas através da experiência em competições (ARENA; BÖHME, 2004).

Os estudos realizados por Arena e Böhme, quanto a critérios de iniciação e especialização esportiva adotados por clubes e secretarias de esportes da Região da Grande São Paulo, de modalidades individuais (atletismo, ginástica, natação, judô e tênis) e coletivas (futsal, basquetebol, handebol e voleibol), além das federações esportivas responsáveis pela organização da competição em categorias iniciais, apontam para idades precoces de especialização esportiva, falta de fundamentação teórica, poucas adaptações e calendários longos. Além disso, as escolas de esportes não fazem seleção dos participantes e algumas entidades não concordam com as idades e a forma de competição, mas participam das competições federadas nas categorias iniciais. A partir desses estudos, surge uma lacuna para o Futebol nesta pesquisa, especificamente neste caso do Estado de São Paulo, por se tratar de uma real significância do aumento do número de crianças envolvidas com a prática competitiva nestas categorias iniciais (FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL, 2019).

Segundo os estudos realizados por Arena (2000), sob o ponto de vista dos dirigentes esportivos (DE) do estado de São Paulo, com referência aos objetivos das federações em relação às competições realizadas com categorias menores, verificou-se que:

- a) as federações de basquetebol, voleibol, atletismo e ginástica possuem como principais objetivos a renovação futura e formação esportiva através da experiência em competições;
- b) as federações de handebol, judô e tênis possuem como principais objetivos a massificação, divulgação e crescimento da modalidade;
- c) as federações de basquetebol, natação, judô e tênis têm por objetivo o aumento do número de participantes ou filiados;
- d) a federação de judô tem como um dos objetivos a sobrevivência de algumas academias e clubes;
- e) somente a federação de futsal tem como principal objetivo a promoção de competições.

Neste estudo sobre as federações não foi mencionada a modalidade esportiva futebol, o que se abre uma formulação de uma pesquisa nessa área, especificamente no Estado de São Paulo, sob os propósitos dos dirigentes esportivos.

No contexto esportivo, a competição infanto-juvenil é cada vez mais difundida, sendo organizada e determinada por critérios não muito claros, estabelecidos por adultos que, na maioria das vezes, ignoram as reais condições e necessidades dos participantes (DE ROSE JR, 2009). Tal fato indica que, para a criança começar a participar de competições regulares organizadas por federações esportivas nas categorias iniciais, deve iniciar a prática do esporte específico em um ou dois anos antes de competir (ARENA, 2000). Um dos aspectos que caracteriza o esporte pautado no sentido oficial, é a utilização de um sistema de competição para crianças em que os resultados esportivos e as vitórias são os principais objetivos (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

A participação em competições de categorias iniciais não assegura a repetição dos resultados em categorias maiores. De fato, embora o sucesso na competição determine os recursos alocados para o desenvolvimento dos atletas em todas as idades, a definição e as implicações do sucesso inicial devem ser cuidadosamente consideradas (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2012).

No entanto, se por um lado existe esse envolvimento de crianças e de adolescentes em práticas esportivas, conferida as questões teóricas e metodológicas do treinamento uma crescente importância e atenção especial (ARENA, 2000), por outro lado, a carência de pesquisas sobre o enquadramento da competição não tem recebido a mesma atenção (RUFINO et al., 2016). Dada à relevância da problemática, é preciso buscar informações para o desenvolvimento de um modelo mais adequado das competições, se possível, baseado numa maior cooperação entre a comunidade científica e as organizações desportivas.

A adequação dos sistemas de competições e a preparação de seus iniciantes para vivência desse contexto desde os primeiros momentos da vida esportiva necessitam de uma maior cooperação entre as confederações, federações e ligas esportivas, a comunidade científica e universidades (JUCHEM, 2015).

Neste caso, as competições nas categorias iniciais Sub-11 e Sub-13 promovidas pela Federação Paulista de Futebol (FPF) parecem atingir, a cada ano, um aumento significativo no número de afiliados participantes. Desde seu início em 2008, foram 24 equipes, e no último ano, 46 equipes. Tendo cada vez mais um lugar de destaque, principalmente aos veículos de comunicação, sites, jornais, revistas que por sua vez, não tem deixado de divulgar e incentivar tais competições para crianças (FILGUEIRA, 2004).

Diante disso, devido a um crescente envolvimento competitivo do futebol no Estado de São Paulo nas categorias iniciais (FILGUEIRA; MARQUES, 2018), e dada a complexidade do

fenômeno a fim de favorecer uma adequada formação esportiva, esta pesquisa teve o intuito de retratar as perspectivas dos dirigentes de clubes e da Federação Paulista de Futebol (FPF) responsáveis pela promoção e organização das competições nas primeiras categorias iniciais, quanto aos seus objetivos, sentidos e opiniões sobre o sistema de competições proposto para essas categorias em análise.

Considerando que nas últimas décadas o envolvimento de crianças em competições esportivas tem aumentado, tal cenário cria uma demanda por estudos sobre tais eventos, bem como a forma que estão sendo iniciadas nessas atividades competitivas, com suas condições, características e necessidades. Assim como, a modalidade esportiva considerada, justificam o fato de fatores relacionados a processos de treinamento e planejamento estratégico ligado às competições, como de direcionar o sentido do esporte para formação humana.

Incluídos neste contexto, entre outros, estão os dirigentes responsáveis pelas entidades esportivas, que desempenham um papel importante para ampliar as compreensões sobre as competições esportivas de forma crítica, a partir das perspectivas relacionadas às etapas iniciais de formação e sistema de competições no futebol no Estado de São Paulo. Existe certa carência de pesquisas que retratem os critérios adotados por dirigentes e profissionais dessas entidades esportivas, que são as pessoas que tomam as decisões sobre às competições esportivas (RUFINO; DARIDO, 2011).

Surge deste cenário um questionamento, que se faz central neste estudo: quais são as perspectivas dos dirigentes de clubes e da FPF sobre os objetivos e sentidos das competições organizadas por esta federação para as categorias sub-11 e sub-13? Ao propósito desta pesquisa, recorreremos aos dirigentes de Clubes e da FPF, de modo a responder quanto às suas perspectivas sobre os objetivos e sentidos das competições promovidas pela entidade nas categorias iniciais.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

O objetivo geral da pesquisa foi analisar e descrever as perspectivas dos dirigentes de clubes e da Federação Paulista de Futebol sobre os objetivos e sentidos das competições organizadas por esta instituição para as categorias iniciais Sub-11 e Sub-13.

2.2. Objetivos Específicos

- a) descrever como se dá o processo de organização e participação das competições nas categorias iniciais;
- b) analisar quais são os critérios e fundamentação dos dirigentes para propor o atual sistema de competições de tais categorias, promovidos pela FPF;
- c) identificar possíveis adaptações e alterações nas competições, e quais são os seus objetivos;
- d) analisar quais são as opiniões dos dirigentes sobre os resultados alcançados até o momento em relação aos objetivos propostos pela federação.

3. JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa justifica-se por oferecer uma contribuição à área de estudos da Pedagogia do Esporte, e mais especificamente, Pedagogia do Futebol, com a missão de analisar, avaliar e refletir sobre o formato das competições organizadas pela FPF nas categorias Sub-11 e Sub-13, pela perspectiva de dirigentes esportivos no Estado de São Paulo.

Portanto, esta pesquisa pode preencher uma lacuna importante para a área, que permita por meio dos resultados expostos, refletir a realidade sobre a competição esportiva em categorias menores, oferecendo subsídios teóricos, a exemplo de estudos realizados por Arena (2000), que pode nos conduzir a uma reflexão e subsídios para futuras intervenções sobre como estabelecer um panorama sobre a prática competitiva no futebol paulista.

Este estudo poderá contribuir com as pesquisas a respeito do tema, para que seja possível aprofundar o conhecimento sobre como ocorre o processo de formação esportiva no futebol, especificamente no Estado de São Paulo.

Existe uma necessidade de melhor entendimento da atuação do dirigente esportivo quanto aos seus objetivos, suas prioridades e como eles racionalizam os seus sentimentos com a posição que ocupam no contexto.

É importante propor uma reflexão sobre esta problemática da relação inseparável entre esporte e competição deste contexto, imerso a atitudes e ações culturalmente construídas.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. O Modelo de Concepção das Formas de Manifestação do Esporte (MCFME)

Toda prática esportiva se expressa em uma forma específica de manifestação do esporte. Esta inter-relaciona o sentido da prática (expressa razões, interesse e valores que lhe são dados), a modalidade (modalidade esportivas caracterizadas por regras, normas de ações e formas de disputa próprias) e ambiente (espaço social em que se realiza a prática esportiva). Para compreender uma manifestação esportiva, é preciso considerá-la como um fenômeno complexo, que pode estar presente em diversos ambientes de prática (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

O esporte é um dos fenômenos socioculturais mais importantes da contemporaneidade, o qual se caracteriza pelas relações humanas (sociais) permeado de uma perspectiva cultural e está presente em diversos cenários (campos sociais) entre diferentes grupos de indivíduos de variados locais, culturas, idades, gêneros, bem como de múltiplos significados e propósitos.

Marques (2015, p.149) afirma que,

por fazer parte de forma destacada deste mundo globalizado, o esporte é um fenômeno sociocultural que participa deste movimento de universalização de práticas (quase o mundo todo sabe o que é futebol), que, ao mesmo tempo, sofrem transformações ao serem incorporadas em diferentes formas de cultura (o futebol pode ser jogado de diferentes formas, de acordo com as intenções, capacidades, limitações e interesses das pessoas que com ele se envolvem).

Nesse sentido, o esporte manifesta-se de forma heterogênea, com expressões de valores simbólicos consensuais e plurais que se modificam e são incorporados por pessoas de formas diferentes de acordo com as características culturais próprias dos indivíduos. A mesma forma de esporte pode ter significados e impactos diferentes entre os participantes, assim como a intenção dos atores envolvidos com o universo esportivo pode variar em relação à mesma atividade (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007)

Frente a este fenômeno esportivo, a sociedade estabelece formas de apropriação a partir de suas afinidades e interesses em diferentes ambientes, de acordo com suas configurações sociais (BOURDIEU, 2004b). Mediante a todo este cenário, o esporte passa por um processo de conformação dos diversos *habitus*² esportivos contemporâneos. Tais formas de manifestação

² O *habitus*, segundo Bourdieu (2004a), é a forma de ação própria do indivíduo em relação a um sistema de disposições duráveis e transponíveis por meio do qual ele percebe, julga e atua no mundo.

do esporte surgiram após o crescimento de sua divulgação e prática em nível mundial (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009). Sua apropriação por culturas diferentes propiciou a criação de diversas formas de ambientes e sentidos de práticas, que incluem o alto rendimento, o lazer e a escola formal (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Nesse processo, o esporte contemporâneo se caracteriza como um fenômeno heterogêneo ligado ao mercado, cujas práticas, voltadas ao lazer, à educação formal e ao alto rendimento, acabaram ou se associando ao giro de capital, ou sofrendo influência cultural de um modelo hegemônico (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009).

De acordo com Marques, Gutierrez e Almeida (2008, p.46), o Modelo de Concepção das Formas de Manifestação do Esporte (MCFME) é composto por três esferas interligadas:

- ambiente da prática: relaciona a esfera social em que se realiza a prática esportiva. Diz respeito aos meios profissional (alto rendimento), não-profissional (lazer) e escolar;
- modalidade da prática: modalidades esportivas que se caracterizam por regras, normas de ação e formas de disputa e regidas por entidades reguladoras próprias (ex. futebol, boxe, natação, entre outras);
- sentido da prática: diz respeito às razões e aos valores transmitidos pela prática (oficial e resignificado). Sentido de práticas controladas por órgãos reguladores oficiais de comparação de desempenho atlético e busca por vencedores e, outras, sem regulamentação legal ao consenso das necessidades, capacidades, possibilidades, intuítos e expectativas dos praticantes.

Quadro 1 – Modelo de Concepção das Formas de Manifestação do Esporte (MCFME)

Ambiente da prática	Modalidade da prática	Sentido da prática
- Profissional	- Futsal	- Oficial
- Lazer	- Futebol	- Ressignificado
- Escolar	- Voleibol	
	- Basquete...	

Fonte: Adaptado de Marques, Almeida e Gutierrez (2007).

O sentido da prática se refere às razões e aos valores transmitidos por ela, influenciado pelas condições sociais, culturais e históricas dos indivíduos envolvidos com a prática, dando-lhe significado. Por isso, torna-se possível afirmar que o esporte não se expressa por si só, mas de acordo com o sentido que lhe é dado (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Diante das diferentes formas de manifestação esportiva, isso permite ao indivíduo moldar o sentido da sua prática, de acordo com seus interesses e possibilidades, e a maneira como o grupo se relaciona com este, seria passível de ressignificações. Porém, essa perspectiva de ressignificado não converge com o sentido *oficial*, que é pautado no respeito irrestrito às regras formais de cada modalidade esportiva, encontrado nos três possíveis ambientes (alto rendimento, lazer e escolar) (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

O sentido ressignificado de acordo com Marques (2015, p. 163),

é incompatível com o ambiente de alto rendimento, pois se baseia em transformações de regras, e/ou do valor dado ao resultado da competição. Esta forma de organização da prática baseia-se em processos de adaptação da atividade esportiva às capacidades, limitações e objetivos dos participantes, de modo a privilegiar o processo de vivência esportiva, colocando o resultado da competição em segundo plano.

Contextualizado as possibilidades, não há como negar a existência e valores do esporte oficial. Sua prática pode ser construtiva em alguns contextos, de modo que seus pressupostos se baseiem em valores de desenvolvimento social, moral e ético. Porém, por outro lado, atividades onde as crianças possam jogar períodos iguais, com garantias de paridade competitiva, sendo o objetivo principal a excitação para o esporte, tem um sentido ressignificado. Enquanto uma atividade vinculada ao respeito irrestrito às regras formais da modalidade esportiva, com o objetivo primário de comparação de desempenhos e destaque principal ao resultado de disputa têm se o sentido pautado ao esporte oficial (MARQUES, 2015).

Na análise das diversas formas de manifestação do esporte, Marques, Gutierrez e Almeida (2008) salientam que o fenômeno esporte acontece em diversos ambientes, através de modalidades reguladas por regras e histórias próprias, e com sentidos introduzidos de acordo com as expectativas, objetivos, limitações e possibilidades dos participantes.

Do ponto de vista social e pedagógico, conforme exemplifica Marques, Gutierrez e Montagner (2009), houve uma diminuição do número dos campos de várzea, principalmente nas grandes cidades, e o crescimento das escolinhas e dos espaços específicos para a prática do futebol, que são comercializados mediante o aluguel de campos e quadras.

O processo de treinamento do Futebol e do Futsal brasileiro ocorre em diferentes locais, como escolas, projetos governamentais, projetos do Terceiro Setor, escolas de futebol privadas, clubes de futebol, entre outros (BÖHME, 2011).

A partir dessa diversificação de práticas através do surgimento de inúmeras formas de manifestação das atividades esportivas, outro ponto a ser destacado é o conceito de esporte regido por regras oficialmente reguladas, o que implica quando as regras foram sistematizadas e associações, ligas e federações foram criadas como órgãos reguladores das práticas esportivas. São exemplos das diferentes formas de manifestação do futebol, aquele jogado em uma partida de campeonato brasileiro, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), e outro jogado em campos de várzea por praticantes de determinado bairro ou cidade.

Da valorização do caráter heterogêneo das práticas esportivas surgem importantes aspectos relacionados quanto ao seu significado, propósito e organização, além das perspectivas sob o olhar daquele que o pratica em relação aos seus objetivos, expectativas e capacidades, e ainda das questões de mercantilização do esporte. O esporte é produto dos indivíduos que o vivenciam, divulgam, organizam, consomem e transformam (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Considerando a diversidade de apropriações culturalmente diversificadas sobre o fenômeno esportivo na atualidade, através do jogo ou atividade, é preciso considerar também a importância do esporte de alto rendimento na sociedade contemporânea (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

A este fenômeno surgem as inúmeras formas de manifestação do esporte pelo processo que podemos intitular diversificação de práticas. Nota-se, portanto, por meio da heterogeneidade de práticas e aumento do acesso ao esporte dos indivíduos através das suas diversas formas de manifestação, a criação de diferentes ambientes e sentidos de práticas (o alto rendimento, lazer e a escola).

Essa abordagem contemporânea do uso do esporte como fenômeno sociocultural e pluralizado, implica em uma prática cada vez mais presente na vida das pessoas e manifesta-se em diversos sentidos e significados que se fazem presentes na sociedade atual.

Além da mercantilização da prática, a institucionalização de sentidos diferentes da prática esportiva que transcendem a esse fenômeno heterogêneo ligado ao mercado e influenciado pelos meios de comunicação, são aspectos importantes da transformação do esporte moderno em contemporâneo³.

³ Essa transformação não se deu como uma ruptura pontual seguida do surgimento de um fenômeno totalmente novo, como no século XIX (período de surgimento do esporte moderno a partir da transformação e racionalização de jogos populares, gerando o fenômeno esportivo) mas resultou de adaptações do fenômeno moderno a novas configurações sociais, gerando um objeto diferente, o esporte contemporâneo (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009).

A clareza nas diferenças entre o esporte contemporâneo do esporte moderno se desenvolve principalmente a partir de uma maior oferta de consumo de práticas esportivas (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009). Porém, as pessoas, ao se envolverem com a prática esportiva, acabaram por dar novos sentidos a essa atividade, de acordo com os hábitos esportivos do grupo que o pratica. Contudo, essas questões norteiam as Ciências do Esporte atualmente, nas diferentes formas de manifestação, sentidos e significados, como por exemplo, alternativas que priorizem uma prática de forma mais interessante e prazerosa para a criança, que possa ser incorporada ao seu estilo de vida, independente de se tornar um atleta profissional ou não.

Em termos de procedimentos pedagógicos ligados à competição para crianças e adolescentes nas diversas modalidades, ambientes e sentidos de prática, Marques (2015, p.164) cita que

...para ensinar futebol, antes de considerar componentes técnicos e táticos, sugere-se a contextualização em relação ao ambiente sociocultural em que se oferece esta prática, como os objetivos, potencialidades, limitações e significações que os participantes interessados apresentam, direcionando a atividade de modo a tratar de valores morais de forma coerente com as perspectivas de tais grupos.

Assim como a competição, o esporte tem o seu papel construtivo na sociedade, que dependerá da forma como será direcionado e nos sentidos que tornará seus significados mais condizentes com os valores e sentidos esperados das relações sociais dos indivíduos que nele estão inseridos.

Para Bourdieu (2004a), é na relação entre o espaço das diferentes modalidades e das relações sociais que se define as propriedades pertinentes de cada forma de prática esportiva. Nesse campo, cada indivíduo se apropria das regras e normas do esporte de acordo com sua perspectiva, e transforma a prática de acordo com as suas formas de apropriação (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008). Para compreender uma manifestação esportiva, é preciso entender a complexidade das inter-relações sociais de uma modalidade presente em diversos ambientes de prática e o sentido (significado) que dão aos seus agentes.

Numa primeira análise, uma discussão que se faz necessária são as diferentes maneiras de expressão do esporte, isto é, os diversos sentidos da prática estão presentes nos diferentes ambientes de prática nas formas de manifestação do esporte.

Nesse sentido, vislumbram-se formas distintas da modalidade esportiva futebol, como por exemplo o de caráter oficial e regulamentado, que ocorre no alto rendimento e é medido

aos valores de desempenho dos atletas. E por outro lado, ter outros sentidos, como por exemplo, apenas a busca por diversão.

Inerente ao esporte de alto rendimento, e presente também no esporte de lazer e escolar, um ponto que merece atenção é o sentido da competição, que pode se manifestar tanto nas reproduções dos valores do esporte profissional, quanto aos interesses de seus praticantes.

Quando pautado no sentido oficial, o esporte de lazer tem suas regras padronizadas, iguais ao ambiente profissional e muitas vezes controladas por órgãos reguladores, visando determinar vencedores através de comparação objetiva de desempenhos (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008), com equipes que se revezam e regras adaptadas às suas necessidades, intenções e limitações deriva de uma manifestação do esporte de lazer ressignificado (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

Para os autores Marques, Gutierrez e Almeida (2008), quando influenciada por determinações de desempenhos e rivalidade, a prática esportiva de lazer pautada no sentido oficial ensina os mesmos valores do ambiente profissional, como a segregação e a busca por vencedores, sem, contudo, reproduzir a relação de trabalho.

O fato de transmitir os mesmos valores do ambiente profissional faz dessa forma um meio pautado em exigências de alto rendimento e tolerância a frustrações, as quais nem todos os participantes se encontram preparados (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

A esse propósito, Marques, Gutierrez e Almeida (2008, p. 53) descrevem que

Não é o esporte oficial o fator de desequilíbrio entre exigência e capacidade de realização dos indivíduos, mas sim, o que se faz com ele. O esporte de lazer, quando pautado nessas normas, por exemplo, num campeonato de crianças, regido por uma federação, reproduz as realizações adequadas a um ambiente específico, próprio do esporte oficial, porém, num meio diferente.

O esporte é aquilo que se faz dele, ou seja, esse fenômeno será o que se produz e transmite nas relações sociais que o permeiam (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009). O esporte é um fenômeno heterogêneo e em constante transformação, transmitindo valores de acordo com suas formas de manifestação, o que indica a necessidade de adequação do seu sentido ao ambiente social em que se insere (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

A ideia não é defender que as normas do esporte oficial não sejam adequadas ao ambiente de lazer, mas sim que demandam dos praticantes capacidades físicas, emocionais e até de interações sociais, de relacionarem-se com as exigências e ocorrências desse meio para

serem capazes de transformá-lo numa prática saudável (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Em outra perspectiva, o caso do sentido do esporte de lazer ressignificado, mesmo derivado das normas e valores hegemônicos do esporte oficial, sofre uma transformação que apresenta objetivos distintos da busca incessante pela vitória, e preza pela valorização do processo como um todo, repleto de vivências, proporcionado por uma mudança de sentido e significado que os praticantes dão à atividade e às possíveis alterações das regras de disputa.

Isso possibilita ao participante moldar a prática ao sentido de seus interesses, tornando-a mais atrativa e prazerosa, podendo-se excluir a rivalidade do processo competitivo. O sentido da prática deriva da importância e do papel que é atribuído ao processo competitivo, transmitindo valores (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

O sentido que se dá à prática deriva da competição, no valor dado ao seu resultado como determinação do sentido adotado pela atividade. Se a determinação de vencedores é prioridade, toma-se proximidade ao esporte oficial. Já se a competição tem um caráter de estimular a prática, estabelecendo maiores possibilidades de adaptação da mesma aos participantes, há o apontamento para o esporte ressignificado (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

O simples fato de promover alterações e adaptações às regras das modalidades em disputa não garantem uma mudança no sentido da prática, inclusive o exagero a essas condições podem descaracterizar a atividade e alterar a sua dinâmica de jogo. Essa intenção se justifica para que haja uma vinculação aos objetivos e possibilidades dos praticantes, e por consequência, ao seu gosto pela atividade, direcionando-a para um sentido de prazer que muitas vezes não é somente nutrido pela vitória, mas também por vivências as experiências diversificadas proporcionadas pelo jogo (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

É importante salientar que o sentido dado à prática esportiva seja coerente com o ambiente adequado aos seus praticantes e os valores transmitidos de forma consciente por seus participantes e promotores da atividade.

É nessa direção que as formas de manifestação do esporte são formadas de acordo com os indivíduos envolvidos, seus objetivos e intenções para com a atividade esportiva, e por isso, carregam muitos significados e símbolos culturais desses indivíduos (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

4.2. Pluralidade de sentidos das competições esportivas infantis

O esporte é um dos mais importantes fenômenos socioculturais na atualidade, e de fato se mostra crescente o interesse da sociedade pela prática esportiva, e junto a isso, o constante debate sobre a competição entre os mais jovens, principalmente entre acadêmicos, pedagogos do esporte e pais, dada a complexidade de fatores que a temática envolve (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

Acompanhando este processo, foram desenvolvidos sistemas estaduais de competições que estão sendo aperfeiçoados e promovidos pelas federações de cada estado. Neste caso, por exemplo, a Federação Paulista de Futebol instituiu as competições sub-11 e sub-13 a partir de 2008. Como será demonstrado adiante nesta pesquisa, não há um consenso entre as federações no Brasil quanto às idades de início e as categorias de competição.

De Rose Junior (2009) concorda que crianças e adolescentes vivenciam modelos esportivos competitivos que são propostos pelas lideranças adultas. E para o autor, como a competição ocorre em contextos sociais específicos, a compreensão que a criança e o adolescente desenvolvem sobre esse fenômeno é influenciada por valores do ambiente social e cultural sob o ponto de vista do adulto e das instituições.

Este entendimento tem uma similaridade com as competições promovidas pelas federações a nível estadual, que têm um modelo enraizado em um enquadramento sistematizado e espetacularizado.

Para os autores Reverdito, Scaglia e Montagner (2013, p.157):

O primeiro passo para uma competição coerente é entender que o processo competitivo da criança pode ser diferente do adulto, mas, com certeza, apenas essa diferenciação não contemplaria todas as necessidades pedagógicas necessárias à formação dos mais jovens. O passo seguinte seria estabelecermos objetivos e formatos diferentes para cada ambiente, para cada faixa etária, para cada nível competitivo.

Nesse entendimento, Marques (2004) relata que o esporte só será para a criança uma atividade prazerosa quando formos capazes de construí-lo à medida das suas necessidades, possibilidades e expectativas.

A respeito deste tratamento mediado por adultos, Korsakas (2009, p. 70), cita que,

O papel dos adultos envolvidos com o esporte, sejam eles pais, educadores ou árbitros, e a orientação do ambiente esportivo – a mediação de seus significados – estão diretamente relacionados à visão adulta dos propósitos do esporte e da educação.

A competição tem um significado simbólico e culturalmente emanado de um sistema social, que passa por uma reflexão de sua proposição ao mau aproveitamento dos seus objetivos

formativos e pedagógicos que possam desenvolver uma relação estável e duradoura da criança com a prática esportiva. Cabe aos agentes que compõem o corpo institucional (professores, treinadores, dirigentes aos clubes, federações, universidades, governos e ministérios) uma melhor compreensão do significado da competição infantil e das verdadeiras necessidades de quem a compõe e não de quem a propõe. O problema parece estar na forma como essa competição é feita e quais os objetivos de quem a propõe (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

A partir de alguns estudos (ARENA, 2000; ARENA; BÖHME, 2004; MILISTETD et al., 2014) pode-se observar que existe um sistema de competição em idades menores e com formas e calendários que pouco diferem das categorias subseqüentes ou maiores. Nesse cenário, são desejáveis aprofundamentos que possibilitem avanços na fundamentação teórica que justifique diferentes critérios e idades adotadas na realização de competições iniciais, e por fim, à forma de competição se mostra inadequada com poucas adaptações e calendários longos e parecidos em todas as categorias iniciais para os esportes coletivos (basquetebol, voleibol, handebol e futsal).

Nesse foco da competição promovida pelas federações, na qual essa pesquisa propõe a investigar o futebol em categorias de idades mais jovens, cabe ressaltar que dentre os diversos agentes sociais envolvidos (pais, treinadores, dirigentes, árbitros, instituições/clubes, federação, entre outros) seja necessária uma proposta pedagógica para se construir modelos mais adequados para crianças, ao invés simplesmente de reproduzir modelos aplicados aos adultos.

Nessa perspectiva, segundo os autores Reverdito, Scaglia e Montagner (2013, p.144),

Certamente, a competição infantil é um tema complexo, que deve envolver, em seu debate, dirigentes, professores, árbitros, pais e, em especial, a própria criança, que muitas vezes se vê envolvida em uma competição que responde às necessidades de quem a propõe, e não às suas próprias aspirações, desejos e competências.

No intuito de apresentar os problemas decorrentes da competição na relação com o jogo e o esporte, Freire (2009, p.136) reafirma que:

O jogo ou o esporte representam, num contexto lúdico, as ações individuais e coletivas das pessoas e da sociedade. Portanto, a competição não nasce no jogo, mas é nele representada. Se a competição assume, na sociedade, o caráter predatório que observamos atualmente, não é por culpa do jogo e nem será suprimindo deste o aspecto competitivo que o problema desaparecerá.

Para Arena (2000), as atividades esportivas promovidas para crianças visam proporcionar métodos de treinamento mais atraentes e menos repetitivos, sendo o jogo apontado

como o principal conteúdo e recurso didático-metodológico mais adequado às necessidades das crianças e adolescentes.

Nessa perspectiva, a competição esportiva na forma como é apresentada, seus objetivos e fundamentação teórica fazem a diferença na responsabilidade por um processo de formação que é de todos os agentes envolvidos (treinador, professor, família, dirigentes, árbitros, etc.).

Por outro lado, nota-se que no Brasil, o treinamento intenso e a especialização no futebol se iniciam na infância e/ou na adolescência. Normalmente, o processo de profissionalização tem início, salvo exceções, entre os 16 e 20 anos de idade. Essa realidade faz com que o sonho da profissionalização se torne um projeto de vida e familiar. Quando na verdade, deveria ser um sonho, dentre outras possibilidades, mantido de forma equilibrada com outras estratégias de formação (SOUZA; VAZ; BARTHOLO, 2008).

O futebol, pela rede de significados que envolve no Brasil, se torna um projeto de vida principalmente para as famílias de camadas populares (SOUZA; VAZ; BARTHOLO, 2008).

O trabalho desenvolvido dentro de clubes e centros esportivos de treinamentos especializados implica em aperfeiçoamento e otimização do potencial físico, técnico, tático e psíquico de alto nível; durante este período aumenta-se sensivelmente a participação em competições regulares (ARENA, 2000).

Conforme descrito anteriormente, segundo Arena (2000), a especialização esportiva pode estabelecer uma relação direta com a participação em competições regulares se a criança pratica o esporte em uma instituição com tradições competitivas na modalidade (esporte federado).

Historicamente, herdamos um formato fechado e seletivo de competições nacionais para atender o público de doze a dezessete anos de idade (SCAGLIA; MEDEIROS; SADI, 2006). Entende-se que o fundamental, para propiciar uma melhor forma de participação de crianças e adolescentes, seria uma maior preocupação com a criação de competições regionais e estaduais mais equilibradas e com critérios mais diferenciados.

O fato é que o processo de iniciação esportiva é genuinamente clubista e totalmente apontado para a competição. A realidade do mercado futebolístico tem despertado muito interesse de profissionais em lucrar através de jogadores, sendo estes preparados cada vez mais precoces (SILVA; SILVA; PAOLI, 2011), visto que é rigidamente organizado, onde a obtenção dos resultados competitivos constitui-se como o principal objetivo. Porém, a participação no esporte, e a conquista de bons desempenhos, também oferecem condições de elementos estruturantes da personalidade de crianças e jovens.

As instituições esportivas utilizam as competições promovidas pelas federações como meio para descoberta de talentos, quando na verdade deveria ser parte do desenvolvimento de uma formação esportiva global para os jovens. Através de adequados modelos de competição e sistemas de disputa, professores, treinadores e federações esportivas podem transformar a competição em um espaço pedagógico e formativo dos participantes, ou, ao contrário, podem ocasionar a eliminação e o abandono precoce dos participantes (JUCHEM, 2015).

Tais características formativas poderão ser possíveis se o objetivo específico não for apenas vencer as partidas ou competições, o jogo ou a situação, mas encarar a disputa em uma relação de auto-avaliação de suas qualidades e deficiências e, principalmente, a satisfação por se desenvolver e o desejo de melhorar. Dessa forma, a utilização da competição como opção de intervenção pedagógica possui diversas razões para ser defendida e vivenciada (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

Uma das questões que entendemos como central para a organização de competições infanto-juvenis pelas federações esportivas, é que os regulamentos estejam adequados às tarefas formativas e funcionais específicas de cada faixa etária. No esporte infanto-juvenil, a demanda pela prática competitiva é reconhecida e deveria ser um excelente instrumento pedagógico suplementar aos conteúdos desenvolvidos nos treinamentos.

Através das competições, podem ser desenvolvidos alguns valores, que uma simples alteração de regras não é suficiente para mudança de sentido, mas que, as razões e finalidades daqueles que a promovem, orientam a sua prática e dão o sentido adequado ao ambiente. É a inter-relação entre o campo social, a modalidade praticada com suas regras e especificidades, e o sentido adotado para a prática, que formarão o contexto esportivo a ser vivenciado e os valores morais ensinados (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

É importante salientar que é necessário que o sentido adotado para a competição infanto-juvenil seja mais adequado com o ambiente em ela ocorre. Ou seja, implica em uma mudança da prática esportiva hegemônica neste contexto, para atender às limitações e capacidades de seus participantes, da mesma forma que transmita valores morais para colaborar num processo de formação moral dos envolvidos (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Torna-se de suma importância estabelecer oportunidades de situações competitivas para as crianças não a partir da lógica do esporte de alto rendimento, onde vitórias e derrotas fazem parte de todo o processo competitivo, mas considerar um olhar mais crítico sobre o sentido de outras formas de manifestação esportiva.

4.3. A descrição da estrutura organizacional federativa no Futebol Brasileiro

Nesta seção, para melhor compreensão sobre a estrutura do futebol no sentido de *esporte oficial* (pautado em regras e normas universais e reguladas por órgãos específicos) é necessário compreender como se organiza o modelo esportivo brasileiro desta modalidade esportiva. Essa estruturação diz respeito quanto às formas de disputas em relação às suas determinações legais e, em alguns casos, à história do esporte. Muitas delas têm entidades reguladoras próprias (federações, associações, confederações, ligas) que normatizam a prática (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

Tal compreensão da estrutura federativa no futebol passa primeiramente pelo conhecimento da modalidade esportiva ligada ao seu ambiente de prática, que é basicamente dividido entre o esporte de alto rendimento, lazer e escolar. Atualmente, as práticas esportivas estão totalmente ligadas ao conceito de federações em hierarquias, como acontece na maioria das modalidades de prática. Por sua vez, têm-se os clubes profissionais de futebol filiados às federações estaduais que reportam às federações nacionais (a Confederação Brasileira de Futebol – CBF), que respondem às federações continentais. As federações continentais prestam contas à *Fédération Internationale de Football Association (FIFA)*, que gerencia o futebol no planeta.

Segundo Costa (2017), cabe a essas instituições fomentar e difundir a prática esportiva pelo mundo, regulamentar e desenvolver a modalidade, exigir o cumprimento de regras, centralizar as decisões e captar recursos financeiros.

Dentro desse cenário futebolístico, Costa (2017, p.2) afirma que

No Brasil, o caminho normal que um atleta percorre é se filiar a uma agremiação desde as categorias de base – oriundo de peneiras ou escolinhas, ascendendo à equipe profissional de acordo com seu desempenho nos times menores. Apesar de oscilar entre o amador (base) e o profissional (adulto), todo esse modelo acontece sob a supervisão e a gestão do clube.

Nessa perspectiva, intitulamos o modelo de estruturação do futebol nas categorias iniciais através dos seus órgãos oficiais desde o nível mundial de torneios promovidos pela FIFA, até as competições de níveis regionais.

Na Figura 1, através de análise documental nos sites das entidades oficiais podemos constatar, por exemplo, que a FIFA promove competições mundiais somente a partir da categoria Sub-17 (FIFA, 2017). Em nível Sul-Americano, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) organiza desde 2004 uma competição para jogadores de até 15 anos de

idade, realizada a cada 2 (dois) anos (CONMEBOL, 2017). Por sua vez, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) mantém uma seleção masculina Sub-15 para disputa desse torneio, por outro lado, não desenvolve competições nacionais em níveis abaixo de 17 anos no futebol de base masculino.

Abaixo dessa categoria, embora não existam competições promovidas pela CBF, há uma competição extraoficial nesta categoria sub-15, a Copa Brasil de Futebol Infantil organizada pela Prefeitura Municipal de Votorantim-SP, realizada no início de cada ano (PREFEITURA MUNICIPAL DE VOTORANTIM, 2018). Recentemente, alguns clubes brasileiros, com o apoio da FPF, idealizaram a primeira edição da Copinha Sub-14⁴.

No âmbito do estado de São Paulo, a FPF promove competições estaduais das categorias iniciais (sub-11, sub-13, sub-15, sub-17 e sub-20) até o adulto.

Na Figura 1, mencionado o modelo Regional refere-se especificamente a região de Ribeirão Preto (RP), no estado de São Paulo, na qual existem campeonatos promovidos por Ligas, Associações, etc.

Figura 1 – Modelo de estruturação organizacional das competições menores de futebol

Fonte: Próprio autor

⁴ Torneio promovido pela FPF a partir de 2018. Participaram desta primeira edição 16 equipes: Atlético-MG, Atlético-PR, América-MG, Bahia, Botafogo-RJ, Chapecoense, Corinthians, Cruzeiro, Desportivo Brasil, Flamengo, Fluminense, Palmeiras, Red Bull, Santos, São Paulo e Vasco.

Em pesquisa anterior sobre a idade de início das competições através do site oficial das entidades federativas de futebol no Brasil, com um total de 23 Federações, pode-se constatar que não existe uma concordância no que se refere ao início da organização de competições (FILGUEIRA; MARQUES, 2018).

No Brasil, cerca de 60% das Federações começam a organizar competições a partir dos quatorze (14) anos de idade; cerca de 17% das Federações iniciam suas atividades competitivas aos nove (9) anos de idade; apenas três das 23 Federações promovem competições a partir dos onze (11) anos de idade e somente duas das Federações Brasileiras de Futebol permite a participação a partir dos oito (8) anos de idade. Neste caso, diferente das outras duas federações, a Federação Paulista e a Piauiense permite com que crianças com oito (8) anos possam participar do Campeonato Paulista Sub-11, ao passo que os demais somente garotos a partir de 9 anos completos (FILGUEIRA; MARQUES, 2018).

Quadro 2 – Primeiras Categorias de Competição das Federações de Futebol do Brasil

Federações Brasileiras de Futebol	Categorias de Início das Competições
Federação Paulista de Futebol – FPF; Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro – FERJ; Federação do Mato Grosso do Sul de Futebol – FFMS; Federação de Futebol do Piauí – FFP	SUB-11
Federação Cearense de Futebol – FCF; Federação Amapaense de Futebol – FAF; Federação Tocantinense de Futebol – FTF	SUB-13
Federação Mineira de Futebol – FMF; Federação de Futebol do Estado do Espírito Santo – FES; Federação Paranaense de Futebol – FPF; Federação Catarinense de Futebol – FCF; Federação Gaúcha de Futebol – FGF; Federação Goiana de Futebol – FGF; Federação Alagoana de Futebol – FAF; Federação Bahiana de Futebol – FBF; Federação Maranhense de Futebol – FMF; Federação Paranaense de Futebol – FPF; Federação Paraibana de Futebol – FPF; Federação Norte-Rio-Grandenses de Futebol – FNF; Federação Paraense de Futebol – FPF PARÁ	SUB-15
Federação de Futebol do Estado de Rondônia – FFER; Federação de Futebol do Estado do Acre – FFAC	SUB-17

Fonte: Adaptado de Filgueira e Marques (2018).

Vale mencionar que apesar da maioria das federações não promoverem competições em idades inferiores ao sub-13, ainda existem a nível regional, competições nessas faixas etárias (9 a 13 anos) organizadas por Ligas/Associações entre outros, conforme mostra a Figura 1.

Quando se trata da Federação Paulista de Futebol, a mesma divide suas competições por categorias que representam as idades dos participantes em grupos etários: Sub-11, Sub-13, Sub-15, Sub-17, Sub-20 e Principal. De acordo com o regulamento geral das competições os clubes além da obrigatoriedade de participarem das competições profissionais deverão disputar mais uma categoria a sua escolha estando distribuídas da seguinte forma: I. Sub-20; II. Sub-17 e Sub-15; III. Sub-13 e Sub-11.

Além dessas competições, a FPF promove o Campeonato Feminino ~~Amador~~, no qual podem jogar garotas a partir de 14 anos. A partir de 2017 a FPF passou a promover a competição feminina também na categoria Sub-17 com 17 clubes participantes.

Quadro 3 – Divisões de Categorias e Idades da Federação Paulista de Futebol

Federação Paulista de Futebol – FPF
Campeonato Paulista de Futebol Sub 11 08, 09, 10 e 11 anos
Campeonato Paulista de Futebol Sub 13 11, 12 e 13 anos
Campeonato Paulista de Futebol Sub 15 12, 13, 14 e 15 anos
Campeonato Paulista de Futebol Sub 17 13, 14, 15, 16 e 17 anos
Campeonato Paulista de Futebol Sub 20 – 1º e 2º Divisão 15, 16, 17, 18, 19 e 20 anos

Fonte: Adaptado de Filgueira e Marques (2018).

Conforme o Quadro 3, a FPF distribui os seus participantes por cinco categorias a partir dos 8 anos de idade. Com algumas alterações entre elas, a serem expostas nesta pesquisa, a FPF promove o Sub-11 e Sub-13 desde o ano de 2008.

A FPF tem mostrado nos últimos anos, principalmente a partir do ano de 2016, alguma preocupação em proporcionar alterações nas práticas competitivas em questão. Ainda sem desvelar os objetivos de tais adaptações nas regras emitidas pelos regulamentos oficiais específicos das categorias sub-11 e sub-13 (FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL, 2019), como apresentado a seguir, houve um grande avanço entre os anos de 2015 e 2016, algo mais significativo na categoria sub-11.

O Quadro 4 demonstra as idades de início da organização de competições na Federação Paulista de Futebol, com suas alterações estruturais e funcionais⁵ realizadas nos últimos 4 anos. Os dados foram analisados pelos regulamentos específicos das competições através do site oficial da entidade em São Paulo disponíveis no período que compreende os anos de 2014 a 2017.

As alterações analisadas por Milistetd et al. (2014) se referem às modificações estruturais (tempo de jogo, espaço de jogo, sistema de pontuação e equipamentos utilizados) e as alterações funcionais (mudanças nas regras de ação dos jogadores para melhor aproveitamento das categorias) propostas neste estudo para modalidade futebol.

Quadro 4 – Número de alterações estruturais (E) e alterações funcionais (F) nas primeiras categorias iniciais de futebol nas competições da Federação Paulista de Futebol

Ategoria	2014	2015	2016	2017
Sub-11	E: 2	E: 2	E: 5	E: 5
	F: 4	F: 4	F: 4	F: 4
Sub-13	E: 1	E: 1	E: 2	E: 2
	F: 3	F: 3	F: 3	F: 3

Fonte: Adaptado de Milistetd et al. (2014).

Em relação às alterações funcionais ao longo dos anos, a FPF não propõe modificações em ambas as categorias. Posto que houvesse avanços, modificações estruturais significativas aconteceram entre os anos de 2015 e 2016 (espaço de jogo, paradas técnicas para instruções e dimensão nas traves de gol). Para a categoria Sub-13, as alterações estruturais foram mínimas (1 ou 2), desde 2014 até o atual momento.

A partir dessa análise, da evolução das adaptações e alterações nas categorias iniciais durante esse período de 4 (quatro) anos, constatou-se que houve alterações estruturais significativas entre os anos de 2015 e 2016, no caso específico da categoria Sub-11. E o aumento de uma única alteração dessa natureza na categoria sub-13 entre esses anos.

As alterações estruturais (paradas técnicas, dimensão do campo e das traves) sugerem a existência de preocupações com o melhor aproveitamento competitivo dos jovens esportistas.

⁵ Segundo Milistetd et al. (2012) as alterações estruturais se referem a tamanho da bola, números de jogadores, tempo de jogo, dimensão do campo e das traves, sistema de pontuação e equipamentos utilizados. E as alterações funcionais estão relacionadas as mudanças nas regras de ação dos jogadores para melhor aproveitamento das categorias, como substituições, punições disciplinares e paradas técnicas.

No entanto, na categoria Sub-13 não há evidências de modificações significativas ao longo dos anos, conforme demonstra o Quadro 4.

Contudo, são constadas as modificações pela adaptação de algumas regras e condicionamentos estruturais, como sejam as traves e tamanho do campo de jogo. Porém, não se percebe adaptações funcionais, como por exemplo, a obrigatoriedade de todos jogadores da equipe participarem do jogo pelo menos por um tempo mínimo durante a partida, ou a permissão de um número ilimitado de substituições. Outro exemplo seria a divisão de quadros competitivos por níveis de aprendizagem e desempenho das crianças, haja visto que isto é algo que se torna bastante subjetivo no contexto federativo (FILGUEIRA; MARQUES, 2018).

Por hora, nota-se também que não há adaptações estruturais na categoria sub-13 quanto aos espaços de jogo, tamanho da bola e dimensões de traves.

Quadro 5 – Adaptações nas formas de competições na categoria Sub-11 e Sub-13 na
Federação Paulista de Futebol - FPF

no	Adaptações nas regras das categorias iniciais - FPF	Sub-11	Sub-13
2014	<ul style="list-style-type: none"> - seis substituições mais 01 (uma) exclusiva do goleiro - ocorre substituição disciplinar - não há a aplicação de cartões amarelos e vermelhos (inimputáveis) - escanteio na junção da linha lateral da grande área com linha de fundo - tamanho da bola N. 04 - dois tempos 20 min. (sub-11) e 25 minutos (sub-13) 	X X X X X X	X X X X
2015	Não há alterações nas adaptações do ano anterior (Idem 2014)		
2016	<ul style="list-style-type: none"> - sete substituições (obrigatório 2 (duas) substituições por partida) - dois tempos 25 min. (sub-11) e 30 minutos (sub-13) - três minutos de paradas técnicas em cada um dos tempos de jogo - dimensão do campo de jogo 72 x 50 m - traves serão de 5,00 x 2,20 m 	X X X X X	X X X
2017	<ul style="list-style-type: none"> - nove atletas titulares, sendo um o goleiro e até 9 atletas reservas - livre o número de substituições e o substituído pode retornar ao jogo - procedimento para aperto de mãos antes e após a partida (Fair Play) 	X X X	

Fonte: Adaptado de Filgueira e Marques (2018).

Em relação às alterações funcionais ao longo dos anos, a federação não propõe modificações em ambas as categorias. A partir dessa análise da evolução das adaptações e alterações nas categorias iniciais durante esse período de 4 (quatro) anos, constata-se que houve

alterações estruturais significativas entre os anos de 2015 e 2016 no caso específico da categoria Sub-11. E o aumento de uma única alteração dessa natureza na categoria sub-13 entre esses anos. As alterações estruturais (paradas técnicas, dimensão do campo e das traves) são evidências de preocupações com uma melhor aprendizagem através da competição de jovens esportistas. No entanto na categoria Sub-13 não há evidências de modificações significativas ao longo dos anos.

A simples alteração de regras não garante uma mudança de sentido do jogo, visto que esse depende também de um consenso entre os participantes em relação aos objetivos da prática (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008). Em alguns casos, o jogo pode sofrer um exagero de adaptações nas regras alterando até certo ponto a dinâmica do próprio jogo, o que pode torna-lo talvez menos atrativo aos olhos de seus praticantes.

Para os autores Marques, Gutierrez e Almeida (2008), no esporte de lazer, ambiente em que se encontram as competições infanto-juvenis promovidas pela FPF, as modificações das regras oficiais da modalidade ocorrem para que haja uma vinculação destas aos objetivos e possibilidades dos participantes e, conseqüentemente, ao prazer pela atividade.

Haja visto que as adaptações de regras podem ser uma forma de direcionar a prática para um sentido mais atraente e interativo de seus participantes, não excluindo a competição, mas redirecionando-a para que tenha um caráter estimulador da prática.

4.4. A organização das categorias iniciais na Federação Paulista de Futebol

Filgueira e Marques (2018) realizaram uma pesquisa que se constituiu como uma descrição do atual regime de competições das categorias iniciais vigente na Federação Paulista de Futebol. Seus resultados sugerem que existe uma diferenciação no que se refere à divisão das categorias. Na categoria Sub-13, as idades compreendem dois anos de nascimento, enquanto na Sub-11 e Sub-15 são compreendidos três anos de nascimento, na Sub-17 quatro anos, e Sub-20 até cinco anos de nascimento, conforme mencionado no capítulo anterior. Portanto, não há uma uniformidade na divisão das categorias na Federação Paulista de Futebol relativamente à competição de menores.

Quando se trata das idades de início competitivo no futebol, a Federação Paulista divide suas competições por categorias que representam as idades dos participantes em grupos etários: Sub-11, Sub-13, Sub-15, Sub-17, Sub-20 e Profissional. De acordo com o regulamento geral das competições os clubes além da obrigatoriedade de participarem das competições

profissionais devem disputar mais uma ou mais categorias a sua escolha, dentre as seguintes opções: I-Sub-20; II- Sub-17 e Sub-15; III- Sub-13 e Sub-11 (FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL, 2018).

Os dados da divisão das categorias iniciais na Federação Paulista têm diferentes idades cronológicas. As faixas etárias na FPF são divididas por ano de nascimento dos atletas entre dois e até cinco anos. Percebe-se que em algumas federações as idades mínimas de participação nas primeiras categorias, ou seja, a idade de entrada na competição federada se altera entre 8 e 9 anos de idade (FILGUEIRA; MARQUES, 2018). No caso da Federação Paulista, as competições a partir do Sub-11 a idade de início pode ser a partir dos 8 anos. Observa-se que a FPF é a federação que inicia mais cedo suas competições, apesar de estabelecer mais modificações nessas categorias.

Em relação às alterações estruturais e funcionais, a Federação Paulista é a que mais promove modificações em suas competições, principalmente na categoria sub-11 (FILGUEIRA; MARQUES, 2018). As modificações apontadas em seus quadros competitivos estão relacionadas às substituições, punições disciplinares, paradas técnicas, equipamentos e mudanças estruturais (espaço de jogo, tempo de jogo, tamanho das traves e número de jogadores). Considerando que houve avanços, essas modificações estruturais significativas aconteceram a partir do ano de 2015 no estado de São Paulo. Para categoria Sub-13 as alterações estruturais são mínimas (1 ou 2) desde 2014 até o atual momento.

Uma importante alteração que ocorreu a partir de 2016 na categoria Sub-11, foi a diminuição do tamanho do campo de jogo (72m x 50m). E em 2017, houve uma nova alteração na diminuição do número de jogadores no campo (9x9 sendo 1 goleiro).

As demais federações nas categorias abaixo de 11 anos, propõem algumas modificações mais relacionadas às substituições e tempo de jogo (FILGUEIRA; MARQUES, 2018). As mudanças no teor de um número maior de substituições podem enfatizar a participação efetiva de mais jogadores na partida.

Na categoria Sub-13 são mantidas as adaptações nas substituições, tempo de jogo, punições disciplinares e as paradas técnicas em cada um dos tempos. Sendo adaptações estruturais e funcionais similares, que se referem praticamente as substituições e tempo de jogo. A partir de 2017, as substituições na Sub-11 passaram a ser livres podendo o atleta substituído retornar ao jogo e a equipe composta para cada partida de 18 jogadores sendo 9 titulares e 9 suplentes. No caso da Sub-13, em 2018, as equipes foram compostas por 11 titulares e 11

suplentes e podendo haver 11 substituições no decorrer da partida em no máximo 03 atos de substituição, conforme regulamento.

A FPF tem tido a iniciativa de envolver a participação de clubes, dirigentes, professores e universidades em discussões e deliberações, não somente sobre os tópicos das alterações estruturais e funcionais, como também, com objetivo de propor ideias e formatos que possam mudar o conceito e imagem dos campeonatos atuais, onde seja evidente o propósito de criar oportunidades para que as crianças e adolescentes de 08 a 13 anos possam estar melhor inseridas na prática esportiva através do Futebol. Recentemente formou-se um Grupo de Trabalho de Estudos sobre as Competições Sub-11 e Sub-13⁶.

Relativamente ao âmbito dessas competições, para todas as categorias, o que se verifica é que elas acontecem numa dimensão estadual que compreende, conforme as categorias e o número de equipes participantes em (05) cinco fases (FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL, 2019):

- Uma fase regional de qualificação destinada a classificar duas ou três melhores equipes;
- Uma segunda fase destinada a classificar para a fase seguinte a melhor equipe;
- Uma terceira fase destinada a classificar para a fase seguinte a melhor equipe;
- Uma fase semifinal destinada a classificar para a fase seguinte a melhor equipe;
- Uma fase final que reúne duas das equipes iniciantes destinada a apurar o campeão.

A característica mais marcante desse sistema de disputa é que todas as fases são classificatórias, e a partir da segunda fase eliminatórias (forma de “mata-mata”), ou seja, são dois jogos de ida e volta entre duas equipes e classifica-se a equipe com maior número de pontos ganhos nesta fase, observando-se, caso necessário, os critérios de desempate previsto no regulamento. O regime de eliminatórias nas competições é mais utilizado nos escalões⁷ iniciados, juvenis e juniores, enquanto nos escalões inferiores este regime não é contemplado (PEREIRA, 2007).

Existe uma perversidade nesse modelo segundo Quina (2003, p. 21) pelo seguinte:

⁶ A Federação Paulista de Futebol, através da iniciativa do Presidente Reinaldo Carneiro Bastos, resolve criar um grupo de trabalho, envolvendo profissionais da FPF e experts da área técnica, jurídica, da psicologia, assistência social e da pedagogia do futebol, com a missão de analisar, avaliar e repensar o formato das competições organizadas pela FPF nas categorias Sub-11 e Sub-13.

⁷ Nos estudos Pereira (2007), a divisão das faixas etárias por escalão são: iniciados (13-14 anos), juvenis (15-16 anos) e juniores (17-18 anos).

- Porque proporciona a poucos (aqueles que conseguem atingir a última fase) muitas e ricas oportunidades de progresso e a muitos (aqueles que não conseguem passar da 1ª fase) poucas oportunidades de progresso;

- Ao organizarem-se as primeiras fases em critérios de proximidade geográfica e não critérios de valor desportivo, “obrigam-se” a competir praticantes com níveis de rendimento muito diferentes;

- Porque reflete e promove uma preocupação excessiva pela vitória, considerada como a condição determinante para se poder continuar em prova.

- Em síntese, porque conduz ao abandono da prática desportiva sobretudo daqueles que não passam da 1ª fase competitiva.

É sugerido pela literatura (SCAGLIA; MEDEIROS; SADI, 2006; PEREIRA, 2007; REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013) a competição em baixas idades através de eventos pedagógicos ou festivais esportivos⁸ em períodos concentrados. Ao contrário, vemos, pela análise de Filgueira e Marques (2018), que a FPF enfatiza as competições que decorrem durante uma época esportiva, mais espaçada com jogos aos fins-de-semana (Maio a Novembro).

Procurando pensar essa prática de um sistema de competição para as primeiras etapas de formação esportiva, Quina (2003, p. 24) sugere formas de organização destes festivais:

- Agrupadas em quatro ou seis equipes por proximidade geográfica ou não;
- Em regime de jornadas concentradas, isto é, todos os jogos realizados no mesmo local e no mesmo dia;
- Realizar-se em regime de todos contra todos em todas as provas;
- Planejar as atividades de forma que as equipes estejam sempre em atividade;
- O regulamento deve contemplar a obrigatoriedade de utilizar todos os jogadores por períodos idênticos de tempo em todas as provas;
- Não há boletins de jogo, nem registro de resultados, nem classificações;
- Os festivais devem terminar com uma confraternização onde todas as equipes ou todos os participantes possam receber recordações do mesmo tipo.

Os festivais poderiam amenizar as próprias disputas do caráter de “guerra” e os componentes de vitória/derrota serem abrandados (SCAGLIA; MEDEIROS; SADI, 2006).

⁸ Os Festivais Esportivos são competições que implicam processos metodológicos diferenciados, de integração, de caráter mais lúdico, mais voltados às crianças de 7 a 12 anos. Estabelece um maior envolvimento dos participantes ao conteúdo e organização da competição, tendo a necessidade de alterações estruturais e funcionais, realizados em períodos mais concentrados, muitas vezes, havendo ausência de mecanismos de estabelecimento de resultados oficiais.

Haveria melhor desempenho com a realização de torneios e jogos com maiores possibilidades de sucesso e oportunidades (SILVA; SILVA; PAOLI, 2011).

No atual sistema de competição⁹, a distribuição temporal de todas as categorias iniciais é de forma espaçada com início em Abril e Maio e término em Outubro e Novembro no ano do calendário. De acordo com os regulamentos, os clubes fazem um total de 22 a 32 jogos para aquelas que chegam até a final, conforme exemplifica o Quadro 6.

Esse modelo apresentado no Quadro 6 mostra um formato hegemônico de todas as categorias na maneira de estabelecer suas formas de disputa. Nas categorias Sub-11 e Sub-13, nosso objeto de estudo, os participantes eliminados na 1ª Fase fazem quase que a metade de jogos (54%) das equipes que alcançam a disputa final. Nas categorias maiores, os participantes fazem menos da metade dos jogos (37%) das equipes finalistas. Esse sistema de disputa deixa claro que a competição favorece uma maior participação daqueles mais aptos a chegar à final.

Quadro 6 – Número máximo e mínimo de jogos realizados por categoria durante as Competições da FPF

Categorias	Fases de classificação	Mínimo	Máximo
Sub-11	05 Fases	12 jogos	22 jogos
Sub-13	05 Fases	12 jogos	22 jogos
Sub-15	06 Fases	12 jogos	32 jogos
Sub-17	06 Fases	12 jogos	32 jogos
Sub-20	06 Fases	14 jogos	32 jogos

Fonte: Próprio autor

Nesse sentido, pela forma como a prática competitiva é enquadrada e conduzida exista uma relação participação/resultados. Demonstra por parte dos responsáveis pela organização e condução da prática sistemática em valorizar menos o caráter participativo do que os resultados competitivos. O sentido da prática se define pelo objetivo e significado que lhe é dado de acordo com as intenções e o contexto em que ela ocorre (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007), e se o estabelecimento de vencedores é primordial, faz-se uma proximidade ao esporte oficial (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

⁹ As várias competições (oficiais e não oficiais) que um atleta participa ao longo da sua preparação esportiva formam o sistema de competições.

As competições são um importante meio de se avaliar o progresso e o estágio de desenvolvimento dos jovens esportistas, através das disputas em equipes, organizadas a partir de regras e normas de conduta específicas da modalidade esportiva. Por esses motivos, as ampliações ocorridas podem ser percebidas pelo crescimento da aceitação por parte dos clubes federados nas competições iniciais. Este sistema de competições está relacionado com os objetivos que orientam esta participação competitiva (JUCHEM, 2015).

Devido ao fato do tema desta pesquisa ser o objetivo das competições, torna-se importante refletir sobre as funções específicas das mesmas (THIESS; LÜHNENSCHOLOSS; WILLE, 2004):

- Função de formação esportiva: aspectos relacionados à formação esportiva na modalidade com o desenvolvimento de um processo pedagógico de exercícios e treinamento com a competição como objetivo e o conteúdo do treinamento esportivo;

- Função educacional: o desenvolvimento da personalidade do esportista através do amadurecimento as regras de comportamentos morais durante as disputas e as normas das competições;

- Função de classificação: a escolha e descoberta de talentos se revelam nas situações em que os atletas são avaliados e colocados à prova em relação aos seus comportamentos, capacidades, esforços, rendimentos e, a prospecção de atletas para o esporte de alto rendimento.

O sistema de competições torna-se um elemento central na diferenciação entre esporte de alto rendimento e esporte para formação de jovens. Enquanto no alto rendimento o treinamento esportivo é sistematizado com objetivo de alcançar resultados em competições, no esporte de formação de crianças e jovens as competições devem ser organizadas a partir das tarefas que estão sendo desenvolvidas no treinamento. No esporte de alto rendimento, as competições servem de referência para a organização dos treinos; no esporte infanto-juvenil a competição deve se constituir em uma extensão e um complemento do treino (JUCHEM, 2015).

Na perspectiva da competição como elemento constituído do processo de formação e do treinamento do jovem esportista, a principal tarefa de quem organiza o evento deve ser a criação de competições com estrutura, regulamentos e conteúdos com objetivos dos quais promovam uma participação maior das crianças e adolescentes, e todas as suas funções justificando-se assim um modelo de formação de uma continuidade do treinamento esportivo (RICCI; MARQUES, 2018).

5. MÉTODO

5.1 Delineamento Metodológico

O procedimento metodológico utilizado nesta pesquisa foi de abordagem qualitativa que se propõe a analisar os dados a partir dos discursos dos dirigentes esportivos de Clubes e da Federação Paulista de Futebol, por meio de entrevistas semiestruturadas. As informações também foram obtidas de forma documental através de dados estatísticos, de regulamentos e calendários das competições iniciais, fornecidos pela FPF em seu site oficial, desde a primeira edição das competições nas categorias sub-11 e sub-13, a partir de 2008 até o ano de 2017.

Para Minayo (2008), a entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. O meio pelo qual o pesquisador constrói informações evidentes ao seu objeto de pesquisa e pertinente aos objetivos do seu tema de pesquisa.

Quando se fala em delimitar um *objeto*, o investigador deve entender a expressão não como uma dissecação do real, mas como a possibilidade de projetar seu olhar sobre determinado fenômeno que, embora analisável em suas dimensões, faz parte de um sistema ou de uma realidade muito mais abrangente (MINAYO, 2008).

Para Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014), esse tipo de abordagem, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos, referentes a grupos particulares, propicia a criação de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação.

A opção pela análise de Clubes e Federação de São Paulo foi intencional, pela acessibilidade e disponibilidade de materiais e pelo estudo ter sido desenvolvido em uma universidade pública do mesmo estado.

5.2 Grupo de Participantes

A escolha e acesso aos dirigentes entrevistados tomou como base a gestão da Diretoria Executiva da FPF do Departamento de Competições e Comitê de Dirigentes de Clubes no ano de 2015 a 2018, e reeleita para o mandato de 2019 a 2022. A Diretoria atualmente é composta por 21 membros diretores de departamentos e vice-presidentes. Como critério de membros

dirigentes selecionados, foram entrevistados a princípio quatro dirigentes, dentre eles um vinculado à FPF e três a Clubes participantes dos campeonatos paulista nas categorias sub-11 e sub-13, dentre um número reduzido daqueles que mantenham relações funcionais e que participam de forma direta na elaboração e organização das competições nas categorias iniciais da FPF.

A princípio, a ideia era entrevistar mais membros da FPF, mas foi sugerido pelo próprio Vice-Presidente, que as próximas entrevistas fossem realizadas com os dirigentes de clubes nomeados pela Federação, e não com seus outros membros. Assim, as entrevistas foram agendadas através de um contato prévio com os dirigentes, com antecedência, com o qual os entrevistados foram informados da intenção de se realizar este estudo, mostrando-se claros os objetivos desta pesquisa. Os primeiros contatos com os dirigentes, tanto da FPF quanto dos clubes, foram feitos através de pessoas conhecidas em comum, que nos possibilitaram essa aproximação.

Como mencionado anteriormente, para critério de escolha, dentre os vice-presidentes e dirigentes foram selecionados aqueles que se aproximam das seguintes características: 1) exercer o cargo a mais de um ano como membro da Diretoria Executiva da FPF e Coordenadores de base de Clubes; 2) tenham participação efetiva nas reuniões e comitês técnicos que discutem os regulamentos específicos e formas de disputa, além das discussões relacionadas às alterações funcionais e estruturais das competições nas categorias sub-11 e sub-13.

O Quadro 7 contempla algumas informações relevantes sobre os entrevistados. Destacam-se entre as informações, a formação superior de alguns dirigentes, o cargo que ocupa na instituição, o tempo que exerce a função atual no clube e na FPF, entre outros.

Os dirigentes, ao concordarem em participar da presente pesquisa, foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, assim como seus riscos e benefícios, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se encontra no ANEXO A desta dissertação. O projeto desta pesquisa foi submetido e aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, com número de processo CAAE 77607717.9.0000.5659. De forma a garantir o anonimato dos dirigentes, quando existir referência a eles, os mesmos serão chamados de F1, C1, C2, C3.

Quadro 7 – Características dos Dirigentes de Clubes e da Federação Paulista de Futebol

Identificação do entrevistado	FPF F1	Clube 1 C1	Clube 2 C2	Clube C3
Gênero	M	M	M	M
Idade na data da entrevista	51 anos	39 anos	41 anos	38 anos
Formação no Ensino Superior	Não	Não	Educação Física	Educação Física
Experiência anterior como atleta de futebol	Profissional	Profissional	Base	Profissional
Experiência na função como gestor de futebol	3 anos	5 anos	9 anos	6 anos

Fonte: Próprio autor

5.3 Produção de Dados

As entrevistas foram realizadas na sede da FPF e nos Clubes, através da utilização de aparelho gravador (gravação sonora) e posterior transcrição das respostas para categorizar os temas, que permitam a produção de dados para construção do relatório de resultados. Datas e locais das entrevistas foram sugeridas pelos participantes, de modo a não atrapalhar suas rotinas de trabalho. Todas as entrevistas foram gravadas na íntegra e realizadas pelo pesquisador em local fechado escolhido pelo entrevistado.

As entrevistas foram compostas por questões abertas, ressaltando-se os tópicos a serem abordados a partir da descrição, análise, interpretação e discussão do fenômeno competitivo. Tais questões foram baseadas em um roteiro de perguntas organizado com o intuito de explicar e identificar os critérios utilizados pelas entidades FPF e Clubes, para organização e participação nessas competições. Além disso, tal roteiro ainda abordava as razões e modos pelos quais as competições são organizadas. As perguntas do roteiro das entrevistas aos dirigentes se encontram descritas no Apêndice A e B.

Segundo Thomas e Nelson (2002), nesse tipo de entrevista, semiestruturada, as mesmas questões são realizadas para todos os participantes, mas é possível uma considerável variação na ordem das questões, na construção exata e no tipo de questões de acompanhamento. Além disso, novas questões podem surgir, de acordo com o desenrolar da entrevista.

5.4 Análise dos Dados

A análise temática é um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro de determinado conjunto de dados (BRAUN; CLARKE, 2006).

Para realização do presente estudo foi adotada a análise de conteúdo categorial temática que as autoras Braun e Clarke (2006, p.81) descrevem como:

Análise temática pode ser um método essencialista ou realista que relata experiências, significados e a realidade dos participantes, ou pode ser um método construcionista que examina as maneiras nas quais eventos, realidades, significados, experiências e então sendo os efeitos de uma série de discursos operando dentro da sociedade.

Pela análise dos conteúdos das entrevistas, busca-se selecionar e inferir os aspectos e indicadores que interessam para melhor compreender a temática pesquisada. De acordo com Guest, Macqueen e Namey (2012), a análise temática é a metodologia mais adequada para captar as complexidades dos significados dentro de um conjunto de dados textual e também o método mais comumente utilizado na pesquisa qualitativa.

Na Análise Temática, uma vez que os temas foram identificados e a literatura foi estudada, o pesquisador está pronto para formular afirmações para desenvolver uma linha de pesquisa (ARONSON, 1994).

Para descrição do processo de análise temática Braun e Clarke (2006, p.93), mencionam que:

A síntese necessita ser inserida dentro de uma narrativa analítica que convincentemente ilustre o caso que está sendo revelado sobre seus dados, e sua narrativa analítica necessita ir além da descrição dos dados, e fazer uma argumentação em relação a pergunta da sua pesquisa.

A análise temática consiste em identificar, analisar e relatar os padrões (temas) dentro dos dados, e nela se organizar de forma que descreva um conjunto de dados detalhados (ARONSON, 1994).

Fazer uma análise temática consiste essencialmente na busca por sentidos de significações que representem uma frequência de unidades de significação para alcançar o objeto de estudo. Para isso, o investigador busca encontrar categorias que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado (MINAYO, 2008).

As escolhas metodológicas foram necessárias para produção dos dados na análise temática deste estudo. Com base nas possibilidades propostas por Braun e Clarke (2006), optamos por serem adotadas as seguintes:

a) Definição do tema: o tema capta algo importante sobre os dados em relação a pesquisa em questão e representa um nível de padrão de resposta ou significado além de representar certo

padrão em relação às respostas ou aos significados de um conjunto de dados. Uma questão importante para se dirigir em termos de codificação é: o que conta como padrão/tema ou qual o tamanho um tema precisa para ser um tema (uma questão de prevalência). A prevalência em ambos os termos entre cada um dos dados e a prevalência do conjunto inteiro dos dados. Em se tratando de análise qualitativa não há uma resposta rígida quanto à questão da proporção que o conjunto de dados precisa para evidenciar o tema para que ele seja considerado realmente um tema. O julgamento do pesquisador é necessário para determinar o que um tema significa. Parte da flexibilidade da análise temática é que permite determinar temas (prevalência) em numerosas formas. Esta pesquisa tem como tema central na discussão, o sentido da prática competitiva esportiva entre crianças na perspectiva dos dirigentes com base no referencial do MCFME de Marques, Gutierrez e Almeida (2008).

b) Uma rica descrição do conjunto de dados versus um relato detalhado de dado aspecto em particular: determinar o tipo de análise que o pesquisador pretende fazer e quais reivindicações você quer fazer em relação ao seu conjunto de dados, a descrição temática rica do seu inteiro conjunto de dados para o entendimento do senso predominante ou temas importantes (neste caso os temas identificados, códigos e análise precisa ser uma reflexão precisa do conteúdo inteiro do conjunto de dados) ou a análise temática detalhada que cita particularmente um tema ou um grupo de temas com os dados (está relacionado a uma questão específica ou área de interesse com os dados). Para esta pesquisa foi escolhida uma análise de um aspecto em particular – atenção sobre um tema latente na pesquisa.

c) Análise indutiva versus teórica: a análise indutiva significa que os temas identificados são fortemente ligados aos dados. Nesta abordagem, os temas identificados emergem, sobretudo, dos dados, e podem ter pouca relação com as questões específicas que foram perguntadas aos participantes. A análise indutiva é um processo de codificação de dados sem tentar encaixar em um quadro de codificação pré-existente ou na preconcepção do pesquisador. Neste sentido, a forma de análise temática é orientada por dados. Em contraste, existe a análise teórica, que tende a ser direcionada pelo pesquisador com interesse teórico ou analítico de uma área, sendo este conduzido de acordo com o pesquisador. No caso desta pesquisa, a análise teórica deu-se a partir do MCFME de Marques, Gutierrez e Almeida (2008), tendo um direcionamento de um quadro teórico central para codificação dos dados nesta pesquisa.

d) Tema semântico versus latente: Na análise sobre temas semânticos, estes são identificados com uma superfície explícita de significados dos dados e o pesquisador não está procurando além do que os participantes disseram ou que foi escrito. Este processo analítico

envolve uma progressão da descrição do dado simplesmente organizado para mostrar padrões de um conteúdo semântico. Resumido para interpretação de uma tentativa de significância dos padrões e seus significados mais amplos, e, implicações frequentemente em relação a uma literatura prévia. Em contraste, a análise latente vai além do conteúdo semântico do dado e começa a identificar ou examinar ideias subjacentes, suposições, conceptualizações e ideologias, que são teóricas como uma forma para moldar o conteúdo semântico dos dados. A aproximação semântica procura descrever a superfície dos dados na sua forma e significado, enquanto a aproximação latente tem um foco que procure identificar as características que dão uma forma e um significado particular. Portanto, na análise latente, o desenvolvimento dos temas por si só envolve um trabalho de interpretação e uma análise que é produzida não somente por descrição, mas teorizada. A análise de nível latente ultrapassa a superfície do que foi falado pelos participantes, por meio do esforço de interpretação de temas latentes para capturar os fatos relacionados a perspectiva dos dirigentes, e também a temas semânticos pertinentes.

e) Epistemologia essencialista/realista versus construcionista: a pesquisa epistemológica ela guia no que pode ser dito como dado e informa como significado teorizado. Na abordagem essencialista/realista pode-se teorizar motivações, experiências e significados de uma forma direta porque uma relação unidirecional assume-se entre significado, experiência e linguagem. Em contraste, na perspectiva construcionista o significado da experiência é especialmente produzido e reproduzido mais do que a forma inerente entre os participantes. A análise construcionista não pode e não procura focar na motivação ou na perspectiva individual, mas procura teorizar em um contexto sociocultural e condições estruturais que habilitam o relato fornecido pelos participantes. Esta pesquisa se sustenta em análise temática construtivista – considera que significado e experiência são produzidos e reproduzidos socialmente, não inerentes ao indivíduo.

Para a análise temática, de acordo com Braun e Clarke (2006), são adotados procedimentos de características recursivas e não lineares, conforme o pesquisador se familiariza com os dados e elabora a sua codificação e reestruturação de acordo com as necessidades da pesquisa: a) familiarização com os dados: consiste no conhecimento dos dados obtidos, possibilitando uma análise inicial e feita no momento de produção e de transcrição das entrevistas, seguido de leituras e releituras dos dados transcritos; b) produção de códigos iniciais: etapa de identificar as características dos dados relevantes para responder as perguntas norteadoras do trabalho, os mesmos trechos podem ser utilizados para construir mais de um tema, dependendo do tipo de análise que será feita, direcionada aos dados ou ao referencial

teórico adotado; c) pesquisa por temas: realizar uma listagem dos códigos gerados na etapa anterior para elaborar os temas e considerar como diferentes códigos combinam para fortalecer possíveis temas; d) revisão dos temas: refinar os temas encontrados anteriormente, permitindo novos agrupamentos de códigos, fusão de temas semelhantes ou desmembramento de temas que estejam muito amplos, ou seja, se a análise é direcionada aos dados ou ao referencial teórico; e) definição e nomeação dos temas: identificar a essência do que cada tema trata e determinar quais aspectos dos dados os temas captam; e f) produção de relatório de resultados: conduzir ao leitor à compreensão dos fenômenos observados, de forma concisa, coerente, lógica, não repetitiva e interessante, tanto internamente aos temas quanto entre os diferentes temas, captando a essência do tema que está sendo mostrado.

A análise dos dados se dará sobre as considerações dos dirigentes e a discussão dos dados com base no referencial teórico, principalmente direcionadas para os objetivos e perspectivas relacionadas à competição, com ênfase para as competições federadas nas categorias iniciais e o processo de formação de jovens futebolistas como um todo.

Por fim, o tipo de análise será direcionada aos dados ou ao referencial teórico, surgindo ao final desse processo um mapa temático que será útil na última etapa da escrita final após o tratamento das transcrições e construção dos temas.

Figura 2 – Etapas da Análise Temática

Fonte: Adaptado de Vicentini e Marques (2018).

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa revela um extenso e diversificado conjunto de apropriações e significados que norteiam uma (possível) transformação das competições de crianças e adolescentes da FPF, assim como, o ambiente e o sentido dado à modalidade da prática futebol que permearam seus princípios e normas de organização.

Além disso, para todas as análises procurou-se considerar a posição que o entrevistado ocupa no cenário futebolístico do estado de São Paulo. Neste sentido, as discussões buscaram compreender o sistema de competições para as duas primeiras etapas de formação de atletas de futebol no estado de São Paulo. Estes dados atenderam à demanda das análises sobre os objetivos e expectativas dos dirigentes, como a relação desses diferentes participantes dentro da estrutura organizacional – clubes e federação – que se atribuem à ação de seus agentes.

Os resultados das análises das entrevistas levaram à categorização dos principais temas para construção da resposta à pergunta central da pesquisa. Estes foram organizados em quatro grandes temas, sustentados pelas suas categorias, conforme as falas dos entrevistados:

- 1) “Considerações sobre os conteúdos e valores morais que podem ser ensinados através da competição”: (a) É preciso considerar os valores que o esporte ensina em qualquer forma de sentido adotado; e (b) Relaciona o ensino de valores aprendidos pelas disputas e normas das competições.
- 2) “Os sentidos relacionados ao processo de formação esportiva”: (a) Desenvolvimento de um processo pedagógico de exercícios para formar o jogador; e (b) Ensinar a competir consiste no objetivo e conteúdo do processo de formação de jovens jogadores.
- 3) “A seleção e desenvolvimento de talentos para competir, prospectar e profissionalizar”: (a) A seleção de jogadores de acordo com seu desempenho para competir; (b) As adaptações nas categorias iniciais para uma mudança de sentido visto ao desenvolvimento técnico; e (c) A participação no jogo como condição para jogar e ser avaliado.
- 4) “Investimento na qualificação do corpo técnico para orientar os jovens jogadores”: (a) A relação da fundamentação teórica para o estabelecimento das tomadas de decisões; e (b) O perfil do treinador e a oferta das categorias iniciais.

Na apresentação dos resultados, encontram-se trechos dos relatos mais relevantes na discussão dos temas por parte dos dirigentes de Clubes e da Federação Paulista de Futebol.

Serão apresentados os relatos das respostas dentro da contextualização dos grandes temas e sua categorização que tem vinculação direta com as perguntas formuladas¹⁰.

6.1 Considerações sobre os conteúdos e valores morais que podem ser ensinados através da competição

A primeira categoria analisada é (a) “É preciso considerar os valores que o esporte ensina em qualquer forma de sentido adotado”.

Observa-se nas considerações de F1 sobre o engajamento das crianças e dos adolescentes em esportes como um papel importante no processo de socialização. Os dirigentes esportivos (DE) consideram, no processo inicial, que o foco não deveria ser somente formar jogadores de futebol profissional, e principalmente na iniciação, oferecer um olhar para o desenvolvimento do esportista.

Na sequência, trechos de algumas das falas de F1 que ilustram essa categoria:

F1: [...] são objetivos do esporte aproximar as pessoas, então a gente acredita muito nisso, no processo de iniciação e na base. Olhando o desenvolvimento humano, utilizando o esporte para formar como ferramenta de cidadania, formar cidadãos, formar pessoas. E aí consequentemente com esse olhar para o desenvolvimento humano dos atletas, quem se tornar atleta de futebol vai ser um cidadão melhor, vai ser um atleta melhor [...].

F1: Então, é o que eu falei inicialmente. A gente está falando de categoria de base, da iniciação, da escola, de ser um processo lúdico e divertido. De você não estar com o olhar de formar jogadores de futebol. A gente precisa formar cidadãos através do esporte e tentar massificar a prática, porque assim se a porta de entrada não for lúdica divertida o garoto ele vai para outra [...].

F1: [...] processo de iniciação e essas categorias menores, assim tem que ser lúdico. Tem que ser divertido, porque não pode ter cobrança, exigência. Simplesmente você usar o esporte como ferramenta de inclusão e de transformação social. E aí sendo uma coisa lúdica, divertida, cada vez você atrai mais. Do que você fazer um processo onde você está com pressão de formar jogadores exclusivamente ali.

F1: A gente fica muito satisfeito com esse reconhecimento, porque o desejo e o esforço nosso é que o futebol seja uma ferramenta de desenvolvimento humano, econômico e social. Então, quando a gente vê que esse processo lúdico e divertido, ele pode fazer com que o futebol possa ter novamente

¹⁰ No apêndice, apresentaremos as transcrições, na íntegra, das manifestações dos dirigentes participantes da pesquisa obtidas pelas comunicações verbais.

aquele brilho do passado. E a gente possa usar os valores do esporte como ferramenta de formação.

F1: Eu acredito muito que o esporte pode transformar o Brasil. Então a nossa ideia, como o processo era antigamente, que era um processo espontâneo na rua. A gente quer cada vez mais massificar a prática, e também usar essas competições, que são as competições iniciais, para gente formar e desenvolver bem. E no final, os que se tornarem jogadores de futebol, serão jogadores melhores, serão jogadores que causem impacto positivo na sociedade. Eu acho que esse é o nosso grande desafio: formar jogadores que causem impacto positivo que dê bom exemplo para a sociedade.

F1 relata o objetivo ao treinar o futebol no ambiente competitivo acerca dos valores morais, considerando que o treino de uma prática esportiva pode proporcionar aos seus praticantes o aprendizado de valores morais que podem ser transferidos para a vida em sociedade. Dessa primeira análise, as razões do dirigente da FPF ao ensinar futebol estariam relacionadas em ensinar valores morais por meio do esporte para formar cidadãos capazes de conviver melhor em sociedade.

Demonstra a preocupação de F1 em proporcionar prazer pela prática, entretanto em um contexto pautado por normas, balizado em categorias normatizadas pelas Federações. Por outro lado, por meio de um processo que era feito antigamente, aprendido e jogado nas brincadeiras de rua, no sentido de ser lugar apropriado para sistematizar os fundamentos do futebol. Apenas aprofundar o caráter lúdico do jogar bola, mostrando que aprender e sentir prazer não se opõem, ao contrário (FREIRE, 2003).

Entendemos que esse processo, seja institucional ou informal, subsidia a formação da tão desejada e retoricamente defendida reflexividade e criticidade do ser humano na sociedade contemporânea (MARCHI JÚNIOR, 2015).

A este propósito, Marques, Almeida e Gutierrez (2007, p. 239) corroboram com o fato de que

É preciso considerar os valores que o esporte transmite em qualquer forma de manifestação. É a inter-relação entre o campo social, a modalidade praticada com suas regras e especificidades, e o sentido adotado para a prática, que formarão o contexto esportivo a ser vivenciado e os valores morais transmitidos.

F1 destaca as características de desenvolvimento humano através do esporte, principalmente através de um sentido prazeroso de prática, já que esse prazer atuará como fator de motivação, para cada vez mais despertar o interesse pelo esporte. A atitude de aprender com

prazer, brincando, garante a motivação e sinaliza para coisa maior: em gostando de como aprendem esporte, as crianças poderão incorporá-lo ao seu estilo de vida (SANTANA, 2004).

Para promover o equilíbrio pretendido entre os aspectos técnicos e os valores humanos, atendendo às necessidades e aos interesses das crianças, é preciso estruturar uma pedagogia a partir de dois referenciais: o metodológico e o socioeducativo (DE ROSE JR., 2009).

Em tal perspectiva, os dirigentes relataram diversos objetivos sobre o processo de ensino e treino do futebol no ambiente competitivo. Avançando nas questões de significados relacionados aos aspectos educacionais, na categoria (b) “Relaciona o ensino de valores aprendidos pelas disputas e normas das competições”, como atividades de regras e condutas normativas e estruturadas, tratando as competições esportivas como palco para aprendizagens comportamentais que contribuem diretamente para o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e do caráter do indivíduo. Considerou-se os valores sociais a serem aprendidos através das disputas dessas competições iniciais:

C1: O principal objetivo mesmo é a questão do esporte em si, você educar o jogador, ele aprender a conviver, a respeitar os companheiros em um ambiente coletivo, ele respeitar e entender a hierarquia da comissão técnica. Que existe uma liderança ali o treinador, o professor é amigo dele. Mas ele tem que entender que amizade tem certo limite, e ele precisa respeitar as ordens da comissão técnica, a questão de disciplina, respeitar horários. Eu acho que isso é fundamental e a gente não abre mão disso nessas categorias menores sub-10, sub-11, sub-12 e sub-13 [...].

C3: Que é o que vai realmente valorar e dar peso a tudo aquilo que a gente fala. São as atitudes. Então o processo de formação, ele se dá no sentido de formação humana com formação técnica.

C3: Quando se joga uma competição longa, eles conseguem amadurecer mais, entender quem são, entender grupo, entender pertencimento de grupo, e isso é importante na formação. A gente não pode esquecer nunca que o objetivo final é a formação deles enquanto pessoas. E para isso, eles têm que estar envolvido com frustração, com alegria, com êxtases, mas com muito cuidado. Porque como eu falei, é uma idade sensível e qualquer erro na forma de cobrança a gente pode estar colocando tudo por água baixo, uma pessoa que a gente pode estar transformando um menino potencial em um adulto frustrado.

Os objetivos dos processos de formação com menores são apresentados quando justificam suas respostas baseando-se em argumentos como um processo educativo e de formação dos mais jovens. Tal fato indica quando os dirigentes vinculam ao processo a incorporação de pilares básicos de valores educativos aos seus principais objetivos como uma possibilidade da ação formativa do esporte, sobretudo na competição.

A contribuição social para a criança com base em seu envolvimento no esporte, entretanto, vai depender das interações que o indivíduo estabelecer com os diferentes indivíduos com quem se relaciona (colegas, adversários, pais, técnico, dirigentes, árbitros, entre outros), do ambiente que o envolve e do contexto em que insere (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013). A qualidade dos relacionamentos interpessoais que são estabelecidos entre o indivíduo e outros agentes (pais, dirigentes, pares, etc.) contribuem diretamente para o desenvolvimento da competência, confiança, conexão e caráter do indivíduo (CÔTÉ et al., 2017).

Nessa dimensão educacional, não iremos nos desviar do sentido da prática oficial às ideias de valores e construções sociais que nos levam a determinadas normas e regras comportamentais. Essa análise não se limita a uma inevitável forma de manifestar as características de um processo condicionante de desempenhos, resultados e os efeitos decorrentes de seus agentes, que muitas vezes alteram seus comportamentos diante dessa prática competitiva. É importante que a criança e o adolescente vivenciem o máximo de ações pedagógicas possíveis, mesmo sabendo que na atual realidade do futebol, grande parte dos treinamentos tem como objetivo especializar jovens cada vez mais cedo, em virtude de interesses comerciais (SILVA; SILVA; PAOLI, 2011).

Deste modo, Santana (2004 p. 15) corrobora com os trechos destacados quando diz que,

Em última análise, o esporte na infância deverá, sobretudo, contrapor-se à ideia de que se deve ensinar apenas um conjunto de técnicas para os gestos esportivos e voltar-se para o desenvolvimento humano, para a evolução da consciência, para a introdução de uma cultura de lazer esportivo e para construção da cidadania.

Cabe uma discussão acerca de contribuir aos propósitos das funções e intenções educativas do esporte, comprometida com a formação de jogadores de futebol a partir de um olhar sobre as formas de organização, conteúdos e critérios da compreensão daqueles que especificam seus meios e fins, priorizando não somente o processo, mas o indivíduo nele inserido. Embora transmita valores voltados ao individualismo e superação do oponente, o esporte oficial não pode ser tomado como o “mal a ser combatido”, pois sua prática pode ser positiva em determinados contextos e colaborar num processo de formação moral (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Trata-se, na visão dos dirigentes entrevistados, de incorporar no significado da competição um sentido primordial, que salienta o potencial de se ensinar valores aprendidos pelo esporte e que colaboram num processo de formação moral, para aprender valores na vida

em sociedade. Caracterizada a pluralidade de sentidos do esporte, embora ensine valores, mantidas a possibilidade do jogo, do divertimento e da sociabilidade, estão associados ao sentido que lhe é dado por seus participantes e promotores da atividade. O ensino de valores morais ocorre de acordo com o direcionamento dado pelo grupo participante, e interfere no processo de formação humana dos envolvidos (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Deste modo, o primeiro grande tema abordou os objetivos mais voltados para construção de valores. Entretanto, foi possível observar que a intenção de desenvolvimento humano, relacionado aos valores ensinados pelo esporte para formar cidadãos têm um lugar central nos objetivos e razões no processo formativo e competitivo do futebol, na perspectiva dos dirigentes entrevistados.

6.2. Os sentidos relacionados ao processo de formação esportiva

Os resultados observados relativos ao segundo tema resultaram em duas categorias que tratam a competição como parte do desenvolvimento de um conteúdo do treinamento esportivo para formação de jogadores de futebol. Na categoria (a) “Desenvolvimento de um processo pedagógico de exercícios para formar o jogador”. Os dirigentes entrevistados reconhecem a competição como um dos objetivos do processo de ensino do futebol neste contexto. Nesse processo de desenvolvimento de jogadores, tal posicionamento requer um planejamento de treinamento a médio e longo prazo, que os entrevistados descrevem como objetivos mais específicos, relacionados à aplicação dos conteúdos aos treinos e ser adaptado aos padrões de desenvolvimento físico, técnico e tático para as crianças e adolescentes:

F1: [...] o olhar é realmente de escola de uma coisa lúdica e divertida né. E se for uma coisa lúdica e divertida, de repente você vai conseguir massificar a pratica do futebol, e ali você vai formar mais jogadores. Ainda porque ali você vai da quantidade tirar a qualidade. E a gente teve alguma dificuldade aí para construir isso e vivemos tudo isso [...].

C1: E em relação ao clube, a gente está em um processo de construção. Nós fizemos o livro metodológico. Nós criamos o livro metodológico justamente para alinhar processos. Então, nós temos o livro metodológico da preparação física, dos treinamentos dos goleiros e o livro metodológico da parte técnica de um modo geral. E o principal objetivo é você alinhar os processos e colocar nos trilhos.

C1: E a questão dos estímulos, dos conteúdos de treinos das categorias menores, sub-11 e sub-13, você tem que ser muito sutil para questão do

estímulo de treino, porque o jogador tem que se divertir, o garoto ele tem que está se divertindo nessas idades menores [...].

C2: Então por isso que o conteúdo tem que ser hierarquizado e cada idade deve passar igual escola, se o básico é relação com bola no sub-13, ele não vai para sub-14.

C2: O objetivo e meta você comprova para a direção que você está fazendo o trabalho certo. Sem o resultado de ser campeão nessas categorias iniciais. Todo mundo jogar. Ter um setor de aporte que mostra a evolução técnica, tática, física sem somente resultado de 1x0, 2x0, mas com outros conteúdos.

No trecho de F1, o termo “massificar” diz mais respeito à disseminação do esporte como forma de produto aos consumidores (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009). Em contrapartida, “descentralizar” e, na sequência, “democratizar” teria um sentido mais apropriado às competições para a superação da ideia de formação de jogadores e amenizar as próprias disputas do sentido da prática de alto rendimento. Nota-se uma preocupação em disponibilizar a prática esportiva para o maior número de praticantes possível, seja por meio de políticas públicas ou de ações privadas (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009).

Os DE indicam preocupações relacionadas ao processo de formação do indivíduo e ao conhecimento básico dos princípios técnicos e táticos dos jogos, tratando-os como um processo de aprendizagem pautado a hierarquização dos conteúdos. O debate se relaciona, sobretudo para F1, com o treinamento a médio e longo prazo dos jovens futebolistas, e especialmente ao resultado prático desse debate para resumir-se em uma orientação para o acoplamento de conteúdos de formação humana com os de formação especializada.

Os DE tratam de uma estrutura metodológica para ensinar às técnicas do futebol para uma análise do desempenho para formar melhores jogadores, mais próximo do ambiente do alto rendimento. Porém, nota-se nesse ambiente uma intencionalidade nos discursos quanto à adaptação do treino à vontade dos praticantes. As manifestações de práticas não profissionais ampliam-se sob formas diversas, podendo exprimir tanto normas oficiais dos valores do esporte de alto rendimento, quanto a adaptação da modalidade através da vontade dos praticantes e promotores da atividade (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

De acordo com os trechos nos discursos dos DE, nota-se que a caracterização dos conteúdos em suas diferentes faixas etárias pode ser um processo ordenado e sequencial, conforme o desenvolvimento, e são fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem da prática esportiva, e consequentemente a prontidão para a competição.

Conhecer as diferentes faixas etárias e suas características é imprescindível, pois é por meio delas que será possível verificar e responder se realmente os alunos se encontram preparados para as características e o modelo de atividade/competição proposto (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013). O futebol predispõe de um ambiente competitivo, em que a sua preparação orienta-se por alguns referenciais vinculados aos aspectos mais previsíveis do contexto, como a estrutura, as regras e características tático-técnicas (BETTEGA et al., 2015).

C1 reafirma que o preconizador para as intenções metodológicas é oferecer as crianças experiências desafiadoras, através dos estímulos do treino. C2 ressalta o potencial do conteúdo do treino como parte do processo de formação esportiva e uma preocupação diminuída com o resultado esportivo nesse momento, diminuindo a ênfase no resultado do jogo e acentuando a preocupação de um processo para o indivíduo que aprende na competição e por meio dela.

É necessário que o sentido adotado para a prática esportiva seja adequado ao ambiente em que ela ocorra, e seus valores transmitidos de forma consciente pelos participantes e promotores da atividade (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008). O valor atribuído por C1 ao processo metodológico, mesmo nos seus atributos técnicos e ao contemplar a participação no treino, demonstra um sentido mais próximo aos valores de sentido oficial.

Os DE consideram múltiplas incorporações de conteúdo no treino e discursos referente ao fomento de formação esportiva e de uma condição subjetiva de que competir é uma prática inserida nesse ambiente para formar futuros jogadores de futebol. Faz-se uma ressalva que por se tratar de clubes de futebol profissional, essa opção pela carreira profissional é a primeira dentre outras diante desse público e desse contexto. Futebol então fica sendo um projeto possível para uma larga faixa da população brasileira, a das camadas subalternas, que vai dos pobres até as camadas médias baixas (RIAL, 2008).

Nesta segunda categoria (b), “Ensinar a competir consiste no objetivo e conteúdo do processo de formação de jovens jogadores”, destacam-se nos discursos dos DE o fato da obrigatoriedade de participação na competição esportiva como fator de total relevância para apropriação desse direito de se tornar um jogador de futebol:

F1: [...] a gente está simplesmente recuperando um processo de formação que era espontâneo, que sempre foi assim nas ruas de todo o país.

C1: Agora, por exemplo, o campeonato paulista está muito interessante hoje. É uma competição longa e você só joga de final de semana. Eu acho que é legal, e faz parte também do processo de formação, você está colocando o garoto, o menino em um ambiente de jogo, então acho que faz todo o sentido.

C1: E o jogo tem que ser somente uma provinha, uma etapa do processo de formação, não pode ser o principal objetivo de forma nenhuma. Se a comissão técnica, começar a olhar para o jogo do final de semana, vai comprometer a programação de trabalho.

C1: Eu acho que competir é importante, faz parte do processo de competição, o jogo, ele tem que está e é uma motivação a mais. É um evento, então ele tem que fazer parte do jogo, ele tem que está dentro.

C3: Para que a gente tenha esse fim, o Sub-11 e Sub-13, e a participação nessas competições, elas são na maneira que a gente consiga, o objetivo é dar minutagem¹¹ para todos os atletas para que a gente consiga ver a evolução de todos eles, porque eles estarem resolvendo um problema de jogo do sub-11 não quer dizer que vai me resolver um problema no sub-20.

Com base no discurso e perspectiva dos dirigentes, as participações dos jovens jogadores na competição são inerentes ao processo de formação. Nota-se nesse ambiente que a característica de ter de competir, nas formas e regras padronizadas, mediada por órgãos reguladores, para tanto nos remete a valorização do esporte de rendimento e a comparação e evolução de desempenho. É estabelecido um padrão de funcionamento do processo esportivo, no qual os participantes devem se adequar às normas para poder participar, e o resultado da disputa é mais importante do que a satisfação e bem-estar dos participantes (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Quando pautado no sentido oficial, as normas padronizadas valorizam mais o processo (a competição) do que o indivíduo nele inserido, e segue uma lógica interna que determina uma conduta para promover novos jogadores. A competição é um dos principais parâmetros de avaliação do planejamento e principalmente para identificar a evolução do aluno/atleta, pois é nesse momento que este se destaca e mostra seus valores tanto tático, físico e coletivo (PAOLI, 2007).

O discurso dos DE converge para um processo competitivo que faz parte do treinamento com proposições de aprimoramento e evolução de suas competências tático-técnicas, de modo geral precoce, ao eleger esse modelo de competição ideal ao ser seguido e aplicá-lo nas categorias iniciais, ao propor a participação de campeonatos nos quais se reproduzem estruturas de competição do esporte profissional como o principal referencial para avaliar o desempenho esportivo de crianças gera risco de saturação e insegurança pela cobrança de resultados e pelo excesso de treinamentos (SANTANA, 2005).

¹¹ O termo minutagem refere-se ao número total de minutos que o atleta do clube joga na soma do tempo de cada partida durante todas as fases do campeonato. A FPF publica as súmulas de todos os jogos e o tempo de cada partida em seu site, inclusive o tempo de entrada e saída na substituição.

Na prática, já existe uma expectativa dos dirigentes, ou seja, há uma demanda que satisfaça o sistema esportivo de “clubes e federações”. A competição não ocorre por si só, não é uma entidade neutra e independente, mas decorre de todo um sistema social; nessa realidade social, a competição tem um significado simbólico (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

Para melhor compreender os relatos, se conectam à categoria (b), “Ensinar a competir consiste no objetivo e conteúdo do processo de formação de jovens jogadores”, a concordância dos DE ao se pretenderem ensinar esporte em sua plenitude, terem de ser capazes de ensinar os jovens atletas a competir. Há uma valorização a participação ativa do atleta na competição e buscam-se respostas ao delineamento procedimental e didático-metodológico na preparação dos futuros jogadores.

Na iniciação esportiva, essa aproximação de jovens aprendizes ao ambiente competitivo é mencionada por Reverdito, Scaglia e Montagner (2013, p. 42) na seguinte forma,

Os aspectos de competição em alto nível de exigência sugerem a preparação de seus iniciantes para a vivência desse contexto desde os primeiros momentos da vida esportiva, como se tem notado pelas categorias normatizadas pelas Federações e Ligas Esportivas, tomadas como instituições estaduais e municipais controladoras e geradoras das oportunidades para a prática de modalidades esportivas.

C1 entende que jogar e competir são enriquecidos de significados e constituintes motivacionais estando intimamente relacionado aos conteúdos do esporte.

Isso significa não priorizar os resultados imediatos em detrimento do processo evolutivo do jogador em formação. Para C3, a melhoria e o desenvolvimento das capacidades individuais passam necessariamente pela estrutura e a dinâmica do treinamento em longo prazo e consequentemente pelo sistema competitivo.

Como qualquer outra atividade sistematizada ofertada à criança, a competição proposta por adultos, que delineiam seus princípios e objetivos, apresentando vantagens e desvantagens, que podem ser maiores ou menores em razão do modelo de competição que é oferecido (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

Deste modo, o primeiro tema no início indicou objetivos mais voltados para o ensino de valores. Porém, foi possível observar já neste segundo tema que outras preocupações têm lugar central nos objetivos e razões dos dirigentes de futebol. A importância da participação em competições esportivas federadas para o processo de formação foi uma delas, e o segundo tema tratou da análise desta temática.

6.3. A seleção e desenvolvimento de talentos para competir, prospectar e profissionalizar

A estrutura das categorias iniciais na formação esportiva do futebol permite traçar etapas, nas quais se definem metas metodológicas do treinamento esportivo, dinâmica de cargas, conteúdos dos treinos e estes se tornam meios e métodos de treinamento para um objetivo que visa uma preparação em longo prazo. Este tema trata do reconhecimento do treinamento que é o apanágio do talento esportivo envolvido em fases de aperfeiçoamento das habilidades específicas identificadas para determinadas categorias. Neste terceiro tema, os DE indicam pontos divergentes dos mencionados anteriormente, quando perguntados sobre os objetivos das competições nas categorias iniciais. Existe sem dúvida, uma tendência atual de seleção de atletas, cada vez mais precoce, nos clubes formadores de jogadores profissionais e uma pertinência com o resultado em momentos cruciais da competição.

As categorias de base se mostram como programas esportivos para selecionar e promover o futebol com jovens, na busca de talentos para os clubes em geral, possibilitando estímulos e avaliações constantes que são utilizados para determinar se a criança tem ou não condições de ser aceita e continuada em um nível mais elevado de treinamento em longo prazo.

Na categoria (a) “A seleção de jogadores de acordo com seu desempenho para competir”, a fala dos DE remete a um ambiente onde privilegia a seleção de alunos/atletas para participação nas competições federadas. Pautado em um sentido de prática voltada para busca de melhores desempenhos atléticos e competitivos, que a contextualizam e lhe dão significado para obtenção dos melhores jogadores e para com o resultado da competição, ou seja, a classificação para as próximas fases até a final:

F1: Como a gente abre o campeonato no começo do ano, a gente consegue fazer a primeira fase. Quem joga menos, você garante um número mínimo para esses clubes que jogam a primeira fase e são eliminados, mas você vai passando de fase, de grupo para grupos. Então, você tem mais jogos de nível e, tem consequentemente, mais jogos para todo mundo também [...].

C1: [...] lógico quando afunila o campeonato e chega na fase final, é inevitável você começa a enfrentar os grandes jogos. Aí você está naquele momento de jogos eliminatórios. Aí faz sentido você tentar chegar o mais longe possível, até para você também ter mais jogos na temporada. Então, a gente tem trabalhado dessa forma, a primeira e segunda fase a gente oportuniza todos os garotos, e quando começa a entrar na fase mata-mata, lá na reta final, aí é natural os que mais se destacaram, vão ser premiados com mais jogos também.

C1: Na base, assim, tem equipes que elas querem o resultado a todo custo, usar os principais jogadores, teoricamente, os mais maturados que estão mais fortes, que sustentam mais a categoria. É uma política de cada clube. Existem clubes hoje, que tem essa política bem definida. Então acho que, para o processo de formação não é o ideal, mas aí você tem que isenta a FPF, porque é uma política dos clubes vai muito de cada clube.

C2: O que eu vejo de objetivo, se é um clube grande, é a promoção do atleta para o profissional com essa cultura organizacional, ou seja, o perfil técnico, tático, físico e social que essa comunidade quer, e não o que eu quero, ou a imprensa quer. E essa identidade vem da onde? Da torcida, dos dirigentes, dos técnicos e dos títulos gloriosos que eles conquistaram, por isso que, tem que escutar a história do clube.

C2: Eu nem culpo só os treinadores, os gestores deles que cobram, aí o cara ou tem um emprego ou ganha jogo.

C3: Então, esses incluídos eles precisam ser experimentados. E para que isso aconteça, eu preciso dar minutos, preciso de jogo, está inerente a isso. Não existe cobrança pelo resultado, mas evidentemente que os meninos que estão no XXXXX eles acabam tendo por natureza um viés competitivo. É natural para o menino que pratica um esporte de alto rendimento, ele já tem a veia competitiva, então, ele acaba querendo vencer e a gente gosta disso também, é importante ter isso.

F1 deixa claro na sua fala que as equipes mais bem classificadas terão mais jogos para disputar durante a competição nesse sistema de disputa. Em linhas gerais, o formato da competição está organizado numa dimensão estadual que privilegia a poucos, muitas e ricas oportunidades de progresso, enquanto o sistema proporciona a muitos, poucas oportunidades de progresso para conseguir atingir a última fase. Perversidade, em síntese, porque conduz ao insucesso desportivo, sobretudo daqueles que não passam da 1ª fase competitiva (QUINA, 2003).

C1 mostra a sua preocupação nas fases finais com o resultado. C1 e C2 demonstram objetivo dos clubes com a seleção dos jogadores mais “aptos” com vista às vitórias e aos resultados, acarretando inclusive a manutenção dos cargos de treinadores. Neste caso, embora fora do ambiente profissional, a prática envolve não somente o interesse pela vitória, mas acaba por mensurar desempenho de jovens atletas representado em competições federadas vias as normas do alto rendimento.

A seleção das crianças que entram nas idades das primeiras categorias do esporte competitivo da infância é realizada geralmente pelos treinadores responsáveis destas categorias (ARENA, 2000). O que se observa é a busca precoce de resultados competitivos e a consequente utilização de sistemas de jogo e seleção (exclusão) de jogadores (BÖHME, 2011). Esse

processo de reprodução das especificações do esporte de alto rendimento no lazer privilegia os participantes com maior capacidade de adaptação ao jogo e estimula a ocorrência de situações de comparação de desempenhos e segregação (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

Diante das intenções dos dirigentes, Paoli (2007) pondera que o problema é que muitas vezes, pela pressa de muitos clubes em revelar jovens atletas para seguir a lógica do mercado futebolístico, faz com que várias etapas essenciais da iniciação esportiva passem despercebidas. Este fato ressalta os interesses de alguns clubes e dirigentes preocupados com tradições, com resultados, com a exposição da imagem das instituições envolvidas, pressões de treinadores, entre outros aspectos (ARENA, 2000).

Um exemplo disso é quão significativa pode ser a competição para C2 e C3, a discussão acerca da sua finalidade, também atinge uma falta de diálogo entre os defensores de cada objetivo, aqueles que pensam o modelo do alto rendimento, pensam-no para outros fins:

C2: E assim, quem sobressai nisso, os clubes que tem uma boa captação e um bom monitoramento, porque conseguem favorecer essas idades e formam boas equipes nessas idades já tomando no Brasil todo os melhores jogadores.

C2: Para mim, pelo que estou vendo e pelo que eu converso com os profissionais do sub-13, esta cada vez mais especialização precoce. Cada ano que passa vai ser mais guerra esse campeonato.

C3: Evidentemente para que a gente consiga, nós temos uma missão maior, um objetivo maior dentro do clube, o objetivo final é o que: conseguir colocar o maior número possível de atletas no elenco profissional com qualidade técnica que vá ser novos ídolos do clube, que vai ser os novos heróis da torcida, enfim, esse é o objetivo final.

C3: Futebol não é um esporte de inclusão social é originalmente de exclusão. Para que a gente consiga fazer essa avaliação não tem como, a gente precisa competir. Certo? O futebol ele é de exclusão. Então a gente precisa ter essa avaliação fria, essa avaliação de "*business*", porque a gente precisa dar retorno. E o retorno é financeiro, o retorno é técnico também e precisa participar das competições.

Dessa maneira, os discursos apontam para o sentido de prática do alto rendimento, quando mencionam a busca por novos talentos, o indicio cada vez maior de uma especialização esportiva precoce¹² (EEP), revelar atletas para equipe profissional, e por fim, ganhos financeiros para os clubes com a negociação de atletas.

¹² O termo EEP caracteriza-se pela exposição de crianças a processos de treinamento e competição prematuros, similares ao de atletas adultos; e especialização dos jogadores em modalidades e funções específicas, restringindo suas possibilidades de ampliação do repertório motor e compreensão tática (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014).

Como o ambiente profissional envolve não só o interesse pela vitória, mas também a busca por lucros financeiros, para facilitar sua compreensão e consumo faz-se necessária uma incorporação cultural universal das práticas, através da homogeneização de regras e normas do esporte de alto rendimento (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007). Diversos “personagens” constroem a competição da maneira que ela é e da maneira que ela se institucionaliza (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

Na posição da qual os dirigentes dos clubes se encontram no campo futebolístico, se faz considerar objetivos além da participação em competições somente, em um clube em que a vitória é extremamente valorizada. Há o interesse de usar a competição como “vitrine” para análise de empresários, almejando a negociação de jogadores, tornando-a mais rigorosa e perigosa no processo de formação (SILVA; SILVA; PAOLI, 2011).

O universo das práticas e dos espetáculos esportivos apresenta-se como um conjunto de escolhas previamente determinadas e de possibilidades objetivamente instituídas – tradições, regras, valores, equipamentos, técnicas, símbolos – que recebem sua significação social do sistema constituído por elas e que ficam devendo, em cada momento, uma parcela de suas propriedades à história (BOURDIEU, 2007). No clube de futebol, o processo de desenvolvimento de jogadores tem grande destaque, uma vez que a formação de atletas de excelência poderá promover inúmeros benefícios ao clube, tanto no âmbito financeiro como no competitivo (SORIANO, 2010).

A competição dificilmente será indutora de inclusão e socialização se houver desequilíbrios notórios entre os valores de interesses dos clubes de futebol, sobretudo, aos de fins lucrativos. Considerar que os objetivos de formação e educação (aquisição de comportamentos corretos, válidos e consistentes) se sobrepõem aos objetivos de rendimento (resultados competitivos) (QUINA, 2003).

Na categoria (b) “As adaptações nas categorias iniciais para uma mudança de sentido visto ao desenvolvimento técnico”, repercute no sentido relacionado aos objetivos do processo das adaptações estruturais e funcionais nas regras da competição, e percebe-se que a FPF tem adotado intenções pedagógicas com algumas modificações de questões mais técnicas e táticas que mantém a prática competitiva em um sentido oficial. Verificou-se que as categorias iniciais (sub-11 e sub-13) possuem alguma forma, seja no tempo ou no espaço de jogo, como em relação ao tamanho da trave, número de jogadores e nas substituições livres, conforme apresentado nesse estudo e mencionado aqui nas respostas dos dirigentes:

F1: A gente acha que um dos primeiros passos para isso, desde que a gente chegou aqui na FPF, foi a questão de adaptar o tamanho das traves, o tamanho do campo, para realmente ser uma coisa lúdica. A gente, a partir daí, nós já tivemos um pouco de dificuldade, porque todo mundo olha o futebol como “tem que formar jogadores”, que não, aqui não é pra formar jogadores, é realmente pra formar, é lúdico, é uma coisa divertida né [...]. Então, acho que esse processo de redução do campo, das traves, para que também aja mais desenvolvimento também, para que seja uma coisa mais divertida.

C1: Eu acho que deve ter algum ajuste ou outro no decorrer do processo. Que o futebol também é um processo evolutivo, mas na minha opinião, esta muito legal. Eu acho que faz todo o sentido.

C2: Os objetivos das alterações é aumentar a relação com a bola e minimizar o aspecto físico nessa iniciação esportiva. O que seria minimizar o aspecto físico? Um campo menor não vai destacar um lateral, que tem força para chegar no fundo, e que tem força para cruzar a bola. Vai destacar o lateral, que tem mobilidade, que tem um bom passe, e que mesmo sem força agora, ele ainda não sabe cruzar uma bola perfeita, mas ele tem inteligência e técnica.

C3: As mudanças elas têm objetivo final de fazer com que os meninos participem mais do jogo de uma forma organizada. Esse é o objetivo principal. Penso que a gente precisa ainda melhorar e ampliar o debate sobre isso. Porque nem tudo que foi mudado eu concordo, que tenha tido o fim que a gente acredita. O intuito é o melhor possível, mas nem toda mudança eu considero ter sido benéfica. Exemplo: o campo foi diminuído e diminuído o número de atletas. Comparativamente falando, ficou igual o espaço, o metro quadrado por criança. Então, a gente precisa avaliar se vale à pena diminuir o campo e realmente manter 8 atletas, ou diminuir o campo e aumenta o número de atletas. E assim, ele consegue ter mais toques na bola fazendo uma avaliação criteriosa de metro quadrado de participação.

Para os DE, a adoção de novas adaptações estruturais e funcionais se fazem necessárias, em vista ao sentido e aos objetivos de formação esportiva, que lhe esteja mais adequada, e por maneira, propostas aos conteúdos de treinos para a atividade de competição – numa relação de continuidade e complemento dos objetivos de formação que se promovem no treino.

Exemplo disso é como C1 e C2 mencionam sobre priorizar a relação com a bola como forma de privilegiar os mais talentosos para um processo evolutivo de desenvolvimento técnico dos participantes. Não ser este um espaço somente para formar jogadores, de acordo com F1, porém apropriado à relação de espaço para uma forma mais organizada de atuação dos jogadores, mais as proposições de sua formação técnica e tática, conforme menciona C3. A simples alteração de regras não garante uma mudança de sentido do jogo, visto que esse depende também de um consenso entre os participantes em relação aos objetivos da prática (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

De acordo com os DE, as adaptações das regras oficiais ocorrem para que haja uma vinculação destas aos objetivos e possibilidades de melhora da dinâmica do jogo e, conseqüentemente, fatores tático-técnicos para se desenvolver um processo de formação esportiva. Nos discursos dos DE há uma demonstração dessa relação:

F1: No sub-11 assim, o fato de você reduzir, do ponto de vista técnico, os estudos na FIFA mostram que você aumenta a participação do garoto, ele toca mais vezes na bola e você cria mais situações de 1x1. Ele vivencia outras funções dentro do campo [...].

C2: Então você adaptando a regra, a bola, a trave e o campo, você valoriza aspectos fundamentais, principalmente do futebol brasileiro, que é técnica e inteligência. Eu vou ver quem toma decisão rápida e quem tem um bom passe.

C3: O futebol brasileiro ele foi muito expoente a uns bons anos, porque jogava 2x2 com 10 anos de idade no meio da rua, 3x3, 4x1. Essa variedade de jogo, a variedade do jogar e da maneira de jogar na rua, criada por nós mesmos enquanto criança, isso tudo é válido. O que é mais válido ainda, quando eles participam da decisão da forma de jogar e não nós.

A adoção dos modelos metodológicos do esporte de alto rendimento na preparação desportiva dos mais jovens foi um grave erro que cometemos durante muitos anos e de que só agora começamos a ressarcir-nos (MARQUES, 2004). O processo de uma mudança de sentido da prática esportiva se dá através de adaptações do ambiente, regras e materiais envolvidos na prática, e na forma como a atividade é conduzida pelo grupo de participantes, ou pelo promotor da atividade (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

Adaptações e alterações estruturais e funcionais significativas estão sendo feitas nos últimos anos nas competições menores na FPF. Estudos realizados no futebol com crianças em jogos de campos reduzidos demonstram que esta configuração do jogo privilegia um aumento na relação com a bola e na tomada de decisão, assim como mais oportunidades de se marcar gols e os goleiros entram em ação com mais frequência (FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION, 2018). Os DE concordam que os resultados alcançados com as modificações das regras é importante e torna o processo menos precoce, porém apenas a FPF tem promovido este tipo de mudanças nas categorias iniciais:

F1: [...] eu lembro quando a gente fez a redução do campo. A questão do campo, que a ideia já era diminuir os jogadores, mas o pessoal falou: o futebol é onze! E então, a gente ficou assim, que não era o ideal, e a gente passou para nove e liberamos as substituições. Enfim, foi um avanço, e eu vivi todo o processo, porque a gente construiu isso aqui dentro da FPF [...].

F1: [...] com as substituições volantes, o garoto poder ir para o banco e o treinador pode orientar e mandar voltar para o campo novamente. Acho que foi uma mudança, que como eu te disse, antes foi uma mudança que deu muita satisfação para gente.

C2: Precisa da competição adaptável, para que você regulamente para que essas coisas sejam trabalhadas. Agora, deixar a competição solta, na nossa cultura, vai ser só futebol precoce, clube precoce, futebol resultado não vai ter formação.

C2: Eu acho que a FPF esta no caminho, os clubes ainda estão reticentes, relutantes um pouco com essas adaptações, mas já há pelos 3 anos que eu vejo já está tendo uma aceitação.

C2: O que me preocupa também, é que ela, é uma ação somente de uma Federação. Você pode ter dados melhores, o que as outras Federações estão fazendo? Eu acho que não.

Os discursos apontam que, embora não haja uma mudança no sentido pautado ao esporte oficial, as adaptações nas regras atendem mais a questões de ordem tática e menos de inclusão e ressignificação. Porém, têm gerado uma intencionalidade em promover uma competição em níveis mais próximos, tanto em relação a seus atributos físicos como quanto ao ganho de competências tático-técnicas. Há necessidade de alterações nas estruturas físicas do jogo para que as intervenções pedagógicas possam ocorrer e os princípios se materializem em ações práticas (SCAGLIA, MEDEIROS; SADI, 2006). Logo, deve haver uma redução das medidas dos jogos para cada categoria. Assim, o tamanho do campo ou da quadra aumenta à medida que crianças crescem, bem como os alvos (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

As substituições livres mencionadas por F1, funcionam de modo a oportunizar a participação mais igualitária de todos no jogo. Além disso, F1 destaca que as substituições também são uma forma de orientar aqueles que estão na partida fora de campo e imediatamente retorná-lo ao jogo. Todos devem ter oportunidades iguais, visto que a competição é um dos conteúdos abordados nos esportes, e vivenciar um tempo suficiente para explorar as possibilidades reveladas no jogo (REVERDITO et al., 2008).

Em estudos realizados por Ricci e Marques (2018), pode-se considerar que o objetivo de se adaptar as regras de substituição para ampliar a participação dos jogadores ao longo da competição foi parcialmente atingido, pois se não houvesse tal regra possivelmente a diferença de participação poderia ter sido ainda maior.

Nesse subtema, os DE afirmam que as adaptações são uma necessidade para que as intervenções pedagógicas possam ocorrer. Além de considerarem que seja também mais compatível com as suas aptidões e competências, permitindo aos envolvidos, além da satisfação

em jogar independente do resultado, serem mais inteligentes e mais capazes de resolver os problemas enfrentados durante o jogo. Adaptações às competições são necessárias e devem coadunar com pressupostos educativos coerentes em termos de objetivos e metodologias (RUFINO et al., 2016).

No discurso de C2, torna-se fundamental transformar a competição de jovens para atingir seu potencial formativo, de modo a justificá-lo como um ambiente de aprendizagem que cultive outros valores, e não somente o viés da maturação precoce como determinantes para se competir. Reforça-se o sentido de superar o conceito de competição como um fim valorizando a aquisição de competências, para uma compreensão como parte do processo de ensino, vivência e aprendizagem esportiva (GALATTI et al., 2014). Garantir e oportunizar a participação nas competições àqueles que momentaneamente são percebidos como menos aptos, influenciados por um período de forte influência de fatores como o desenvolvimento biológico (LEONARDO; KRAHENBÜHL; SCAGLIA, 2017).

Estudos realizados com jovens jogadores de futebol, por Costa et al. (2010), demonstram que o aproveitamento das competências técnico-táticas de atletas em estruturas formais de jogo reduzido é superior quando comparado ao das estruturas formais. Tal fato justificaria propostas funcionais e a reestruturação do jogo nas competições, promovendo assim um melhor aprendizado técnico e possibilitando um aumento da motivação entre os jovens jogadores.

Para Milistetd et al. (2014), que analisou diversas federações do Paraná quanto às suas adaptações em competições de menores, concluiu que

As alterações estruturais e funcionais demonstradas no presente estudo revelam preocupações com o melhor aproveitamento competitivo de jovens atletas, apanágio da formação esportiva de longo prazo. No entanto, as federações estaduais que regulamentam o futebol e o futsal, consideradas modalidades populares no país, não apresentaram modificações significativas em suas diferentes categorias.

Esta análise da organização competitiva na iniciação ao futebol federado concorda com C2 e C3 quando menciona que somente a FPF tem feito essas mudanças em suas competições iniciais, e que, está é uma preocupação dos dirigentes com as federações na maneira de fomentar o futebol nas categorias iniciais:

C2: Tem que se adaptar à realidade dos clubes, tem que oportunizar cada vez mais, mas não pode deixar de existir, tem que ter esse primeiro pontapé. Agora

as adaptações de acordo com as necessidades a própria legislação e a própria formação.

C2: Então, assim a FPF está no caminho certo, os clubes não querem entender esse caminho certo por questões culturais e até políticas. E o que preocupa é que é só a FPF, mas existem hoje mais 24, mas a maior de todas para mim. A FPF está se estruturando mais numa especialização esportiva e não em uma iniciação esportiva, então, ela hoje está com um bom trabalho de base, só que é do 15 para cima.

C2: É o que eu falei: Só a FPF está engatinhando, mas está indo bem, porém a minha preocupação é que as outras todas não estão nem pensando nisso!!!

C3: A FPF tem sido muito feliz nos debates, muito feliz na construção, ela tem sido muito positiva na forma como ela tem buscado o diálogo entre os clubes. Uma construção fazer com que a competição fique melhor para todos e não melhor para FPF. Ela tem aberto mão para que os clubes coloquem as opiniões e a FPF tem tentado organizar, embora seja muito difícil agradar a todos, mas eles têm tentado ser mais coerentes possível e assertivo.

O início do envolvimento competitivo parece ocorrer antes das idades recomendadas pela literatura especializada, favorecendo o surgimento de um quadro de especialização esportiva precoce destes jovens atletas (MILISTETD, 2014). E o universo das práticas esportivas que a pesquisa demonstra em certo momento não é senão a resultante da relação entre uma oferta, produzida por toda a história anterior, isto é, um conjunto de “modelos”, de práticas (regras, equipamentos, instituições especializadas), e uma procura, inscrita nas disposições (BOURDIEU, 2007).

As práticas esportivas (competições), portanto, constituídas historicamente de um produto das relações de modelos de práticas e disposições da prática, isto é, uma representação legitimada do esporte por este modelo do sentido oficial (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

A última categoria (c) “A participação no jogo como condição para jogar e ser avaliado”, refere-se aos critérios de que todo atleta federado deva participar da competição como condição para avaliação de suas habilidades e evolução dos aspectos físicos, técnicos e táticos:

F1: [...] então, tem coordenadores que exigem dos treinadores essa minutagem. Para eles conferirem aí, quais os treinadores que realmente estão desenvolvendo e rodando todo o grupo [...].

F1: [...] a competição ela faz parte do currículo de formação do atleta, e da mesma forma que, o atleta tem que durante a semana as sessões técnicas, os fundamentos, a parte sei lá tática. Enfim, a competição faz parte do processo,

ela pode ser o fim né [...], não quer dizer que estou preocupado com a competição. A gente tem que entender o jogo como elemento parte do processo de formação, do currículo do atleta.

C1: [...] o modelo do campeonato paulista, acho que é legal, se tem um joguinho no final de semana e praticamente aí 7 a 8 meses de competição. Eu acho que dá para você rodar¹³ todo mundo e oportunizar todos os garotos do elenco e equilibrar resultados.

C1: Então, ou joga uma equipe o primeiro tempo, e o segundo tempo joga outra, como o regulamento tem nos favorecidos em relação a isso, limite de substituição, então a gente tem oportunizado isso [...].

C2: Porque aí a meta é ser campeão, não é dar conteúdo, e ver se ele evoluiu para ter oportunidade lá no profissional. Como vai ser esse garoto daqui a 6 anos? É isso que a gente tem que pensar, esse é o grande desafio.

C3: A minha sugestão são três pontos. Que o sub-13 ainda é uma categoria de criança, e penso que deveria ter uma obrigatoriedade que todos os atletas joguem o mesmo tempo de jogo. Ver se temos algum tipo de controle, tentar fazer algum tipo de controle, não é simples, mas que todo atleta federado no clube nessa idade, tenha o mesmo minuto de jogo no ano. O atleta federado na FPF junto ao clube, esse menino precisa jogar o mesmo número de jogos que o outro. E no jogo propriamente dito, eu penso que 3 tempos deveria ser ideal nessa categoria, e nas demais categorias de baixo também. E aí sim, um tempo uma equipe, o segundo tempo uma outra equipe, e o terceiro tempo uma equipe mescla ou dois tempos com equipes distintas é a minha opinião.

Fato este que se observa nos objetivos e interesses dos DE com a formação esportiva, no modo de oportunizar a participação na competição. Criar e propor mecanismos para proporcionar melhor a participação de todos os jogadores federados. A participação em competição torna-se um pré-requisito dentro do processo de formação esportiva. De alguma forma os DE propõem incluir um maior número de atletas, alargando as possibilidades, consequentemente, ao longo dos anos de treinamento, haveria uma melhor participação em jogos de todos os jogadores federados. Sobretudo, a construção de um ambiente de aprendizagem em que os procedimentos e objetivos pedagógicos sejam alcançados converge para a ação de jogar carregada de intencionalidade e adaptabilidade (BETTEGA et al., 2015).

Os trechos destacados dos DE reforçam que os treinadores precisam “experimental” todos os jogadores como fator integrante do processo de formação esportiva. Demonstra na fala dos DE uma preocupação em proporcionar uma participação maior de todos os atletas, e com possibilidades mais inclusivas de ações dos treinadores das equipes.

¹³ O termo rodar significa oportunizar que todos os atletas federados joguem o mesmo número de jogos ou tempo de jogo iguais durante as fases do campeonato.

É preciso entender e ressaltar que a competição deve ser vista como um conteúdo a ser aprendido por todos os atletas; sendo assim, não só todos devem jogar por um tempo significativo nas partidas, como também ter acesso ao conteúdo da competição, sua organização, preparação, discussão e avaliação (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013). Um ponto importante de atenção diz respeito às avaliações de atletas sobre a utilidade da competição para o desenvolvimento de habilidades (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003).

A prática esportiva busca indicadores de ação eficazes para estabelecer níveis de desempenhos em contextos específicos, em relação à situação de comprovação com a qual o seu rendimento é avaliado e comparado. Quando denominamos alguém como talentoso em esporte, precisamos definir em relação a qual categoria e nível de desempenho esportivo nos referimos (BÖHME, 2011).

Para dar essa condição de melhores jogadores selecionados, constituem-se os chamados atletas federados, mediante sua disposição em participar dessas competições em níveis mais adiantados de treinamento em longo prazo, a qual objetiva um desempenho esportivo ao alto rendimento. Exemplificando, uma nítida distinção entre aquele de um nível de competição estadual (federado), para a criança considerada talentosa no nível de um campeonato regional ou escolar. Diferenciam-se neste caso, por exemplo, atletas de base dos grandes clubes de futebol do cenário nacional e estadual, de alunos que frequentam uma escola de futebol com diferentes objetivos. Portanto, o desempenho desse aluno pode não ser suficientemente bom quando considerado no nível de uma competição federada. Atletas que figuraram em níveis avançados como mais bem-sucedidos diferem de outros jogadores em uma variedade de atributos (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003).

Destacando ainda mais um trecho dos DE, percebe-se na fala de F1 na seguinte colocação “[...] a competição ela faz parte do currículo de formação do atleta”, podemos destacar, num primeiro momento, um indivíduo habilidoso, aquele que adquiriu grande conhecimento ou habilidade graças à experiência e à prática (PAES; BALBINO, 2005). A atividade de uma prática continuada relaciona-se com muito mais intensidade quando é fruto de um desempenho ótimo, no sentido de proporcionar prazer e realização e com isso tornar-se um hábito.

Observa-se que ser um talento esportivo parece ser para uma minoria, pois para chegar ao *status* de um atleta federado, a criança tenha que passar por esse processo longo de treinamento, sendo essa uma condição importante para garantir que possam, no futuro, alcançar dentro desse ambiente esportivo um aprofundamento máximo para o alto rendimento. O

trabalho de base é um processo contínuo de formação. Depende de todas as categorias, das diversas etapas e de uma equipe formada por profissionais dos diversos campos de atuação profissional (PAOLI, 2007).

A fala dos DE demonstra que a competição, parte integrante do processo de formação do jogador, é um dos principais parâmetros de avaliação do trabalho realizado e para identificar a evolução do jogador, embora, de acordo com os trechos transcritos, o resultado tenha que fazer parte e não fim dos objetivos das categorias iniciais. Fica constado no planejamento dos DE nas categorias iniciais da estrutura dos clubes de futebol em proporcionar a todos os jogadores as mesmas oportunidades de prática tanto nos treinos como nas competições.

6.4 Investimento na qualificação do corpo técnico para orientar os jovens jogadores

Este último grande tema de análise difere um pouco dos anteriores, porque clubes e federação recebem recomendações e promovem qualificações dos profissionais envolvidos com a formação esportiva, conforme foi observado pelo discurso dos DE para a promoção e elaboração das competições nas categorias iniciais.

Percebe-se nos discursos dos DE, na concepção do significado da prática, buscando alternativas de fundamentar e qualificar os profissionais para o estabelecimento de normas das competições, quando discursam sobre propostas efetivas de capacitação dos profissionais envolvidos através de cursos licenciados oferecidos pela CBF e recomendações da FIFA, enquanto pré-requisito para atuação e escolha dos perfis nas categorias iniciais como treinadores da modalidade.

Na categoria (a) “A relação da fundamentação teórica para o estabelecimento das tomadas de decisões”, observa-se ações estruturadas pautadas nas recomendações da federação internacional (FIFA) quanto a elaboração das competições nas categorias iniciais, assim como em relação às adaptações estruturais e funcionais nas regras:

F1: Legal comentar isso aqui, que é a questão de todo esse processo, da adaptação das traves, do campo de jogo também. Essa redução que a gente fez, baseada no *Grassroots* da FIFA, em vários encontros com os treinadores para conscientizar os motivos da mudança. Porque a gente estava mudando e recomendando segundo as adaptações. E também, fizemos aqui seminários com psicólogos, pedagogos e assistentes sociais voltados para o desenvolvimento humano, que é uma preocupação grande da gente aí [...]. A gente tem feito muita coisa para contribuir.

C2: Se houver modulação das regras com certeza não. Agora se não houver, vai piorar. Por isso a FPF esta na frente. Esta modulando as regras, e com calma explicando para o gestor o porquê dessa mudança de regra, o porquê da adaptação do campo, o porquê da bola menor. Porque que ela vai dar faixinha (material para demarcação do campo).

C3: [...] e esse trabalho de capacitação e de reforço tem sido feito periodicamente com os profissionais que atuam diretamente com os meninos dentro do campo. É da importância do desenvolvimento do caráter, desenvolvimento humano e desenvolvimento em todos os sentidos, cognitivos, de formação de ser humano e obviamente de formação técnica.

Nos discursos dos DE, verificou-se que assim como a FPF e os clubes entrevistados indicam o *Grassroots*¹⁴ FIFA e as Licenças CBF¹⁵ como subsídios da formação dos profissionais na instituição esportiva. Vale ressaltar que existem cursos específicos para os profissionais envolvidos na supervisão e coordenação esportiva. Esse ambiente com uma cultura organizacional particular deve promover a discussão de valores, o comprometimento e a responsabilidade, bem como a capacidade de interagir de forma eficaz com treinadores, colegas, familiares e outros indivíduos pertencentes ao contexto (BETTEGA et al., 2015).

Aliada à necessidade de se construir relações entre federação e clubes, os DE propõem intervenções pedagógicas por meio de conhecimentos renovados e atualizados, permitindo assim que haja mudanças nas competições das categorias iniciais do futebol, e não ocorra simplesmente a reprodução de contextos de sentido oficial, sem a devida reflexão sobre os porquês, em um ambiente diferente. Esse sentido deriva das condições sociais, culturais e históricas dos indivíduos envolvidos, que exercerão influência sobre a concepção da atividade, através do Efeito de apropriação¹⁶ (BOURDIEU, 2004a).

É possível perceber na fala dos DE uma preocupação em buscarem alternativas que minimizem alguns problemas, como por exemplo, cargas de treinamento, pressões por resultados, não jogar, falta de diversão, a começar por selecionar e direcionar os perfis de profissionais multidisciplinares e verdadeiramente especializados e qualificados para essas categorias iniciais (SILVA; SILVA; PAOLI, 2011).

¹⁴ O *Grassroots* é um manual metodológico desenvolvido pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Técnico da FIFA com objetivo de capacitar profissionais para desenvolvimento de aspectos da iniciação ao futebol.

¹⁵ A CBF promove, desde 2016, através da CBF Academy, criada a partir das diretrizes da FIFA para formação de treinadores, para atuação desde o nível iniciante (Escolas de Futebol) até equipes profissionais, adquirindo as Licenças de forma gradual, com a garantia e chancela da CBF, Conmebol e FIFA.

¹⁶ Segundo Bourdieu (1990), são modos distintos de aprendizagem e envolvimento com o fenômeno esportivo através das interações sociais e a elasticidade semântica próprias desse ambiente que se manifesta de forma heterogênea.

Nos relatos dos DE descrevem a importância de se ter profissionais qualificados e que tenham acesso ao conhecimento do processo de desenvolvimento esportivo do atleta, principalmente na fase da infância, para permitir-lhes ações pedagógicas possíveis de melhora de suas condições individuais para, quem sabe no futuro, tornarem-se jogadores de futebol. Apesar do forte apelo comercial, há necessidade de se ter também uma política clubista que defendam o procedimento ideal de formação de jogadores, sendo mais fáceis aos critérios etários e de desenvolvimento físico para composição das categorias (SILVA; SILVA; PAOLI, 2011).

Ao se trabalhar com a Pedagogia da Competição, o profissional deve estar ciente dos riscos de suas ações, quando inadequadas (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013). Logo, sugiro que as pessoas que estão envolvidas com o esporte na infância reconheçam a sua complexidade (SANTANA, 2005).

Na categoria (b) do quarto tema “O perfil do treinador e a oferta das categorias iniciais”, estabelece para essa discussão, que a exigência da CBF, e consequentemente da FPF em conjunto com os Clubes, quanto a questão da qualificação dos treinadores, é um processo em andamento e implantado pela CBF desde 2016, denominada CBF Academy, responsável pela capacitação e formação de profissionais que atuam no futebol. Os cursos seguem as diretrizes da FIFA para implementação de certificados e licenças, sendo estas, realizadas através dos módulos das Licenças C, B, A e PRO.

Esta tem sido necessariamente uma exigência da FPF para atuação dos profissionais, desde o nível iniciante (Escolas de Futebol) até equipes profissionais, que atuam na organização esportiva dos clubes (coordenadores, treinadores, preparadores físicos, entre outros).

Devido a tal fato, os DE reconhecem um ponto importante, a qualificação dos treinadores como uma função das entidades e clubes. Tal posicionamento relatado sobre as recomendações da federação internacional (FIFA), de certa forma, verifica-se uma fundamentação teórica. O estabelecimento das adaptações e a identificação de cursos e seminários oferecidos pela FPF e reuniões periódicas entre os departamentos do clube para capacitação e formação dos profissionais, estão vinculadas entre as respostas:

F1: É que é assim, como a gente vai formar bem nossos atletas se o professor não está bem formado. Quanto mais alto for o nível do professor, quanto mais alto conhecimento o professor tiver, melhor ele vai formar os seus alunos, seus atletas. Então, se a formação do professor não é boa, o processo de formação fica totalmente comprometido. A questão da educação, dos valores, ou seja, você compromete toda a cadeia de formação e desenvolvimento. Então esse

aspecto de qualificação, não só do treinador, mas coordenador de base, coordenador técnico do profissional. Hoje a gente tem vários cursos aqui, tentando qualificar todos os profissionais que atuam no futebol.

F1: [...] o cara com a excelência de formação trabalhando nas categorias menores é o nosso sonho. Até chegar a ter um momento, que a gente tem treinadores com a licença Pro, e o cara trabalhando na base. Então, ou seja, ele tem a formação mais alta e de repente porque ele se identifica, gosta do processo de formação, ele está na base, e então, no futuro a gente espera chegar a isso.

C1: No processo de formação, o que eu acredito, que quanto melhores os professores, melhores alunos você vai formar. Então, obviamente você oferece um ambiente favorável para o garoto poder se desenvolver e poder utilizar o potencial que ele tem, ou possível potencial, e daí envolve muito também a composição das comissões técnicas. Trazer professores qualificados, preparados, com perfil para trabalhar com aquela determinada idade.

C1: [...] há algum tempo isto é uma coisa que a gente não negocia. A gente esta muito atento, porque eles são referências, principalmente até o sub-17. Esse trabalho e a figura do treinador, influencia diretamente os garotos. Então, a gente fica muito atento e tem muita cautela para contratar o treinador, porque ele tem uma responsabilidade muito grande. Eu sempre falo que o maior patrimônio dos pais são os filhos, então, você esta lidando com o maior patrimônio do clube também. Então, você vê a responsabilidade dos treinadores e a gente tem muita cautela. Assim, o grande desafio nosso hoje é isso, é você identificar o perfil desse treinador e se faz sentido você ofertar aquela categoria para ele.

C2: No clube por exemplo nós damos 100% da licença para o pessoal. A FPF dá o desconto e com a conta da FPF vou pagando e aí eu estou formando. Porque isso hoje aqui dentro do RH, é qualificação do funcionário. Assim a federação e confederação conseguem modular as coisas, eles fazem o regulamento, com interesses do futebol, interesses dos clubes ou próprios, os clubes formadores de preferência. E daí os grandes clubes vão pegar esses formadores e a cadeia toda se alimenta.

Eles apontam que, embora haja uma capacitação dos profissionais envolvidos direta e indiretamente, e nesse caso o treinador, tenha sua competência técnica além de uma postura adequada para lidar com as categorias iniciais, seja necessária uma melhor qualificação dos treinadores nesse ambiente de iniciação esportiva. Em um dos trechos C1 demonstrou a preocupação com a contratação de alguém graduado em Educação Física, “ Há algum tempo isto é uma coisa que a gente não negocia”, a ênfase dada no início da fala sobre contratar treinadores para as categorias iniciais até o sub-17. Acreditamos apenas que aquelas pessoas que frequentaram as universidades e graduaram-se tendem a ser mais bem preparados (as) para exercer o trabalho, pois é de se esperar que os (as) mesmos (as) tenham adquirido e continuem a adquirir maior número de informações necessárias à atuação profissional (SANTANA, 1996).

Santana (1996, p.76) expressa com clareza a atuação do treinador no ambiente da iniciação esportiva, quando considera que,

Competência técnica e compromisso político, o domínio das dimensões técnica, humana e sócio-política são fundamentais para que o (a) orientador (a) possa assumir o compromisso profissional e atuar no período em que o esporte é introduzido na vida da criança.

Em consequência dessa relação de interação direta na formação esportiva, Filgueira (2004), estabelece que, o professor deve ter em mente sua conduta pedagógica, seus princípios e procedimentos, para saber seus objetivos em relação à iniciação no futebol. O treinador tem sido reconhecido como a pessoa central na formação dos esportistas (BARBANTI, 2005).

Na tentativa de tecer considerações, que não sejam finais, tomamos como fundamentais os discursos dos DE no tratamento da qualificação do que se tem dado aos profissionais para emergir de conhecimentos pedagógicos para melhor atuação nos propósitos metodológicos para formação de jovens atletas. Para que isso ocorra, é necessário modificar a postura do professor frente à competição (SCAGLIA; MEDEIROS; SADI, 2006).

Constituir ferramentas de intervenção do professor para resignificar a prática, significa alterar uma reprodução de comportamentos presentes nas competições esportivas massificadas¹⁷. Questões emocionais, de atitude e postura dos professores são pontos construtivos de mediação do processo de ensino-aprendizagem. As bases comportamentais das competições dependem dessas questões (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

Os DE reconhecem a figura do treinador, o seu papel e função pedagógica no seu campo de atuação que revestem de grande interesse para reflexão e investigação. A forma com que o professor lida com os procedimentos didáticos de diferentes métodos de ensino nos jogos esportivos coletivos pode configurar um ambiente de especialização esportiva precoce (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014).

Os discursos dos DE indicaram uma percepção na qual há um processo em transformação quando perguntados sobre os objetivos e expectativa para organização e participação nas competições, relaciona a aceitação deste princípio de participação competitiva das categorias iniciais a um caminho de esforço de qualificação da prática, em causa de uma renovação de mentalidade e conceitos. No caso da formação de treinadores, a aprendizagem

¹⁷ O sentido de massificação é direcionado ao crescimento de espectadores e consumidores, está intimamente ligado à espetacularização do fenômeno esporte. A divulgação de suas práticas, valores e significados amplia o campo de ação do mercado e do esporte como produto (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009).

deve ser centrada no indivíduo, reconhecendo suas necessidades e potencialidades, bem como auxiliando o desenvolvimento de competências ao longo da vida, sendo essas relacionadas com seus contextos de inserção (TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018).

Destacando ainda preocupações e considerações dos DE no seguinte trecho “quanto melhores os professores melhores alunos você vai formar, então obviamente você oferece um ambiente favorável” (C1) e em outra colocação “federação e confederação conseguem modular as coisas, eles fazem o regulamento, com interesses do futebol, interesses dos clubes ou próprios” (C2). Percebe-se uma intervenção pedagógica para a competição num envolvimento formativo mais favorável à satisfação das suas necessidades e interesses. A intervenção do treinador em meio ao clube sofre constantes interferências internas e externas, isto é, na relação com jogadores, membros da comissão técnica e dirigentes, bem como no âmbito externo com a torcida, empresários, mídia e demais agentes do contexto (BETTEGA et al., 2019).

De fato, é necessário contextualizar o direcionamento do sentido adotado e os valores presentes e adequação destes ao ambiente em que se insere (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007). Reconhecendo que o clube tem um grande potencial para criar contextos que facilitem o desenvolvimento do treinador e do jogador promovendo situações de aprendizagem significativa (BETTEGA et al., 2019).

Nessa compreensão dos discursos dos DE, da missão complexa de proporcionar possibilidades para a formação de treinadores, é possível identificar que sejam respaldados por uma fundamentação e no contexto de inserção ao longo do tempo visualizando o cenário do clube e, especificamente a sua interação com o jogador em formação e considerando ser este o maior patrimônio do clube. Fica clara a maior valorização, por parte dos dirigentes, da grande responsabilidade dos treinadores no processo de formação de jogadores de futebol. O desenvolvimento do aprendizado do treinador de futebol ocorre com base na forma como os ambientes são estruturados, as relações são estabelecidas e os significados são incorporados e materializados ao longo do tempo (BETEGGA et al., 2019).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar e descrever a perspectiva dos dirigentes esportivos a respeito dos objetivos e sentidos das competições nas categorias iniciais, tanto do ponto de vista dos dirigentes de Clubes de futebol quanto da Federação Paulista de Futebol.

Na perspectiva dos dirigentes, as competições ocupam um papel fundamental no processo de desenvolvimento pedagógico como forma de conteúdo do treinamento que interfere diretamente no processo de formação esportiva dos jogadores.

É possível reconhecer a posição dos dirigentes de certa forma heterodoxa, ou seja, a busca de novos valores e novas configurações das relações existentes nesse contexto esportivo. Frente ao conhecimento dessa atuação favorável, a adoção de estratégias que sugerem uma necessidade de ressignificação de seu sentido neste ambiente de manifestação da competição infanto-juvenil. Embora haja intenções de propor ações de adaptações estruturais e funcionais às normas e valores impostos pelo formato de disputa das competições, essas ainda possuem um sentido oficial legitimado. Tal sentido da prática, mesmo que as regras sejam adaptadas em relação às formalizadas pela entidade normativa, ainda assim, se expressa sob valores, contextos e sentidos pautados ao oficial, não sendo necessariamente um fator determinante para mudança de sentido da competição para os jovens praticantes.

A partir dos resultados da pesquisa, verificou-se que os dirigentes concordam que podem existir implicações de especialização precoce para participação nas competições, por questões de tradição e resultado, exigências de diretores, rivalidade entre os clubes e mercado de trabalho para treinadores.

Os discursos dos dirigentes por muitas vezes se colocam pautados na ressignificação, porém em um contexto caracterizado pelo sentido oficial. Neste contexto esportivo, caracterizado pela formação e seleção de jogadores, a competição como meio para conquistas esportivas e promoção de novos talentos, privilegiando em dados momentos de disputas eliminatórias a participação daqueles considerados de maiores habilidades, torna-se a rigor, um processo cauteloso de mudança de sentido desta prática hegemônica.

De modo geral, com relação aos resultados quanto a objetivos e sentidos das competições iniciais na perspectiva dos dirigentes verificou-se:

- 1) A intenção de desenvolvimento humano, capacitado aos valores ensinados pelo esporte para formar cidadãos capazes de viver melhor em sociedade;
- 2) Objetivos competitivos imediatos de seleção e avaliação ao processo de formação esportiva;

- 3) A possibilidade de formação e promoção de novos jogadores de futebol;
- 4) Qualificar e melhor formar os profissionais com perfil para as categorias iniciais.

Quando se verifica as razões e justificativas dos dirigentes esportivos para participação em competições, pode-se observar que é fundamental:

- a) Aprender a competir;
- b) Considerar parte do processo de treinamento, principalmente associados a desempenhos dos jovens atletas nesse ambiente competitivo;
- c) Alternativa de vincular o jovem atleta ao clube para efeitos financeiros de ganhos de clube formador;
- d) Promover discussões através de reuniões técnicas, seminários e cursos para fundamentar os processos de adaptações das regras e argumentação junto aos dirigentes de clubes.

A partir de uma leitura de conclusão sob um processo de ressignificação da prática hegemônica, opção reflexiva e sugerida por este estudo, é possível mencionar que:

- a) É possível perceber no sistema de competições federadas de futebol no Estado de São Paulo, adaptações e alterações nas regras nas categorias iniciais e uma preocupação que permeia uma melhor adequação dos regulamentos às necessidades e interesses de seus participantes.
- b) Valorizar o processo de formação de atletas pautado na formação humana (valores, atitudes, comportamentos) e formação técnico-esportivo (ações técnico-táticas).
- c) As entidades têm proposto discussões e reflexões com alguns de seus agentes envolvidos sobre a forma de promover competições entre os jovens esportistas, quanto o modelo hegemônico da competição do esporte de alto rendimento como ideal para a iniciação esportiva.

Frente aos resultados identificados na pesquisa com os dirigentes esportivos, sugere-se uma forma de fomentar a modalidade que poderia acontecer de outras formas de competições, como os festivais esportivos, facilitando a participação de um número maior de clubes com menores recursos financeiros e estruturais, que poderiam ser realizados em quatro ou cinco finais de semana durante o ano. Em tais eventos, poder-se-ia premiar todos os jogadores com certificados de participação do mesmo tipo.

Os festivais esportivos preconizados na forma de jogos, brincadeiras, ludicidade, bem como o ensino de técnicas e táticas, pode ser otimizados através de competições, mas com caráter mais ressignificado. Porém, apenas a realização de festivais não resolveria o problema.

É importante mudar o modo como entidades reguladoras, clubes e agentes do campo esportivo percebem os sentidos das competições.

Atualmente, existem diversos outros campeonatos organizados por outras entidades, associações e ligas, de vários níveis de competitividade, de custos menores e menos burocracias, que poderiam ser realizados em conjunto com as federações e com escolas parceiras juntamente com outras agremiações, torneios ou festivais como um meio de fomentar a participação de um número maior de praticantes para uma melhor formação de jovens jogadores. Dado este que a federação da modalidade é o meio de alcançar a competição de alto nível, nas categorias maiores e profissionais, e a fim de buscar garantias de clube formador para futuras recompensas financeiras de possíveis negociações e transferências de jogadores (Lei Pelé)¹⁸.

Em relação aos treinadores, a contratação de profissionais formados em Educação Física preparados e a formação de treinadores através da Licença B, promovida pela CBF, são pontos constitutivos para bases comportamentais, porém, a atitude e postura dos treinadores são ponto-chave do esporte, para o sentido de sua existência no processo de ensino-aprendizagem.

A partir desse estudo, pode-se concluir que existe um sistema de competição, por parte da FPF, em idades muito baixas e uma forma de competição com algumas adaptações e alterações estruturais e funcionais que diferem um pouco das categorias subsequentes ou maiores. Parece oportuno também referir que exista uma consciência de que este é um processo em transformação.

Os dirigentes esportivos de federação e clubes sabem da necessidade de ressignificar a competição. Para isso, buscam o envolvimento da comunidade esportiva para propor algumas modificações de ordem estrutural e funcional. Reconhecem que o sistema atual é excludente, porém concordam com o formato de disputa que, a rigor, mantém o processo em um sentido oficial. Percebe-se que tais modificações atendem mais a questões de ordem tática e técnica, e menos de inclusão e ressignificação. Portanto, a relação de sentidos e os objetivos atribuídos a prática esportiva com a perspectiva dos dirigentes, quanto às competições nas categorias iniciais, torna essa uma forma de manifestação que transmite valores próximos ao sentido oficial. Porém, mesmo pautado em caráter formal e regulamentado, neste caso promovido pela

¹⁸ Em pauta trata-se da alteração da Lei Pelé (9.615/98) em vigência para permitir a redução da idade de formação do menor aprendiz de 14 para 12 anos, adequando a legislação brasileira ao Regulamento de Transferência da FIFA, denominado Mecanismo de Solidariedade da FIFA, que prevê ao clube formador receber uma porcentagem das transferências internacionais proporcional ao tempo de registro do jogador com o clube entre seus 12 e 23 anos. A Lei Pelé exige que os clubes cumpram alguns dos requisitos, a fim de poderem receber a certificação e consequentemente o seu percentual, dentre eles: Comprovante de atuação do atleta em competições oficiais.

FPF, algumas ações e intenções dos DE tem mostrado um processo de ressignificação dessa prática hegemônica.

Os atuais sistemas de disputa das competições iniciais não se diferenciam dos modelos de eliminatórias aplicados as categorias maiores, e alterações mais profundas nos regulamentos específicos devem ser estabelecidos visando aumentar o seu potencial formativo e participativo.

Em relação às modificações pedagógicas possíveis apresentadas no presente estudo sobre as mais diversas variáveis possíveis (temporais, espaciais, móveis, de jogadores e de resultados), as categorias que mais apresentaram modificações foram as faixas etárias abaixo de 11 anos, as chamadas categorias Sub-11. Revela-se, por parte da FPF, uma maior orientação e intenção sobre um melhor aproveitamento competitivo dos jovens atletas, no sentido ressignificado do esporte quanto à forma de organização de sua prática, baseada em processos de adaptação da atividade esportiva às capacidades, limitações e objetivos dos participantes, pelo menos pautada as transformações físicas, materiais e de regras do jogo de futebol.

Quanto aos resultados alcançados em relação aos objetivos propostos, deve-se considerar rever a forma e a participação em competições federadas com elevados níveis de exigência técnica, física e emocional, principalmente na categoria de entrada (Sub-11), promovendo maiores interferências no sistema de competição promovido para as categorias iniciais.

A pesquisa proposta com o referencial teórico e seus resultados apontam para uma necessidade de elaboração e revisão das diferentes formas de competição oferecidas às crianças, principalmente nas categorias iniciais. A partir dos discursos dos DE, é possível sugerir que iniciativas estão sendo tomadas, e os clubes em conjunto com a FPF estão se baseando em uma fundamentação teórica por meio de recomendações da federação internacional (FIFA).

Sendo assim, tais evidencias de mudanças precisam ser mais aparentes e de interesse de seus dirigentes para que mais e maiores modificações possam ser discutidas e aplicadas nas categorias pesquisadas. As entidades que se propuseram a promover e participar de tais competições iniciais a nível estadual precisam se atentar mais a maneira como irão expor os jovens participantes a sua prática e como fazê-la ao favorecer um processo competitivo que não se sobreponha a um envolvimento especializado cada vez mais precoce no futebol.

Nesta perspectiva, ao abordar o tema das competições no futebol para jovens participantes, ganha relevo questões pertinentes a novas discussões e análises sobre o papel da

competição, mostrando transformações sólidas em suas diferentes manifestações e sentidos, já é o primeiro passo para quebra de paradigmas.

Afinal, embora essa pesquisa tenha sido direcionada ao futebol, fica evidente que a análise para outros esportes em diferentes contextos se faz pertinente, que também reproduzam as congruências entre esporte e as competições esportivas na infância.

Não houve a pretensão de cessar as discussões sobre o sistema de competições para jovens iniciantes, pelo contrário, fazer emergir maiores e melhores contribuições para esta pesquisa buscando novas investigações para organização de competições infanto-juvenis. Questões relacionadas ao papel das federações e dos clubes de futebol, a forma de competição com idades mais baixas, a fundamentação teórica e os critérios daqueles que a organizam, opiniões dos dirigentes esportivos sobre o sistema atual de competições nas categorias iniciais organizadas pelas Federações. Por fim, como possibilidade de estudos futuros, investigações de campo, acompanhando a rotina dos agentes envolvidos, de modo a poder melhor identificar possíveis processos de ressignificação e, também, estender novos questionamentos a demais dirigentes e a outros agentes envolvidos no processo de iniciação esportiva, como os treinadores e jogadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARENA, S. S. **Iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo**. 2000. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ARENA, S. S.; BÖHME, M. T. S. Programas de iniciação e especialização esportiva na Grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 184-95, jul./dez. 2000.

ARENA, S. S.; BÖHME, M. T. S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 4, p. 45-50, mar. 2004.

ARONSON, J. A. Pragmatic View of Thematic Analysis. **The Qualitative Report**, v. 2, n. 1, p. 1-3, 1994. Disponível em: <<http://nsuworks.nova.edu/tqr/vol2/iss1/3>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

BAKER, J.; CÔTÉ, J.; ABERNETHY, B. Learning from the experts: practice activities of expert decision makers in sport. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 74, n. 3, p. 342-347, 2003.

BARBANTI, V. J. **Formação de jovens sportistas**. São Paulo: Manole, 2005.

BARREIROS, A.; CÔTÉ, J.; FONSECA, A. M. From early to adult sport success: Analysing athletes' progression in national squads. **European Journal of Sport Science**, v. 14, p. S178-S182, 2012.

BETTEGA, O. B.; SCAGLIA, A. J.; MORATO, M. P.; GALATTI, L. R. Formação de jogadores de futebol: princípios e pressupostos para composição de uma proposta pedagógica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 791-801, jul./set. 2015.

BETTEGA, O. B.; MACHADO, J. C. B. P.; SCAGLIA, A. J.; FILHO, C. V. M.; GALATTI, L. R. Formar o treinador e o jogador nas categorias de base do futebol: engendrando na interação e/ou na especificidade. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e25021, jan./dez. 2019.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Philadelphia, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BÖHME, M. T. S. et al. (Org.). **Esporte infante-juvenil: treinamento a longo prazo e talento esportivo**. São Paulo: Phorte, 2011. 488 p.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, p. 207-220, 2004b.

BOURDIEU, P. Os universos de possíveis estilísticas. In: _____. **A distinção: crítica social do jugamento**. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 196-211.

CARDOSO, M. F. S. **Para uma teoria da competição desportiva para crianças e jovens: um estudo sobre os conteúdos, estruturas e enquadramentos das competições desportivas para os mais jovens em Portugal**. 2007. 302 f. Tese (Doutorado em Ciência do Desporto) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2007.

CAVALCANTE, R. B; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 1, p. 13-18, jan./abr. 2014.

CONMEBOL. Torneos Conmebol. Disponível em: <<http://www.conmebol.com/es/sudamericano-sub15-argentina2017>>. Acesso em: 15 set. 2017.

COSTA, G. A estrutura administrativa do futebol. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/a-estrutura-administrativa-do-futebol/>>. Acesso em: 13 set. 2017.

COSTA, I. et al. Analysis of tactical performance of youth soccer players. **The Open Sports Sciences Journal**, v. 3, n. 1, 2010.

CÔTÉ, J. et al. Quadro teórico para o desenvolvimento de valores pessoais no processo dinâmico de desenvolvimento pelo esporte. In: GALATTI, L. R. et al. (Org.). **Múltiplos cenários da prática esportiva: pedagogia do esporte**. v. 2. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 15-40.

CUNHA, S. A.; MOURA, F. A.; SANTIAGO, P. R. P.; CASTELLANI, R. M.; BARBIERI, F. A. **Futebol: aspecto multidisciplinar para o ensino e treinamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 152 p.

DE ROSE JÚNIOR, D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 256 p.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL: Competições. Disponível em: <http://www.fpf.org.br/Repositorio/Competicao/Regulamento/614/614_636682883771059367.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL: Competições. Disponível em: <http://www.fpf.org.br/Repositorio/Competicao/Regulamento/613/613_636682883527506100.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2019.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION: Grassroots. Disponível em: <https://grassroots.fifa.com/fileadmin/user_upload/pdfs/grassroots_2016_e.pdf>. Acesso em: 07 out. 2018.

FIFA. FIFA Tournaments. Disponível em: <<http://www.fifa.com/fifa-tournaments/>>. Acesso em: 17 set. 2017.

FILGUEIRA, F. M. **Futebol: Uma Visão da Iniciação Esportiva**. Ribeirão Preto: Ribergráfica, 2004. 166 p.

FILGUEIRA, F. M.; MARQUES, R. F. R. Análise da organização competitiva de categorias iniciais das Federações Brasileiras de Futebol: adaptações estruturais e funcionais. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS SOCIOCULTURAIS DO ESPORTE, 6., 2018, Ribeirão Preto. **Anais eletrônicos...** Curitiba: ALESDE, 2018. v. 9, n. 4, p. 157-172. Resumo completo. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/64042/37751>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do Futebol**. 2 ed. Campinas: Autores Associados (Coleção Educação física e Esportes), 2003.

_____. **Educação de Corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.

GUEST, G.; MACQUEEN, K. M.; NAMEY, E. E. Introduction to Applied Thematic Analysis. In: _____. **Applied Thematic Analysis**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2012. cap.1, p. 3-21.

JUCHEM, L. **Contribuições das Competições Esportivas para a Formação e Educação de Crianças e Jovens: o caso dos jogos escolares de Petrolina**. 2105. 252 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KORSAKAS, P. O esporte infantil: possibilidades de uma prática educativa. In: DE ROSE JR., D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 61-71.

LEONARDO, L.; KRAHENBÜHL, T.; SCAGLIA, A. J. Modelo de participação competitiva: orientações às Ligas e Federações esportivas para o desenvolvimento positivo em competições de jovens. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 20.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 7., 2017, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: ABCE, 2017. p. 3084-3088. Comunicação Oral. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

MARCHI JÚNIOR, W. O Esporte em Cena: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 46-67, jul. 2015.

MARQUES, A. T. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI G. **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 75-98.

MARQUES, R. F. R. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatorio del Desporte**, v.1, n.1, p. 147-185, 2015.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C. Novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 20, p. 637-648, 2009.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. de. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Revista Conexões**, v.6, n.2, p.42-61, 2008.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 225-244, set./dez. 2007.

MENEZES, R. P; MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 351-373, jan./mar. 2014.

MILISTETD, M.; NASCIMENTO, J. V.; SILVEIRA, J., FUSVERKI, D. Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 671-678, set. 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. 407 p.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PAOLI, P. B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. 2007. 178 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PEREIRA, A. P. S. **A Competição no Processo de Formação dos Jovens Futebolistas em Portugal. Estudo realizado em todas as Associações de Futebol do país**. 2007. 101 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciatura em Desporto e Educação Física) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VOTORANTIM. COPA BRASIL DE FUTEBOL SUB-15. Disponível em: < <https://www.votorantim.sp.gov.br/portal/servicos/119/COPA-BRASIL-DE-FUTEBOL-SUB-15>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

QUINA, J. N. A competição desportiva para crianças e jovens. **Horizonte: Revista de Educação Física e Desporto**, v. 18, n. 107, 2003. p. 20-25.

REVERDITO, R. S. et al. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Revista Pensar a prática**, v. 11, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/1207/3279>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

REVERDITO, R. S; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (Org.). **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013. 462 p.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

RICCI, C. S.; MARQUES, R. F. R. Sujeito à reprodução: analisando a participação de jogadores em uma competição de futsal na categoria Sub-13 no ambiente escolar extracurricular. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS SOCIOCULTURAIS DO ESPORTE, 6., 2018, Ribeirão Preto. **Anais eletrônicos...** Curitiba: ALESDE, 2018, v. 9, n. 4, p. 119-133. Resumo completo. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/64042/37751>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. A produção científica em pedagogia do esporte: análise de alguns periódicos nacionais. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v.9, n. 2, p. 130-152, mai/ago. 2011.

RUFINO, L. G. B.; MOREIRA, E. C.; COUTINHO, S. S.; BAHIA, C. S. A. Possíveis relações entre as competições esportivas e o esporte educacional: (re) significando perspectivas à luz da pedagogia do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 24, n. 2, p. 182-196, fev. 2016.

SANTANA, W. C. **Futsal: Metodologia da Participação**. 1. ed. Londrina: Lido, 1996. 173 p.

_____. **Futsal: Apontamentos Pedagógicos na Iniciação e na Especialização**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. 144 p.

_____. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

SCAGLIA, A. J.; MEDEIROS, M.; SADI, R. S. Competições Pedagógicas e Festivais Esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. *Revista Virtual EFArtigos*, Natal, v.3, n.23, 2006. Disponível em: <<http://efartigos.atspace.org/esportes/artigos68.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.

SILVA, T. A.; SILVA, C. D.; PAOLI, P. B. Especialização no futebol: controvérsias entre as recomendações pedagógicas e as tendências atuais de seleção e formação de jogadores. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 4, n. 1, p. 54-63, 2011.

SORIANO, F. **A bola não entra por acaso**. São Paulo: Larousse Brasil, 2010. 195 p.

SOUZA, C. A. M.; VAZ, A. F.; BARTHOLO, T. L. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 14, v. 30, p. 85-111, jul./dez. 2008.

THIESS, G.; LÜHNENSCHLOSS, D.; WILLE, U. La Competición Deportiva. In: THIESS, G.; TSCHIENE, P.; NICKEL, H. (Org.). **Teoría y metodología de La competición deportiva**. Barcelona: Paidotribo, 2004. p. 9-67.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. 419 p.

TOZETTO, A.; GALATTI, L. R.; MILISTETD, M. Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos no Brasil: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 207-217, mar. 2018.

VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. A Produção Científica sobre Jiu-Jítsu: análise dos artigos, teses, e dissertações publicados entre 1996 e 2016. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 1335-1352, out./dez. 2018.

ANEXO A

USP - ESCOLA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA E ESPORTE DE
RIBEIRÃO PRETO DA USP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Competições de futebol em categorias iniciais (sub-11 e sub-13): perspectivas semânticas e pedagógicas de dirigentes da Federação Paulista de Futebol

Pesquisador: FABRICIO MOREIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 77607717.9.0000.5659

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.406.474

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva, que tem como objeto de pesquisa a organização nas competições federadas das categorias menores iniciais, no estado de São Paulo.

A pesquisa adotará como participantes dirigentes da Federação Paulista de Futebol em relação às competições para categorias menores sub-11 e sub-13.

Adotando a técnica de entrevista para coleta e a análise de conteúdo para interpretação dos dados coletados junto aos dirigentes entrevistados.

Objetivo da Pesquisa:

Verificar quais os critérios utilizados pelos dirigentes para determinação dos modelos das competições oferecidas às primeiras categorias de competição no futebol com menores

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos apontados são: a entrevista pode provocar sentimentos desagradáveis por lembranças de experiências negativas já vividas

Benefícios: aumentar o conhecimento científico para a área de Educação Física e Esporte

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo bem escrito, objeto bem delimitado, bom aporte teórico, metodologia clara, bibliografia adequada, exequível.

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

CEP: 14.040-907

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3315-0494

E-mail: cep90@usp.br

USP - ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO DA USP

Continuação do Parecer: 2.406.474

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos adequados

Recomendações:

nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

nenhuma

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

- 1) De acordo com a Resolução CNS n.º 466/2012, o pesquisador deverá apresentar relatórios semestrais (parciais e final, em função da duração da pesquisa);
- 2) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada. Neste caso, o pesquisador deve aguardar nova aprovação do CEP para realizar os procedimentos de acordo com as mudanças solicitadas;
- 3) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas, colocando as assinaturas na última página;
- 4) Caso haja instituição(ões) coparticipante(s) no projeto, atender a solicitação da carta n.º 0212/CONEP/CNS, de 21 de outubro de 2010;

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_943604.pdf	26/09/2017 21:39:21		Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_CEP.pdf	20/09/2017 23:55:13	FABRICIO MOREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	PROJETO_COMITE_ETICA_PESQUISA_CEP.doc	21/06/2017 23:23:47	FABRICIO MOREIRA	Aceito

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

CEP: 14.040-907

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3315-0494

E-mail: cep90@usp.br

**USP - ESCOLA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA E ESPORTE DE
RIBEIRÃO PRETO DA USP**

Continuação do Parecer: 2.406.474

Investigador	PROJETO_COMITE_ETICA_PESQUIS A_CEP.doc	21/06/2017 23:23:47	FABRICIO MOREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVR E_E_ESCLARECIDO_TCLE.docx	21/06/2017 23:08:01	FABRICIO MOREIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Não

RIBEIRAO PRETO, 29 de Novembro de 2017

Assinado por:

**Carlos Roberto Bueno Júnior
(Coordenador)**

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

CEP: 14.040-907

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3315-0494

E-mail: cep90@usp.br

APÊNDICE A

DADOS DO PARTICIPANTE
Nome
Cargo
Tempo na atual função

Roteiro de perguntas para dirigente responsável do departamento de competições da FPF

Cargo que ocupa na Diretoria Executiva da FPF e tempo atual na função.

Fale sobre a sua experiência, formação e atuação como dirigente no futebol.

Fale sobre como você acha que deveria funcionar o processo de formação de jogadores no futebol. Quais seriam os objetivos principais a serem alcançados em um processo de formação de atletas de futebol?

Quais são os objetivos e expectativas da Federação para organização das competições nas categorias iniciais Sub-11 e Sub-13?

Quais são os critérios para o desenvolvimento do calendário esportivo das categorias iniciais Sub-11 e Sub-13?

Fale sobre as adaptações e alterações de regras nas competições iniciais. Como foi o processo de desenvolvimento até os formatos atuais? E quais foram os objetivos das alterações?

Qual avaliação você faz sobre os resultados alcançados em relação aos objetivos propostos pela federação em promover as competições nas categorias iniciais nos formatos atuais?

APÊNDICE B

DADOS DO PARTICIPANTE
Nome
Cargo
Tempo na atual função

Roteiro de perguntas para dirigentes responsáveis pelo departamento de base dos Clubes

Cargo que ocupa na Direção Técnica do Clube e tempo atual na função.

Fale sobre a sua experiência, formação e atuação como dirigente no futebol.

Fale sobre como você acha que deveria funcionar o processo de formação de jogadores no futebol. Quais seriam os objetivos principais a serem alcançados em um processo de formação de atletas de futebol?

Quais são os objetivos e expectativas do Clube para participação das competições federadas nas categorias iniciais Sub-11 e Sub-13?

Quais são os critérios para o desenvolvimento do calendário esportivo das categorias iniciais Sub-11 e Sub-13?

Fale sobre as adaptações e alterações de regras nas competições iniciais. O que você pensa sobre como foi o processo de desenvolvimento até os formatos atuais? E quais deveriam ser os objetivos das alterações?

Qual avaliação você faz sobre os resultados alcançados em relação aos objetivos propostos pela federação em promover as competições nas categorias iniciais nos formatos atuais?

APÊNDICE C

DADO DO PARTICIPANTE (F1)
Nome: XXXXX
Cargo: Dirigente do Departamento de Atletas e Competições - FPF
Tempo na atual função: 03 anos

Roteiro de perguntas para dirigente responsável do departamento de competições da FPF

P: Cargo que ocupa na Diretoria Executiva da FPF e tempo atual na função.

R: XXXXX do Departamento de Atletas e Competições. Fazem 3 anos.

P: Fale sobre a sua experiência, formação e atuação como dirigente no futebol.

R: O jogador deve ter qualificação, conhecimento, desenvolvimento acadêmico porque ele tem uma vivência muito rica, muito boa, conhecimento empírico, mas ele precisa se desenvolver, se ele faz isso e tem as duas coisas ele pode contribuir muito. A vezes o que a gente diz é que o jogador comete um erro porque ele acha que só a formação pratica que esse conhecimento empírico é suficiente e não é. O mundo é muito dinâmico, muito rápido, extremamente volátil, incerto e se aprende todos os dias, então você procurar conhecimento e desenvolvimento, se aprimorar é fundamental para você não ficar obsoleto, porque hoje em dia fica obsoleto muito rápido né...então era o que estando aqui na federação..., mas eu fico muito feliz de estar aqui de poder contribuir e tentar ajudar outros a se envolverem e a participarem, a gente está aqui por exemplo na federação e desde que estamos aqui faz 3 anos uma das coisas que dá muita satisfação pra gente é ter criado o departamento de futebol feminino, trouxemos a XXXXX que foi XXXXX da seleção brasileira durante 8 anos, a XXXXX, e também é uma ex-atleta, ou seja, mais uma que trabalhou, formada em educação física e se preparo e está aqui com a gente trabalhando na federação, então a gente tá feliz...

P: Fale sobre como você acha que deveria funcionar o processo de formação de jogadores no futebol. Quais seriam os objetivos principais a serem alcançados em um processo de formação de atletas de futebol?

R: Olha eu acho que o processo de formação desde que a gente... pegando bem do processo inicial mesmo assim é (pausa)... na iniciação, processo lúdico, assim pedagógico realmente utilizando o esporte como atraindo os jovens para o esporte pra gente formar utilizando o esporte, cultura dois pilares básicos do desenvolvimento das crianças, dos jovens e dos adolescentes.. então a gente preocupa muito quando o olhar é formar jogadores de futebol profissional, a gente acredita que esse não deve ser o olhar, principalmente na iniciação, quanto mais divertido, quanto mais lúdico realmente a gente atraí, porque é divertido porque esse processo inicialmente na rua sempre foi assim, era um processo inclusivo onde todo mundo participava a gente lembra das vez lá vamos dois contra a rapa os dois melhores jogava com os ruins do outro lado mas todo mundo jogava todo mundo participava então esse é o esporte, a gente fala de derrubar muros e construir pontes de aproximar as pessoas (Miguel Cervantes falava isso) que esse são objetivos do esporte então aproximar as pessoas então a gente acredita muito nisso no processo de iniciação e na base, olhando o desenvolvimento humano utilizando o esporte para formar como ferramenta de cidadania, formar cidadãos, formar pessoas e aí consequentemente com esse olhar para o desenvolvimento humano dos atletas, quem se tornar atleta de futebol vai ser um cidadão melhor, vai ser um atleta melhor né...ele vai lidar melhor com o dinheiro, com a falta de dinheiro, vai lidar melhor com a pressão, com a ansiedade e agora a gente preocupa realmente muito as vezes com o olhar dos pais da família que vê no garoto que começa a jogar futebol...vai se tornar um atleta tem essa pressão de inconscientemente o pai, a mãe as vezes deposita na expectativa do meu filho ter que se tornar um jogador de futebol e isso para o garoto também é sofrimento porque ele tem essa expectativa então a gente é muito para utilizar o esporte e os valores do esporte como ferramenta de cidadania e esse é o processo de formação que é o ideal que a gente acredita. E quando esta na categoria esse processo de formação integral... uma escolha muito para o desenvolvimento humano até porque é uma carreira muito curta também e na transição de carreira ele vai ter que fazer e exercer outras atividades e quanto mais você prepara, quanto mais você desenvolve melhor né e o papel do futebol também como entidade que administra as competições é o que a gente tá fazendo pela sociedade, o que a gente está fazendo pela comunidade e também é muito mais esse olhar que é o que mais me agrada com relação ao futebol.

P: Quais são os objetivos e expectativas da Federação para organização das competições nas categorias iniciais Sub-11 e Sub-13?

R: É um pouco o que eu comentei sobre essa questão do processo lúdico da prática do esporte que é o que é importante. A categoria de base é escola e a gente tem que usar o esporte, essas categorias menores para educar, para mostrar valores pra eles como ética, disciplina, trabalho em equipe, integridade e a gente mostrar que através do esporte a gente pode dar um bom exemplo e educar através do esporte. Esse é nosso olhar com relação essas categorias de base e os valores do esporte que também é educação e saúde. Morei XX anos na XXXXX que o clima durante o inverno é muito ruim e no Brasil a gente pode praticar o esporte o ano todo e quantos garotos a gente não pode tirar da rua, da violência, das drogas e trazer para uma prática esportiva. Eu acredito muito que o esporte pode transformar o Brasil, então a nossa ideia, como o processo era antigamente, que era um processo espontâneo na rua a gente quer cada vez mais massificar a prática e também usar essas competições, que são as competições iniciais pra gente formar e desenvolver bem e no final os que se tornarem jogadores de futebol, serão jogadores melhores, serão jogadores que causem impacto positivo na sociedade. Eu acho que esse é o nosso grande desafio né... formar jogadores que causem impacto positivo que dê bom exemplo para a sociedade. Então pra gente essas categorias de entrada assim das categorias de base e a gente tem muito esse olhar lúdico de escola realmente, usar para educar, para formar. A gente acho que um dos primeiros passos para isso desde que a gente chegou aqui na FPF é foi a questão de adaptar o tamanho das traves, o tamanho do campo, pra realmente ser uma coisa lúdica, a gente a partir daí nós já tivemos um pouco de dificuldade porque todo mundo olha o futebol como “tem que formar jogadores”, que não não aqui não é pra formar jogadores é realmente pra formar é lúdico é uma coisa divertida né... então acho que esse processo de redução do campo, das traves, pra que também aja mais desenvolvimento também pra que seja uma coisa mais divertida. Tem casos de estudos aí que no final do campeonato pegaram vinte vezes na bola né... então a ideia era que eles participassem mais, porque se não for divertido o garoto vai para o tablet, uma coisa mais sedentária que é mais divertida. Então essa foi a nossa ideia, agora tem a questão da qualificação dos treinadores também que é um processo bacana que a gente vê um esforço por parte dos treinadores de buscarem essa qualificação que são as vezes essas licenças da CONMEBOL de que todos a gente vai chegar num momento que a gente vai começar a exigir porque a gente também acredita que o treinador aí nessas categorias tem que ser um educador antes de mais nada então essa formação melhor. O cara ter disciplina como ética no curso é importante para ele ter uma formação para ele entender o papel dele ali esses garotos que estão todos ali tão em desenvolvimento pronto para atender o que eles aprendem e sedentos de conhecimento e o e que eles aprendem nessas categorias eles levam

pra vidas deles, então essa questão com os clubes, eu tenho visitado muitos clubes, dado palestras nos clubes e é sempre esse olhar da Federação que a gente tanta transmitir essa responsabilidade que o futebol tem que ter também perante a sociedade. Legal comentar isso aqui, que é a questão de todo esse processo da adaptação das traves, do campo de jogo também, essa redução que a gente baseada no Grassroots da FIFA a gente fez vários encontros com os treinadores para conscientizar os motivos da mudança (porque a gente tava mudando e recomendando segundo as adaptações) também fizemos aqui seminários com psicólogos, pedagogos, assistentes sociais voltados para o desenvolvimento humano que é uma preocupação grande da gente aí... A gente tem feito muita coisa para contribuir. Da mesma forma que por exemplo que isso na UEFA e na Europa já existe essa exigência há muito tempo. No profissional você tem que ter a Licença Pro para ser treinador na Liga no Campeonato Espanhol. Com os menores se não me engano tem que ter a Licença B da UEFA também você tem que ter para trabalhar na base, mas o que acontece por exemplo na Alemanha tem mais de mil (1.000) treinadores com licença Pro da UEFA e muitos treinadores com licença Pro trabalhando na base, ou seja, o cara com a excelência de formação trabalhando nas categorias menores que é o nosso sonho assim a gente chegar a ter um momento que a gente tem treinadores com a licença Pro e o cara tá trabalhando na base, então ou seja ele tem a formação mais alta e de repente porque ele se identifica, ele gosta do processo de formação, ele está na base e então no futuro a gente espera chegar a isso. Para os treinadores também vai ser positivo porque depois desse passo de você exigir as licenças, o segundo passo é a homologação com a UEFA para o reconhecimento das licenças na Europa. Hoje os treinadores do mercado europeu e asiático estão um pouco fechados para os treinadores brasileiros por causa dessa exigência... é porque como no Brasil você exige nada você pode usa como moeda de troca com a UEFA você vai trocar o que porque aqui no Brasil ninguém precisa ter formação nenhuma, porque qualquer um põe o boné na cabeça e vai ser treinador, então a partir do momento que você muda isso e você começa a exigir você pode falar com a UEFA... olha a gente também só vai reconhecer as licenças de vocês aqui no Brasil se vocês reconhecerem as licenças dos nossos profissionais. E a gente está montando agora enfim uma comissão de atletas aqui para assessorar na gestão também, está com um projeto de montar uma comissão de treinadores também para que a gente tenha reuniões com eles aqui na Federação para que nos ajudem na tomada de decisão. Já participam muitos sem ter essa comissão formada, na verdade houve muitas mudanças que a gente fez também do registro do contrato do treinador, da obrigação de você pagar para poder subir outro treinador no sistema, foi construído em conjunto com os treinadores... É que é assim

né Fabrício como a gente vai formar bem nossos atletas se o professor não esta bem formado né... quanto mais alto for o nível do professor, quanto mais alto conhecimento o professor tiver melhor ele vai formar os seus alunos, seus atletas, então se a formação do professor não é boa o processo de formação fica totalmente comprometido daí a gente já...a questão da educação, dos valores, ou seja você compromete toda a cadeia de formação né, desenvolvimento né, então esse aspecto de qualificação não só do treinador, mas coordenador de base, coordenador técnico do profissional, hoje a gente tem vários cursos aqui tentando qualificar todos os profissionais que atuam no futebol. Na verdade, os europeus vieram na verdade no Brasil estuda nosso processo de formação como era nosso futebol de rua aqui e levaram pra lá né... como que a gente jogava na rua jogávamos dois contra dois, três contra três, quatro contra quatro. As vezes só estávamos os três irmãos daí jogávamos um contra dois ou era assim o que tinha ali a gente juntava e jogava mais que era um processo natural mas era muito bom porque assim dois contra dois, três contra três, você ataca você defende, você é meio de campo, o desenvolvimento era bom as ações de transições ofensivas e defensivas eram elas acontecem com muito mais frequência...então os europeus estudaram esse processo levaram pra lá desenvolveram isso e hoje por exemplo estive a pouco tempo no CT do Real Madrid e os campos já estão todos marcados com campo reduzido com as áreas em amarelo em outra cor é muito legal e até fiz questão de pedi para o Butragueño para ver como que estava as categorias dos menores, nos campinhos vi lá tudo já pequeno enfim tudo já organizado.

P: Quais são os critérios para o desenvolvimento do calendário esportivo das primeiras categorias iniciais Sub-11 e Sub-13?

R: Desde de que a gente chegou aqui né enfim Fabrício a gente começou nessa nova gestão a gente tá mudando muito coisa esta tentando o que a gente faz que tem nos ajudado muito, vamos senta com todo mundo a gente tem também uma comissão de coordenadores de base a gente reuni com esses coordenadores né... e uma das mudanças que a gente tem feito nas competições (na federação) a gente tem por exemplo desde que a gente começo aqui a gente esta mudando o tempo dessas competições...a gente esta abrindo esse calendário das competições de base, e um dos motivos que a gente tem feito isso era porque tinha primeira fase por exemplo assim que ela era uma primeira fase que tem muitos clubes então aquela fase de um nível mais baixo e aí ela saia de uma primeira fase de grupos e entrava numa fase de mata-mata, ou seja, quando a competição melhorava de nível ela acabava, as vezes o clube era

eliminado, então o a gente tem feito é fazer uma primeira fase de grupos, uma segunda fase de grupos, a gente tem prazo para uma terceira fase de grupos, porque você é como se fosse competições diferentes, você sai elimina um grupo de times aí você vai para primeira fase grupos tem um número maior de times e jogos também então aumenta o número de jogos e aumenta o número de jogos com nível, com qualidade, e aí a gente está abrindo esse calendário também pra gente pode agora o ano que vem, é uma coisa que a gente converso com os coordenadores pra gente pode parar essas competições em alguns feriados porque alguns jogadores quer ir...o convívio com a família é importante, então não só do jogador mas também do treinador também porque as vezes estava tão condensado tudo não tinha essas pausas, por exemplo tem um feriado não vamos ter rodada para o garoto poder viajar esta com a família e o treinador também ter uma pausa nessa competições, mas isso muito em uma construção coletiva com os coordenadores, a gente fala que nessa nova gestão a gente prefere ouvir muito e fala pouco, a gente senta na mesa e fala o que precisa muda e o que precisa melhorar (é o que você falou quando chegou aqui...quem esta no dia-dia lá tem muito mais informações do que a gente) vamos pôr todo mundo na mesa aqui e vamos discutir com todo mundo o que é melhor para competição e isso tem nos ajudado muito, desde as substituições volantes, por exemplo do Sub-11, e no Sub-13 esse ano a gente levou pra onze substituições se eu não me engano...pra que? Pra ter muito mais participação e muito mais desenvolvimento, que nem tinha as vezes finais que nessas competições que muitos garotos estavam no banco e o pais estavam lá iam assistir os jogos e o treinador não pode substituir, porque não pode substituir, vamos abrir para quanto mais participação melhor. Isso que a gente está falando, é assim a gente entende que base é sub-11, sub-13 e sub-15 a competição não é o fim, a competição ela faz parte do currículo de formação do atleta e da mesma forma que o atleta tem que durante a semana as sessões técnicas, os fundamentos, a parte sei lá tática, enfim a competição faz parte do processo, ela pode ser o fim né, não pode estar na base achando que avaliar um trabalho de sub-11, sub-13 o resultado dele na competição é bom ou é ruim, então você tem que estende também, ter mais fases de grupos e ter mais jogo, não quer dizer que estou preocupado com a competição, a gente tem que entender o jogo como elemento parte do processo de formação, do currículo do atleta. Como a gente abre o campeonato no começo do ano a gente consegue fazer a primeira fase no sei lá, quem joga menos você garante um número mínimo pra esses clubes que jogam a primeira fase e são eliminados, mas você vai passando de fase de grupo pra grupos então você tem mais jogos de nível e tem consequentemente mais jogos pra todo mundo também né pra pode enfim, os coordenadores falam caramba se apresenta todo mundo no começo do ano caramba porque

começa o calendário escolar mas aí os campeonatos sub-11 começa em Maio, o garoto as vezes, a gente quer agora e trouxe, aí o garoto fica treinando treinando pra começa em Maio e daí começa em Maio uma competição que tem um número de jogos mais curtos e já entra em fase de mata-mata, você tem menos você concentra mais os jogos daí em um feriado você não consegue dá folga parar a competição daí você tem uma competição mais qualificada esse é o objetivo. E os clubes não podem achar que só existe o campeonato paulista, a gente conhece clubes que fazem trabalho por exemplo que participam de outras competições, tem clubes que por exemplo o Inter de Porto Alegre nas categorias menores eles participam de campeonatos de futsal, então eles dividem as equipes sub-11 em duas equipes de futsal e jogam competições, então assim você tem que entender o processo como um todo e não falar assim “eu só jogo o campeonato paulista se eu só preparo pra jogar o campeonato paulista eu não estou tendo um processo de formação bem qualificado, daí eu acho a necessidade da participação dos coordenadores. Eu falei essa questão que a gente tá formando todo mundo e primeiramente o curso foi em São Paulo pra essas categorias ter um coordenador qualificado. Eu acho que não estou agora com a data, porque eles têm algumas competições assim, eu acho que ele está parando em 7 ou 14 de novembro, em meados de novembro.

P: Fale sobre as adaptações e alterações de regras nas competições iniciais. Como foi o processo de desenvolvimento até os formatos atuais? E quais foram os objetivos das alterações?

R: Primeiro a gente enfim é uma coisa que a gente comenta mas vamos falar assim que você encontra resistências por incrível que pareça em outras federações também, porque a gente tem feito e ido em outros estados para falar sobre as mudanças e dar palestras e o pessoal agradece porque vocês de certa forma dão um apoio e falam caramba vocês dão um respaldo para mudança que a gente gostaria de fazer e não conseguimos até porque a gente... eu lembro quando a gente fez a redução do campo a questão do campo que a ideia já era diminuir os jogadores mas o pessoal falou o futebol é onze e então a gente ficou assim que não era o ideal e a gente passou pra pra nove e liberamos as substituições enfim foi um avanço e eu vivi todo o processo porque a gente construiu isso aqui dentro da FPF e tivemos que organizar eventos com os treinadores e chamamos inclusive o Mauricio Marques que é instrutor da FIFA e da CONMEBOL também e CBF e participou da construção do GRASSROOTS lá na FIFA para poder dar palestras par argumentar e fundamentar os motivos das nossas mudanças e porque

que a gente tava mudando e para alguns e pessoas assim bem não pode né porque é onze, ou seja, o conceito nosso de formação espontâneo e o processo natural que era nas ruas que nunca foi assim mas pra muita gente foi assim, mas porque eu acho que olhar tá sempre assim [não o futebol é de onze] ou seja a pessoa não tá e ele esta ali no sub-11 pensando em formar jogadores e não é esse o olhar, o olhar é realmente de escola de uma coisa lúdica e divertida né, e se for uma coisa lúdica e divertida de repente você vai conseguir massificar a pratica do futebol e ali você vai formar mais jogadores ainda porque ali você vai da quantidade tirar a qualidade e a gente teve alguma dificuldade ai para construir isso e vivemos tudo isso mas a gente fica satisfeito de olhar como mudou e como foi bom e as questões das substituições volantes também a gente vê as finais do sub-11 quando foi ai no XXXXX quando vê os garotos jogando uma final em um estádio como o XXXXX com transmissão pela TV caramba a gente fala que legal né como foi bom!!! E pra você vê como o Brasil as vezes falta de conhecimento de achar que a gente quer copiar a Europa, a gente não esta copiando ninguém, a gente está simplesmente recuperando um processo de formação que era espontâneo que sempre foi assim nas ruas de todo o país. É hoje assim a gente superamos isso mas a gente a dificuldade que a gente teve de mudar esse processo aqui a gente vê em outros estados e outras federações que eles pedem pra gente ir por exemplo e já participei de eventos que no Espirito Santo lá que pessoal fica muito feliz porque quando a gente comenta caramba a gente luta pra que tenha mudanças mas não conseguimos e então a gente fica feliz de poder contribuir e exemplo porque esse é o nosso olhar né e seguindo também as recomendações da própria FIFA. Então é o que eu falei inicialmente né a gente ta falando de categoria de base da iniciação da escola de ser um processo lúdico e divertido de você não estar com o olhar de formar jogadores de futebol a gente precisa formar cidadãos através do esporte e a gente tentar massificar a pratica porque assim se a porta de entrada não for lúdica divertida o garoto ele vai para outra...então você não consegue atrair para prática do futebol então esse processo de iniciação e essas categorias menores assim tem que ser lúdico tem que ser divertido porque não pode ter cobrança exigência ali simplesmente você usar o esporte como ferramenta de inclusão e de transformação social e aí sendo uma coisa lúdica divertida cada vez você atrai mais você vem pra todo mundo do que você fazer um processo onde você está com pressão de formar jogadores exclusivamente ali né. Tem sido um processo de conscientização.

P: Como você enxerga no caso da final do sub-11 no XXXXX com 10, 11 mil pessoas?

R: Eu com muita satisfação porque assim caramba, por exemplo a gente tem assim a questão do goleiro por exemplo como que um goleiro de 9 e 10 anos você vai por num gol onde jogam o Marcos e o Rogério Ceni a desvantagem técnica isso já estamos falando dos mais desenvolvidos imagina aqueles goleiros que tecnicamente ele bom mas ele a estatura não esta desenvolvida ainda como é que você pode ter uma competição sem o gol não estar adaptado é uma desvantagem técnica total então acho que hoje em dia ninguém passa pela cabeça em retroceder e acho que foi uma mudança que deu muita satisfação pra gente e assim a gente fica muito feliz com o resultado disso né...com as substituições volantes e o garoto poder ir para o banco e treinador poder orientar e mandar voltar para o campo novamente e acho que foi mudança que como eu te disse antes foi uma mudança que deu muita satisfação pra gente.

P: E no sub-13?

R: Agora são 11 e mudou esse ano (2018) e acho que essa liberação da EFAB veio faz pouco tempo também porque ela permite também na base você já não nas categorias de base você alterar isso e tanto que a gente tem 6 no sub-20 e esse ano saiu uma portaria da EFAB que ele autorizou essa questão da base liberou de você decidir como fazer as substituições na base. No sub-11 assim o fato de você reduzir no ponto de vista técnico os estudos na FIFA que você aumenta a participação do garoto, ele toca mais vezes na bola e você cria mais situações de 1x1 ele vivencia outras funções dentro do campo por exemplo ele desenvolve por exemplo questões de tática de defesa de fazer uma ultrapassagem porque ele consegue cumprir outras funções ali importantes porque você não sabe se um menino de 11 anos vai ser zagueiro, lateral, atacante enfim, então isso faz também com que ele durante o jogo durante os treinamentos ele possa vivenciar outras realidades da tática individual. É legal né que depois no GRASSROOTS se a gente puder passar que tem todo esse percentual de aumento de participação.

P: Em relação ao sub-13 quais são as expectativas em fazer mais alterações?

R: A gente está muito aberto assim acho que estamos estudando essa questão da inovação realmente da gente está aberto para ouvir acho que as mudanças essa questão de aumentar para onze foi uma mudança interessante visando uma maior participação e realmente essa questão da minutagem que alguns coordenadores falam é de porque assim quando a gente vai para o aspecto mais de formação de atletas, sub-11 e sub-13 você não sabe quem vai virar jogador e quem não vai vir jogador então o que acontece essa minutagem você roda mais com 11 você desenvolve mais 11 se você roda com 20 jogadores você desenvolve 20 né então essa

questão aí do desenvolvimento ela é fundamental quando a gente olhar o processo de formação de atletas que a gente vai mais no desenvolvimento humano de formação da cidadania mais os clubes também tem essa questão então você dá rodagem pra todo mundo, ajuda no desenvolvimento porque você vai trabalhar com 11 estou desenvolvendo 11 não estou desenvolvendo meu elenco com 22, então tem coordenadores que exigem dos treinadores essa minutagem para eles conferirem aí quais os treinadores que realmente estão desenvolvendo e rodando todo o grupo, mas assim a gente agora a mudança que a gente esta para o ano que vem é mais ou menos a gente já abriu os campeonatos fomos cada vez abrindo mais os campeonatos a gente provavelmente começar todos aí mais ou menos de forma simultânea até por causa do calendário escolar e qualificar a competição realmente de ter essa paradas nos feriados e ela sendo uma competição mais longa também com mais qualidade e também ter o jogador que vai pra casa se relaciona com a família e treinador também a gente cada vez melhor isso e volto a insistir os coordenadores de base tem nos ajudado muito nisso porque claro quem está no dia-dia eles tem mais informações nisso do que a gente e essas comissões que a gente tem realmente nos ajuda muito. (GRASSROOTS) (Leitura do Grassroots) Os benefícios das partidas reduzidas de comparação do futebol de sub-11 algumas delas: os jogadores tocam 5x mais no futebol de 4 e 50x mais no futebol de 7; os jogadores se encontram 3x mais em situação de 1x1 no futebol de 4 e 2x mais no futebol de 7, em média no futebol de 4 se marca um gol a cada 2 minutos e no futebol de 7 a cada 4 minutos; as intervenções dos goleiros são entre 2 e 4x mais frequentes no futebol 7 do que no futebol de 11; a bola fica fora durante 8% do tempo no futebol de 4, 14% no futebol de 7 e 34% no futebol de 11. Benefícios dos jogos reduzidos: recebem a bola com mais frequência; tem mais oportunidades de marcarem gols; tem liberdade para jogar; são sempre motivados pelo treinador-educador e são apoiados por seus pais e treinadores-educadores. Jogar por diversão. O estudo foi desenvolvido por profissionais no mundo inteiro. A gente usou esse material como referência por isso que a gente trouxe o XXXXX que é instrutor FIFA e tal que participou do desenvolvimento desse material que de todo o processo. A natureza indica que as crianças devem ser crianças antes de se tornarem adultas! Se tentarmos alterar essa ordem natural elas alcançaram a idade adulta prematuramente, mas sem substancia ou força. Então essa foi a base das mudanças aí entra na questão das substituições volantes. Uma equipe é formada por 9 jogadores meninos e meninas as quais podem fazer as substituições a qualquer momento da partida quando a bola está em jogo então a gente compartilha com você esse material. Eles fizeram vários estudos para chegar nesse trabalho, brasileiros, estrangeiros, gente do mundo inteiro então hoje por exemplo chega aqui um cara e diz assim (um treinador

de um time) porque o sub-11 não é 11 contra 11 e sim 9 contra 9 daí você pergunta para o cara: Porque que você quer que volte 11 contra 11? Me apresenta quais são os seus argumentos me mostra como é o seu processo de formação de atletas? Cadê o seu currículo de formação, cadê os conteúdos do desenvolvimento de atletas das categorias de base e daí o cara fala assim "não tenho". Então que argumentos você quer utilizar, a gente teve um relato de treinador de uma das principais equipes de São Paulo, treinador do Sub-20, que ele deu o treino do sub-20 e estava passando pelo vestiário assim dentro de um centro de treinamento e ouviu ali a preleção de um treinador e ele ficou com curiosidade e parou e ficou ouvindo e aí quando ele viu as crianças saindo e viu que era o sub-11, daí ele disse "eu não acredito" que isso a preleção do cara era totalmente tática "a gente tem que fazer uma linha de quatro e não sei o que tal" e aí ele foi conversar com o coordenador, ou seja, as vezes você não tem que mudar não é as regras do jogo e sim as vezes mudar o treinador. E o processo de qualificação vem com isso e as licenças C hoje é uma licença específica para quem trabalho com a iniciação. Mas precisa ter também esse trabalho, você precisa ter um coordenador, alguém que vai fazer e liderar esse processo. Não sei se é o Cruyff que fala "ele nunca ouviu alguém falar na vida assim hoje estreou uma equipe no profissional, não estreia uma equipe estreia um atleta então o processo de formação de atletas e não de equipes. Então tem cara no sub-11 que acha que tem que ganhar algum campeonato para manter o emprego. A FIFA tem todo o cuidado aqui [Grassroots] em todo momento quando ela fala do treinador ela sempre usa a referência do treinador-educador ela nunca usa só treinador. Na iniciação é o papel do cara treinador-educador. Se eu estive em um clube hoje como coordenador o crachá do meu treinador do sub-11 seria treinador-educador). É o processo como um todo assim porque o que acontece o futebol no Brasil, o que a gente tava falando um pouco, durante muito tempo a gente sempre foi muito bom dentro do campo e fora do campo a gente tem muita coisa para corrigir como a gente vem corrigindo né. Eu acho que as categorias de base ela também deve passar por esse processo porque assim no clube do interior na minha época eu ganhei títulos com o XXXXX em XXXXX, o XXXXX e a XXXXX era fortíssima as categorias de base então assim e quantos jogadores o Guarani não formou não colocou na Seleção, na Europa por exemplo mas eu falo assim categoria de base não é despesa ela é investimento então o clube estruturar uma categoria de base, é que é assim esse processo talvez a gente esteja com dificuldade porque assim essa gestão mais profissional do clube realmente ele as vezes ele não tem nenhuma identidade definida, precisa definir a identidade. Quem ele é? Onde ele pode chegar? Mas o que a gente acredita muito é que o futuro dos clubes, principalmente do interior, passa pelas categorias de base, porque ele vai o que

contratar jogador não, ele tem que formar jogador em casa e o jogador formado em casa ele tem mais identidade com o clube, ele tem mais compromisso com o clube, ele tem os valores do clube.

P: Qual avaliação você faz sobre os resultados alcançados em relação aos objetivos propostos pela federação em promover as competições nas categorias iniciais nos formatos atuais?

R: Eu falo assim a gente ficar atento aos feedbacks dos profissionais dos clubes nas categorias de base, então inclusive foi feito um vídeo que na imprensa repercutiu muito assim da final sub-11 entre XXXXX e XXXXX em 2016 e alguns ofícios que a gente recebeu de clubes parabenizando pela iniciativa. A gente fica muito satisfeito com esse reconhecimento porque o desejo e o esforço nosso é que o futebol seja uma ferramenta de desenvolvimento humano, econômico e social. Então quando a gente vê que esse processo lúdico e divertido ele pode fazer com que o futebol possa ter novamente aquele brilho do passado e a gente possa usar os valores do esporte com ferramenta de formação. Então cumprir com o que é a nossa intenção buscar com que essa categoria de base, essa categorias sub-11 principalmente, é escola de ser uma coisa lúdica, pra gente não está muito preocupado como disse o Renato que tem treinador que está colocando os garotos lá sendo que tem que a parte tática desenvolve, sei lá tem que desenvolver pessoas utilizar os valores do esporte, então acho que atingiu nossos objetivos ali porque a gente fica satisfeito aí com o feedback que a gente tem dos profissionais, mas a gente esta sempre atento pra justo aprimorar o que for necessário. Pela quantidade de retorno que a gente tem dos profissionais e de outras federações assim de a gente poder ir lá e apresentar o que a gente fez e quer dizer pra ajudar eles a mudarem também a impressão que a gente tem é que não cabe a gente falar do que a gente faz e eu acho que o importante é as pessoas analisarem e avaliarem, elogiarem e criticarem e a gente não quer ficar jogando flores aqui no nosso trabalho mas a gente está satisfeito com o feedback que a gente esta tendo, mas a gente está sempre atenta aí a sugestões e as críticas.

P: Sobre as substituições volantes já pensaram em colocar alguma regra sobre a obrigatoriedade dessas substituições?

R: Pra mim tem que trocar o treinador porque aí é gestão e coordenação do clube, é filosofia do clube. A gente tem investido aqui (FPF) é na qualificação, oportunizando cada vez

mais os treinadores de categorias sub-11 e sub-13 de fazer e ter essa qualificação, qualificar os coordenadores. Por que se não toda hora a gente está mudando as regras porque alguém tem uma atitude dessa). Tem alguns coordenadores que falam assim que controlam a minutagem dos atletas, inclusive foi até o XXXXX do XXXXX que falou que quer saber, o Yamada participa com a gente aqui do comitê de coordenadores, ele controla a minutagem porque como o Renato falou nós tivemos essa sugestão mas a gente fica também ao mesmo tempo porque sei lá você pega um clube do interior que tem menos jogadores porque tem menos recursos com um clube que tem mais daí você obriga a substituição daí também fica uma coisa assim mais do próprio treinador do que a gente ter que entrar tão o afundo na ingerência aí do dia-dia a gente tem um pouco de dúvida em relação a isso mas já tivemos sugestões nesse sentido mas a gente gostaria realmente de que o que o Renato falou que o próprio coordenador e que o próprio processo já não precisa a gente entrar nisso né e que o desenvolvimento já tenha que ser feito pra todo mundo.

P: Hoje não existe obrigatoriedade de um número mínimo ou máximo de jogadores para os jogos?

R: Precisa ver o regulamento eu não me lembro de cabeça agora. O máximo tem, mas o mínimo não me lembro é bom dá uma olhada no regulamento.

APÊNDICE D

DADO DO PARTICIPANTE (C1)
Nome: XXXXX
Cargo: Gerente Geral do Departamento de Formação de Atletas
Tempo na atual função: 02 anos

Roteiro de perguntas para dirigentes responsáveis do departamento de base de Clubes

P: Cargo que ocupa na Direção Técnica do Clube e tempo atual na função.

R: Meu nome é XXXXX, atualmente sou o Gestor da Categoria de Base do XXXXX. Estou indo para o segundo ano nesta função e lembrando que fui atleta do clube no passado recente, onde fiquei durante 10 anos.

P: Fale sobre a sua experiência, formação e atuação como dirigente no futebol.

R: Acho que a carreira de atleta me ajudou muito para essa atual função que exerço hoje, tive muitas experiências, trabalhei em diversos modelos de clubes, clube social, clube empresa e clube de um majoritário de um único dono. Então foram modelos de negócios que me agregaram muito e hoje fazem muito sentido para função atual que eu exerço. Na minha transição como dirigente que foi no XXXXX, foi um clube onde eu tive a primeira oportunidade de transita em uma outra função e já existia um plano de carreira ofertado para mim desde de quando eu cheguei lá no final da carreira de atleta e eu vi aquilo ali como uma grande oportunidade né que foi nos meus últimos 3 e 4 anos onde me aprofundei mais nos estudos em buscar conhecimento para esta área específica.

P: Fale sobre como você acha que deveria funcionar o processo de formação de jogadores no futebol. Quais seriam os objetivos principais a serem alcançados em um processo de formação de atletas de futebol?

R: No processo de formação o que eu tenho acreditado que quanto melhores os professores melhores alunos você vai formar, então obviamente você oferece um ambiente favorável para o garoto para poder desenvolver e você vai poder utilizar o potencial que ele tem

ou possível potencial e daí envolve muito também a composição das comissões técnicas trazer professores qualificados, preparados, com perfil para trabalhar com aquela determinada idade. E a questão dos estímulos, dos conteúdos de treinos das categorias menores sub-11 e sub-13 você tem que ser muito sutil para questão do estímulo de treino porque o jogador tem que se divertir, o garoto ele tem que está se divertindo nessas idades menores então obviamente se você vai apresentar um conteúdo de treino para ele com alguns estímulos, por exemplo domínio direcionado, passe na perna que está na frente, o esconder a bola na condução, então são alguns ajustes de corpo, de domínio e passe que você obviamente já pode desenvolver desde sempre né, mas sem tirar aquela alegria do garoto, aquele prazer, aquele entendimento na cabeça do garoto que ele está ali para se divertir e para brincar. E o jogo tem que ser somente uma provinha, uma etapa do processo de formação não pode ser o principal objetivo de forma nenhuma. Se a comissão técnica começar a olhar para o jogo do final de semana vai comprometer a programação de trabalho. Então a gente não olha o resultado esportivo nas categorias menores de forma nenhuma, pelo contrário, a gente tem determinado aqui que na primeira fase principalmente dos campeonatos do Paulista por exemplo, exista uma minutagem um equilíbrio de minutagem para todos os garotos, a gente fez questão, até foi uma sugestão minha para FPF muito legal, o XXXXX entendeu e ele acatou, fiquei muito feliz porque mudou a regra da competição onde o melhor time classificado na primeira fase anteriormente ele levava uma vantagem para as fases finais e isso era ruim do ponto de vista de que eu aqui quero dar mais oportunidade para os outros garotos.

P: Que tipos de vantagens?

R: Vantagens de resultados tipo dois resultados iguais, decide em casa, então a partir do momento que o XXXXX tirou isso a FPF tirou eu consegui justificar para minhas comissões técnicas a questão que a gente vai classificar porque a primeira fase é regional e o XXXXX é muito grande e eu posso oportunizar outros meninos que as vezes eles são mais tardios né menos maturados maturação tardia e hoje talvez vá resolver o problema do jogo mas os jogadores talentosos que precisam receber estímulos de jogo e precisam da motivação do jogo e eu estou preparando ele para um outro momento para poder chegar no sub-15 e no sub-17.

P: E quanto aos principais objetivos desse processo?

R: O principal objetivo mesmo é a questão do esporte em si você educar o jogador, ele aprender a conviver, a respeitar os companheiros em um ambiente coletivo, ele respeitar e entender a hierarquia da comissão técnica que existe uma liderança ali o treinador, o professor

é amigo dele mas ele tem que entender que amizade tem um certo limite e ele precisa respeitar as ordens da comissão técnica, a questão de disciplina respeitar horários, eu acho que isso é fundamental e a gente não abre mão disso nessas categorias menores sub-10, sub-11, sub-12 e sub-13, nas outras também mas nessas uma ênfase maior nesse aspecto né e isso é uma questão que a gente faz muita questão, é um ponto que a gente faz muita questão de não negociar porque o esporte no meu ponto de vista é o mais importante do esporte quando você coloca um filho pequeno lá por exemplo no judô, na natação é para ele aprender esses valores né.

P: Os treinadores que estão aqui a algum tempo ou se houve mudanças e se julga a formação de EF ser importante ou não?

R: Há algum tempo isto é uma coisa que a gente não negocia e a gente esta muito atento porque eles são referências né principalmente até o sub-17 esse trabalho e a figura do treinador ele influência direta os garotos então a gente fica muito atento e tem muita cautela para contratar o treinador porque ele tem um responsabilidade muito grande, e é o que eu falo o maior patrimônio dos pais são os filhos né, então você esta lidando com o maior patrimônio do clube também então você vê a responsabilidade dos treinadores e a gente tem muita cautela assim o grande desafio nosso hoje é isso é você identificar o perfil desse treinador e se faz sentido você ofertar aquela categoria para ele. Por exemplo tem treinador que ele é ótimo na sub-15, na sub-13, eu tenho um treinador aqui nas categorias menores que ele é fantástico ele está no lugar certo só se eu pensar em projetar ele para sub-17 ou sub-20 com certeza ele vai escorregar e ele não vai conseguir entregar bons resultados porque o perfil dele como pessoa como treinador é para a categoria menor.

P: Como você lida nesses casos com os treinadores que querem se promover?

R: É uma boa pergunta. Isso acontece muito no Brasil porque os treinadores de um modo geral são mal remunerados então o que ele quer fazer para chamar a atenção do mercado ele quer ganhar competições ter resultados esportivos porque ele vai pleitear a categoria de cima, mas você vai para Europa é totalmente o oposto. Lá o treinador é muito bem remunerado e valorizado então ele está feliz naquela categoria e ele entendeu que ali é lugar dele. Então é o que eu falo para os meus treinadores você tem que ser o melhor treinador da sub-13 por exemplo, e aí você vai ser valorizado a grande referência do mercado. É um desafio né!

P: E a política financeira dos clubes?

R: Graças a Deus hoje a gente tem conseguido equacionar isso de um modo geral porque ele está pleiteando isso porque a parte financeira esta diretamente envolvida na profissão do colaborador. Agora a sub-20 é um caso a parte porque a gente enxerga como profissional a exposição é muito maior então a questão de entregar resultado esportivo não tem como fugir como negligenciar. Na verdade, a sub-17 para baixo a gente tem tentado equacionar isso não ter valores muito diferentes de uma categoria para outra justamente para o profissional se sentir valorizado no processo.

P: O XXXXX comentou um fato de ouvir uma preleção com vários termos técnicos específicos e pensou ser uma equipe Sub-20 e ao sair do vestiário era uma equipe Sub-13. Como lidar com isso?

R: Já aconteceu no clube e infelizmente tivemos que fazer uma mudança aqui em uma categoria onde a forma do treinador de acessar o garoto não era a mais adequada então ele tava dando um treino um pouco agressivo com gestos na forma dele acessar o menino e aí não é um mal treinador não é um mal profissional mas para aquela categoria ele não servia então a gente fez a mudança justamente por conta disso.

P: Quais são os objetivos e expectativas do Clube para participação das competições federadas nas categorias iniciais Sub-11 e Sub-13?

R: Eu acho muito legal até porque a FPF conseguiu adequar o campo a idade do garoto. Eu acho que competir é importante faz parte do processo de competição o jogo ele tem que esta e é uma motivação a mais né é um evento então ele tem que fazer parte do jogo ele tem que esta dentro. É um cenário diferente do treino, agora tem que tomar muito cuidado quando você entra em muitas competições nas categorias menores eu não concordo eu não sou de acordo com isso. O XXXXX hoje por exemplo recebe muitos convites para disputar torneios nessas categorias (sub-11 e sub-13). Então a gente tem declinado em alguns ou na maioria porque a ênfase maior nessa idade é o treinamento. Agora por exemplo o campeonato paulista esta muito interessante hoje, é uma competição longa e você só joga de final de semana, eu acho que é legal e faz parte também do processo de formação, você esta colocando o garoto o menino em um ambiente de jogo então acho que faz todo o sentido. Só tem que controlar a dosagem não pode jogar muitas competições eu acho que a paulista é uma competição muito boa porque ela é longa e aí pra mim é a dosagem ideal.

P: Os resultados não é fator primordial dos objetivos das competições para Direção nessa cobrança?

R: Não de forma nenhuma. O jogo é a provinha que a gente costuma brincar é a provinha da escola onde você avalia se precisa mudar alguma coisa readequar.

P: Esses objetivos são compartilhados com os Treinadores, Pais e todos os agentes envolvidos?

R: A gente faz várias reuniões durante a temporada o que a gente vê também dos pais uma cobrança e uma expectativa excessiva em cima dos filhos e isso não é legal e nos preocupa muito então a gente faz algumas reuniões durante a temporada com a família e todas as comissões técnicas porque deixa bem claro que eles estão ali para se divertir os garotos infelizmente tem muita família que joga a responsabilidade em cima das costas do garoto no sentido que ele já é o responsável da família no sentido de pagar as contas a gente vê aqui alguns casos que aqui nos preocupa muito porque o garoto não tem condição nenhuma de assumir responsabilidades de ser o líder da casa né o provedor da casa então a gente alerta os pais e a gente vê os pais na arquibancada as vezes se exaltando além da conta dando maus exemplos xingando o juiz.

P: Como você lida com isso?

R: Nas reuniões a gente bate nessa tecla puxa a gente fala o maior exemplo tem que ser os pais se a gente aqui dentro quando o jogador fica duas horas no clube e a gente orienta eles a não xingar o juiz a chamar pelo nome a respeitar o companheiro o adversário, de nada adianta as outras vinte horas que eles passam em casa com vocês ou no momento do jogo da arquibancada vocês dando maus exemplos xingando o árbitro ofendendo o adversário. Eu até brinco com eles qualquer dia eu vou fazer o inverso eu vou botar os pais para jogarem e os filhos vão dar exemplo de como não se comportar na torcida.

P: Quais são os critérios para o desenvolvimento do calendário esportivo das categorias iniciais Sub-11 e Sub-13?

R: De um modo geral a gente está satisfeito tem iniciado em meados de abril e tem ido até novembro. Eu acho que tem um intervalo de período de férias escolar e acho que o modelo

é adequado sim e, é o que disse e tenho visto muitas equipes entrando em outras competições paralelas em período de férias escolar em vez do garoto esta tendo uma vida social ele vai entrar para um torneio e é isso que a gente tem se atentado e tem declinado né esse tipo de situação, mas o modelo do paulista acho que é legal se tem um joguinho no final de semana e praticamente aí 7 a 8 meses de competição. Eu acho que dá para você rodar todo mundo e oportunizar todos os garotos do elenco e equilibrar resultados.

P: A questão da minutagem em relação ao calendário tem números de quanto os meninos jogaram?

R: É o que tem acontecido pelo menos na primeira e segunda fase do paulista como ela é regionalizado a gente oportuniza todo mundo. Então ou joga uma equipe o primeiro tempo e o segundo tempo joga outra como o regulamento tem nos favorecido em relação a isso, limite de substituição então a gente tem oportunizado isso ou na rodada seguinte inverte né os que são considerados titulares eles iniciam na reserva porque a gente também entende que ficar no banco de reservas é importante para o processo de formação para o jogador entender que ele vai ter que esperar e vai ter que bater palma para o companheiro incentivar o menino que esta jogando então a gente as vezes faz esse tipo de situação, agora é lógico quando afunilou o campeonato e chegou na fase final é inevitável você começa enfrenta os grandes jogos aí se você esta naquele momento de jogos eliminatórios aí faz sentido você tentar chegar o mais longe possível até para você também ter mais jogos na temporada então a gente tem trabalhado dessa forma a primeira e segunda fase a gente oportuniza todos os garotos e quando começa a entrar na fase mata-mata lá na reta final aí é natural os que mais se destacaram né ele vai ser premiado com mais jogos também.

P: Até para poder avaliar esses meninos que estão no grupo?

R: E para os meninos também entende que não tem jeito né chega uma hora que existe uma disputa ali natural e não tem como você fugir disso né.

P: O que você pensa sobre a obrigatoriedade de criar um ponto no regulamento sobre as substituições e participação de todos os jogadores?

R: Na base assim tem equipes que elas querem o resultado a todo custo, usar os principais jogadores teoricamente os mais maturados que estão mais fortes que sustentam mais a categoria é uma política de cada clube. Existem clubes hoje que tem essa política bem

definida, então acho que para o processo de formação não é o ideal né mas aí você tem que isenta a FPF porque é uma política dos clubes vai muito de cada clube. A nossa é muito clara hoje né, nosso foco principal é formação, é melhorar o indivíduo, até porque na transição para o profissional, eu costumo brincar que você não entregar para o Fábio Carille (técnico do profissional atual) oh Fábio toma o elenco da Copa SP. Você não vai entregar o elenco você vai entregar o indivíduo numa geração muito boa talvez 5 ou 6, em uma geração ruim talvez 1 ou 2, então o que que faz mais sentido desde sempre eu melhor o indivíduo, melhorar o jogador, melhorar qual o é o déficit dele, o físico, o cognitivo, o técnico daí eu vou ajustar isso aí eu quero que ele chegue no sub-20 mais pronto mais preparado para que ele possa pleitear uma vaga no profissional.

P: Hoje nos grupos possuem quantos atletas?

R: A gente divide o sub-11 por idade 10 e 11 anos, a média é 25 atletas por idade na 10, 11, 12 e 13. Quando entra na sub-14 aí nos temos elencos bem mais reduzidos. Aí seriam dois atletas por posição então você teria elencos de 20 atletas de linha com idade de 14, 15, 16 e 17 anos. No sub-11 e sub-13 uma média de 50 jogadores. Porque é a entrada do jogador no clube é o processo de transição do futsal é a captação agressiva então aí não tem jeito a rotatividade ela é maior mesmo.

P: Os meninos jogam futsal e o futebol?

R: Eles jogam a maioria joga sim a gente estipulou uma regra quando o jogador esta transitando do 13 para os 14 anos aí tem que tomar a decisão. Nesse momento ele tem que toma a decisão porque nesse momento vai ter conflito de treinos ele não ter vida social porque ele treina de tarde e no futsal a noite e aí começa no final de semana joga no campo no salão.

P: No Sub-11 pode jogar futsal?

R: Aí ainda joga porque treina menos né!!!! Porque aí ele treina menos.

P: Quantas vezes?

R: O sub-12 por exemplo treina 3x/semana. O sub-09 que é a entrada treina inicial é só na segunda-feira.... Que não é nenhuma categoria!!!! Mas é onde eles começam a pisar no campo então você tem menos volume treino, mesmas intensidade então ele ainda consegue fazer o futsal. Quando chega no 14 aí não tem jeito!!! Aí a metodologia ela é muito definida o

processo metodológico físico por exemplo ele é muito definido então tem que tomar cuidados se não começa a ter destreino, conflitos de treino.

P: Existem comissões técnicas diferentes para cada ano da categoria?

R: As comissões técnicas são as mesmas porque treinam em horários diferentes então o 12 mais cedo e o 13 mais tarde.

P: Como é feita as dispensas dos atletas nessas categorias?

R: A gente envolve todo o processo aqui chama NESP que é o processo da psicologia, do educador escolar e da assistente social. Então são elas que vão e que sentam com o garoto mas nas menores é muito tratado com a família na maioria dos casos nós chamamos os pais.

P: Você participa desse processo pessoalmente?

R: Não aí já é uma regra que a gente chama os pais e comunica os pais. Nós fazemos isso eu e o Supervisor da Categoria a gente chama então acompanha todo mundo as meninas a psicologia, o treinador da categoria, o supervisor. O Supervisor principalmente porque ele tem uma relação mais próxima está sempre ali no dia-dia, mas a gente procura evitar esse desconforto para o garoto. Ele geralmente 90% ele está fora dessa situação. A gente prefere que o pai converse com ele no cenário de casa sem expor o menino nada disso.

P: Fale sobre as adaptações e alterações de regras nas competições iniciais. O que você pensa sobre como foi o processo de desenvolvimento até os formatos atuais? E quais deveriam ser os objetivos das alterações?

R: Eu acho que a Federação tem evoluído demais principalmente a FPF ela tem saído na frente. O XXXXX tem feito um trabalho fantástico no sentido de construir a quatro mãos está sempre consultando os clubes, esta tendo uma coerência, sempre tem pontos para serem ajustado, mas legal é que esta ouvindo os clubes e todo mundo esta tendo a oportunidade de opinar de sugerir. Então no meu ponto de vista assim do meu modo de ver esta muito legal o formato. Eu acho que deve ter algum ajuste ou outro no decorrer do processo que o futebol também é um processo evolutivo, mas na minha opinião esta muito legal. Eu acho que faz todo o sentido.

P: Inclusive qual a sua experiência com os formatos no exterior?

R: Desde sempre a entrada do garoto são campos adaptados, os gols exatamente.

P: Qual avaliação você faz sobre os resultados alcançados em relação aos objetivos propostos pela federação em promover as competições nas categorias iniciais nos formatos atuais?

R: Eu creio que sim. O objetivo da FPF é muito claro em querer fomentar mesmo o futebol brasileiro era oportunizar e a gente esta muito ciente disso e eu acho que a Federação esta no caminho certo. Eles estão tentando valorizar e resgatar equipes tradicionais que por más gestões acabaram perdendo força né principalmente as do interior que sempre foram grandes formadores então acho que eles estão muito atentos a isso em tentar regatar essas equipes trazer para perto em uma ideia de fomentar mesmo o futebol no sentido que as informações que os grandes clubes tem hoje a gente conseguir também levar até os clubes do interior fazer essa troca de experiência que eu acho que faz todo o sentido. Eu digo da minha parte da Federação muito legal como eu disse a ideia deles quererem fomentar o futebol aproximar os clubes do interior trazer para mais perto acho que tem caminhado bem, lógico ainda tem um percurso. E em relação ao clube a gente esta em um processo de construção nos fizemos o livro metodológico nós criamos o livro metodológico justamente para alinhar processos. Então nós temos o livro metodológico da preparação física, dos treinamentos dos goleiros e o livro metodológico da parte técnica de um modo geral e qual é o principal objetivo é você alinhar os processos e colocar os trilhos. Cada categoria é um trilho é um vagão e colocar no mesmo trilho. Porque esse era um problema muito sério que eu via na categoria de base onde cada categoria o atleta recebia um estímulo diferente porque o treinador tinha uma formação acadêmica diferente do outro, tinha de ideia de futebol diferente do outro e eles não se comunicavam não tinha integração cada um dava um estímulo de trabalho e o jogador chegava no Sub-20 como vítima do processo. Ele já não sabia mais o que era certo o que era errado e cada categoria ele recebia um tipo de estímulo. Então esse equívoco a gente não quer cometer aqui. Graças a Deus nós alinhamos os processos então as reuniões periódicas têm nos ajudado a construção do livro metodológico foi a quatro mãos todo mundo participou, todo mundo opinou e os conteúdos de treinos. É isso que a gente esta fazendo é da o estímulo para o garoto desde a entrada dele no clube para quando ele chegar no sub-20 ele está mais adaptado ao futebol de alto nível, ao que a gente quer trabalhar.

P: Uma identidade? Qual sentido você daria a hegemonia dos grandes clubes nas categorias Sub-11 e Sub-13?

R: Na verdade, isso é muito claro pra mim isso. Quando eu jogava por exemplo na década de 90 a captação era nível regional então se você fosse pegar os elencos da década de 90 do sub-11, sub-13, sub-15, sub-17. 95% é da região de São Paulo, grande São Paulo, um ou outro do ABC. Mudou!!! De uns tempos pra cá a captação virou a nível nacional. O garoto quando começa a jogar futebol ele sonha ele pensa em jogar no XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX e aí... o Pai é movido pela paixão e o departamento de Scouts dos Clubes muito agressivo. Departamento muito ativo então você tem hoje captador espalhado pelo Brasil inteiro. E aí um jogador quando ele começa a se destacar no clube do interior já vem um grande um captador de um grande e já tira ele de lá... então um clube do interior não consegue montar um time competitivo porque os principais valores, os destaques vão estar sempre saindo para um grande clube. E o futebol está muito precoce, a captação tem começado hoje desde os 10, 11 anos e o clube do interior hoje não consegue ter, por exemplo, no sub-13 ter um elenco rico vistoso ele está sempre sofrendo e perdendo grandes valores.

P: Essa hegemonia dos grandes clubes não muda?

R: Tem lugares hoje que a pesquisa que eu fiz do nosso Analista de Mercado, o estado de São Paulo é o lugar ainda que mais projeta jogador de alto nível. O interior de São Paulo é muito rico: Americana, Catanduva, Ribeirão Preto. Mas assim os captadores já estão lá dos grandes clubes então quando o jogador se destacou eles já trazem para um grande clube.

P: Os grandes clubes têm um número maior de federados e, portanto, mais chances de se tornarem campeões nessas categorias? Fazer campeonatos paralelos?

R: É uma sugestão!!! Até para dar mais jogos para os times do interior.

P: O XXXXX comentou sobre as equipes que são desclassificadas precocemente?

R: É verdade. A gente comentou por exemplo de fazermos, por exemplo, uma Série Prata, que nem está sendo feito agora essa Copinha Sub-14. Nós criamos então classificam duas equipes de cada grupo e as outras duas que não classificaram fazem a Série Prata então também tem quartas de final também tem semifinal o mesmo número de jogos. Todo mundo vai jogar o mesmo número de jogos isso é muito legal!!!! Foi uma ideia nossa e eu que trouxe a ideia

desse torneio e daí compartilhei com os outros gestores com o pessoal do XXXXX, do XXXXX, do XXXXX e a gente construiu isso em conjunto e aí nós oferecemos para FPF e o XXXXX foi super receptivo na hora ele absorveu porque qual foi a ideia principal. Tem um torneio principal chamado Votorantim ele é um Torneio muito tradicional muito bom só que ele ficou devassado em relação a estruturas, as condições, então só tinha um campo de jogo, mês de janeiro chove muito aí o nível técnico vai lá embaixo a segurança é um pouco complicada. E aí nós falamos puxa vamos fazer um torneio entre nós com um bom nível técnico priorizar sempre a qualidade do espetáculo campos bons né enfim. Colocar folgas entre um jogo e outro, intervalos, que na Votorantim também joga todo dia e aí nós apresentamos para FPF e ela foi super receptiva e daí já ajudou até a CBF porque essa idade 2004 já tem convocação para seleção brasileira. E é muito difícil para seleção convocar jogadores se não tem competição de nível nacional. O Brasil é muito grande então assim a CBF adorou a ideia e puxa pra ela foi pescar no aquário.

P: Elaboramos um estudo e constatamos que a FPF é a que mais promove mudanças nessas categorias?

R: A FPF está muito à frente. O XXXXX é um cara fantástico e nos outros estados tem a questão do problema do ministério público também que é muito sério que em Salvador por exemplo eles não aceitam Competição Sub-11 e Sub-13. É difícil assim justificar. É complicado!!! Mas aqui a gente está muito satisfeito com a FPF está um trabalho muito legal!

APÊNDICE E

DADO DO PARTICIPANTE (C2)
Nome: XXXXX
Cargo: Gerente Geral do Departamento de Futebol
Tempo na atual função: 01 ano

Roteiro de perguntas para dirigentes responsáveis do departamento de base de Clubes

P: Cargo que ocupa na Direção Técnica do Clube e tempo atual na função.

R: Meu nome é XXXXX tenho 41 anos sou o atual Gerente Geral do XXXXX envolve futebol e administração. Eu tenho dois coordenadores que estão nessas áreas hoje e eu estou hoje mais no comando geral e principalmente para que cumpra sua nova missão que é a formação de excelência em atletas de futebol principalmente com ênfase em intercâmbio de atletas chineses. Então nós temos que ser uma bela academia porque os chineses que aqui tem que jogar com os melhores jogadores do Brasil para ter uma transferência para o mercado da China. Então nós estamos trabalhando um pouco diferente dos clubes do Brasil porque envolve prioritariamente o intercâmbio chinês mas para isso a gente tem que ter uma bela base por isso que o XXXXX tem essa fama e histórico de academia de formação. Dentro dessa perspectiva nós temos todas as categorias aqui e o monitoramento que acompanha o sub-12 e sub-13. Eles são pontuais a cada dois meses vem uma turma selecionada pelo interior de São Paulo e do Brasil e passam aqui uma semana e retornam para suas cidades e os pré-selecionados vão retornando a cada dois meses. E temos um projeto sub-13 somente para meninos da cidade aberto a todos não é seleção então quem esta inscrito participa desse projeto que também saem um ou outro talento para esse monitoramento. Então indiretamente a gente mantém uma categoria sub-13 porém o intuito é que tenhamos o sub-11 e sub-13 federada para também a gente se garantir dentro dos aspectos da lei e possíveis solidariedade FIFA no futuro em disputa aí com os clubes comprovando que o atleta teve a formação e o monitoramento aqui uma ajuda, condições e etc. Nos torneios comprovar a participação para qualquer problema futuro de litígio com esses jogadores.

P: Clube Formador?

R: Exatamente, nós somos clube formador selo A porque a gente atende todos os requisitos e priorizamos essa formação, principalmente nas categorias sub-14, 15 e 16. Os jogadores sub-17 pra cima que são destaque nossa missão é que estejam na vitrine porque o que me mantém é ser a missão de referência em uma academia de futebol então não adianta o jogador ficar aqui se ele é referência ele tem que ir para o XXXXX, XXXXX para lá eles disserem que o atleta foi formado aqui no XXXXX não adianta ele ficar aqui até a Série A3.

P: Como você mantém as categorias maiores?

R: Com o refugo e com a promoção de novos jogadores. Esse ano por a gente ter redução de orçamento e política a gente resolveu não mais contratar jogadores acima de 16 anos, ou seja, o de baixo vai compor o de cima. Se negociarmos 2 ou 3 jogadores sub-16 o do sub-15 sobe e aí o que eu fiz aumentei o sub-14 e daí o 14 já sobe para o sub-15 e mantenho o 14 com bons jogadores na entrada e um pouco maior e até mudamos a pirâmide de elenco que a gente dia hoje pra otimizar essa nova missão que é não contratar jogadores mais velhos, que a gente não tem mais interesse de trazer jogadores com 16 anos porque a qualidade não é mais diferenciada do que quando você pega um jogador de 12 e 13 anos, com 16 anos ele já passou por A, B e C e se ele caiu aqui é porque ele rodou nos outros e não me interessa ter ele aqui só para manter o clube. Tenho que ter alguém que destaque para que eu coloque no mercado. Eu negociar não é ter dinheiro, é ter percentual futuro para comprovar que a formação desse atleta foi aqui, que essa é a minha missão. Ficou um pouco complexo, mas é mais ou menos isso... Na função estou desde de março de 2018 (1 ano). Aqui estou na função geral base, profissional e administrativo. Acumularam as funções do Sr. XXXXX que era o gerente e o XXXXX que era o presidente, então estou fazendo as duas funções então com isso acabei aumentando o organograma do clube com boas coordenações de futebol, administrativa e comunicação e marketing para que a gente faça essa gestão unificada.

P: Fale sobre a sua experiência, formação e atuação como dirigente no futebol.

R: Sou formado em 2001 Graduação em Esporte pela USP. Em 2001 entrei no XXXXX em um estágio como preparador físico e de lá fui efetivado como preparador físico no sub-15, 17 e 20.

P: Quanto tempo trabalhou no XXXXX?

R: Fiquei 6 anos na primeira passagem e depois fui convidado para o XXXXX para ser Diretor de Treinamento. Fiquei um ano no XXXXX a gente teve o acesso da Série B para Série A e isso fez com que o XXXXX me trouxesse de volta para Coordenar a Base em 2009. Fiquei de 2009 a março de 2015 como Coordenador da Base Geral parte técnica mais envolvia metodologia envolvia mercado externo porque eu era voz de federação, CBF. De coordenação técnica nessa fase geral mesmo de Gerente que tive oportunidade de ir para o XXXXX como coordenador geral base e profissional. Do XXXXX fui para o XXXXX em uma função de coordenador metodológico que o XXXXX tinha feito um projeto gigantesco que irá tudo unificado que era metodológico que o Paulo tocava o profissional, mas eu estava sempre com ele e daí ele deixava eu tocar a base. Foram um dos melhores profissionais que já trabalhei. Maior escola e melhor faculdade foi lá tanto de recursos físicos, estrutura, equipamentos e a parte humana nunca vi igual todos os profissionais capacitados pós-graduados um nível alto. Essa turma deixou um legado o XXXXX e XXXXX todos doutores falam inglês congressos internacionais sabem mexer em toda a tecnologia do mundo vai para congresso do Qatar são convidados para esses lugares. Todos os funcionários do XXXXX tinham consultoria da EXON com três americanos que davam o treino todo dia davam o recrutamento todo dia para os funcionários. Tinha aula prática e teórica obrigatória uma coisa fora do comum. E do XXXXX eu fui convidado para ser Gerente da Base do XXXXX e daí de gerente geral fui convidado para ser gerente geral no XXXXX. Então a minha carreira foi essa de 2001 como estagiário e preparador físico até 2008. 2008 e 2009 no XXXXX de Coordenador de Treinamento era fisiologista, preparador físico, etc. Do XXXXX voltei para o XXXXX como coordenador técnico de 2009 a 2015. Em 2015 a 2016 XXXXX e 2016 a 2017 XXXXX e 2017 XXXXX e agora 2018 no XXXXX. Na área acadêmica sou bacharel em esporte pela USP, pós-graduado em Fisiologia do Exercício, Marketing Esportivo, iniciação em pesquisa. Comecei o mestrado e larguei e só deixei os artigos científicos prontos publicados mas acabei não tendo tempo para me dedicar as aulas, mas um dia vou fazer. Iniciei uma pesquisa no CEMAF, Marketing esportivo na ESPN e fisiologia do exercício no CEF na UNIFESP.

P: Fale sobre como você acha que deveria funcionar o processo de formação de jogadores no futebol. Quais seriam os objetivos principais a serem alcançados em um processo de formação de atletas de futebol?

R: Essa pergunta é um pouco complexa, nos cargos que peguei desde gerência na verdade a primeira coordenação no XXXXX 2011 eu coloquei na cabeça que o modelo de jogo tem que nortear a gestão. Aí quando você chega no XXXXX o modelo de jogo é algo que esta na história mas ninguém aplica né. Chega cada treinador não tinha algo consolidado internamente documentado então cada treinador chega tem o seu método. Quando eu cheguei no XXXXX nessa nova função eu oriundo da parte física não quis ser louco de ser o chefe direto já dos treinadores então acabei deixando o treinamento técnico tático do jeito que era mas fizemos um plano estratégico de 3 anos para abordar essa visão sistêmica fragmentada para chegar no terceiro ano e todo mundo entender da mesma forma. Então a gente iniciou isso na preparação física em 2011 e 2012 a gente aplicou o método de preparação física com treino integrado então abolimos corridas, trabalhos de musculação sem especificidade para toda a preparação física do sub-13 até o sub-23. Isso andou rápido na sequencia tinha que avançar para os treinadores a direção deu aval para bater de frente mesmo vamos quebrar o paradigma...rs que a gente vai dar respaldo, e mesmo assim tive um pouco de receio e fiz uma estratégia de trazer a universidade de futebol junto para ela com o conteúdo dela a gente comprou um curso para os 22 profissionais de comissão técnica que foram os cursos táticos eram 19 aulas e essas aulas eram feitas 1 por semana no auditório do clube categoria por categoria. E o preparador físico por já ter sido recrutado vindo da faculdade ter conhecimento de informática ele tinha que ministrar aula para todo mundo da comissão. Então eles faziam aula todo mundo junto ali. E esse foi o primeiro passo. Todo mundo teve os conceitos táticos padronizou alguns treinos entenderam o que era tática. E aí sim foi o terceiro passo que era agredir os treinadores com um programa de formação continuada que a gente tava na época lá que ele contia um curso e algumas ações. O curso chamava CAPDEM que é curso de aperfeiçoamento profissional e desenvolvimento metodológico. A gente colocou aperfeiçoamento porque capacitação é que denegre o funcionário então aperfeiçoar ele não é incapaz ele capaz porque a gente precisa aperfeiçoá-lo com o modelo do clube. Então para gente criar um curso interno de um ano com oito capítulos com todos os temas inerentes a formação a treinamento esportivo a história do treinamento a pedagogia do treino o histórico do XXXXX. A coordenação técnica com análise de desempenho e o acervo histórico do XXXXX que é fantástico. E a nossa raça gana e a nossa vontade de entrevistar o XXXXX e entender o que ele fez em 1980 no XXXXX como que o XXXXX jogava, entrevistamos o XXXXX o que ele queria de perfil do atleta e também o que ele queira daquele jogador dentro de campo. O Diretor da Base o que que ele pensava que que era tática defesa ataque o que que ele queria daquela formação. Sr. XXXXX primeiros

presidentes do XXXXX ainda vivo o que ele pensa do clube do social da forma de jogar. Então começava a documentar isso e virou livro, isso é um livro que o XXXXX tem até hoje que mostra a história não só do XXXXX mas fala do treinamento da periodização tática os óculos do XXXXX, o que que o XXXXX vê no atleta, quantos atletas a gente monitora na época era 7 anos, qual o número de atletas o que que o XXXXX via e o que o XXXXX queria ter. E como saber o que o XXXXX queria? Com essas pesquisas análises documentais as entrevistas com o XXXXX, XXXXX, o próprio XXXXX, XXXXX, coleta históricas do XXXXX, XXXXX, XXXXX. Dentro disso a gente começou a formar a forma de jogar e a gestão disso. E a gestão disso começou eu a entender e a trabalhar com que estou capacitado nisso que é gestão técnica. A gestão técnica é justamente o PDCA da administração só que aplica ao treino. A preparação física sempre fez isso mas com um controle ou com uma aplicação então o que deve ser feito agora é que essa gestão seja sistêmica e não a preparação física nortear a comissão técnica ou pelo treinador o que deve ser feito e sim o treinador entender e ele vai mudar. Tem de vir do treinador o planejamento não mais a parte física e aí sim a parte física se adaptar as prioridades do treinamento etc. que a idade ou o modelo de jogo necessite. O que eu vejo de objetivo se é um clube grande é promoção do atleta para o profissional com essa cultura organizacional, ou seja, o perfil técnico, tático, físico e social que essa comunidade quer e não o que eu quero ou a imprensa quer, e essa identidade vem da onde? Da torcida, dos dirigentes, dos técnicos e dos títulos gloriosos que eles conquistaram, por isso que tem que escutar a história do clube. Somado ao que? A cultura do país que é o jogo para frente, o jogador técnico, habilidade e o futebol moderno que hoje tem que ter conceito tático, tem coisas básicas hoje, de pressão na bola, aproximação, então isso é o ideal que o jogador chegue com conteúdo trabalhado de forma espiral na categoria profissional por todo o clube inteiro por todo ou seja se quer jogar marcação pressão no XXXXX lotado com a fase ofensiva aguda com passe em vertical etc. o que que você tem que destrinchar desde da captação o que que o atleta tem que ter para ele com 14, 15, 17 incorporar para ele chegar nesse topo do ambiente profissional. Então é assim que eu penso de objetivos e aí dentro disso a gente cria metas técnicas que na base tem que existir. O que é meta técnica? É formação primeiro, desenvolveu os conteúdos no treino, sim, consegue avaliar as vezes é difícil, então vai para o jogo. No jogo o que que é o mínimo minutagem não pode ter uma formação e o jogador não jogar. Então aqui hoje no XXXXX todas as categorias inclusive no profissional o atleta tem que jogar dois amistosos e dois jogos oficiais tem que fazer quatro jogos em um mês. O que a gente considera um jogo 45 minutos no mínimo é um jogo. Então eu tenho 4 a 6 jogos no profissional oficiais e na base são 4 e no caso de 4 a 6 amistosos depende

do que você quiser fazer. Problema da comissão que tem que me entregar o relatório no final do mês que todo atleta tem que ter essa minutagem. Se ele vai marcar 7 jogos amistosos ou 10 para dar essa minutagem o problema é dele, mas o jogador tem que ter essa posição oficial e de amistoso. Não dá para ele ser titular inclusive um reserva, que base é importante todo mundo jogar. Não é o melhor hoje, mas ele tem que exposto em jogo mais fácil mas tem que ser oficial e a mesma coisa no amistoso se ele não está jogando no jogo do sábado na segunda-feira no amistoso ele tem que ser titular para rodar pra jogar etc. A gente tem um coordenador que cobra isso todo mês. Todo mês temos reuniões com o balanço mensal da categoria que é o coletivo que também tem meta então a gente tem hoje a sub-20 que a gente tem que chegar entre os oito, a sub-17 como eu perco muito jogador entre os 16 do paulista por exemplo, a sub-15 não tem que chegar entre os 4 porque o nosso sub-14 e 15 é muito forte. E o sub-14 a mesma coisa chegar entre os 4. O sub-14 foi campeão brasileiro, o sub-15 chegou entre os 4 do paulista, o sub-17 saiu na segunda fase e o sub-20 foi para as oitavas. Isso tem meta como você vai isso pontuação do mês no campeonato então se você tem que chegar entre o segundo, terceiro e quarto, são doze pontos mês, a gente coloca no primeiro mês que é mais fácil a gente fazer 10 pontos, em maio 8 pontos e daí todo mês você cobra não fez porque você está me devendo 1 ponto no mês seguinte porque a classificação tem que estar certinha até o final do ano. Então a meta coletiva é por pontuação e a meta individual é por minutagem. Isso acontece em todas as categorias. Eu tenho chinês hoje no profissional que vem para o Brasil e eles tem que jogar e o treinador sabe que ele tem essa meta mensal dele de 2 jogos amistosos e 2 jogos oficiais de acordo com gestão técnica do clube.

P: Você acha que é fundamental a entrada do garoto no Sub-11 e Sub-13 no processo de formação dos clubes?

R: Infelizmente é uma tendência que vai acontecer e já está acontecendo isso pra mim vai ser um tiro no pé e daqui a dois, três ou sei lá quanto tempo vai voltar para trás. Porque vai começar a surgir o malefício de tudo isso. Na minha opinião tem que começar cedo sim porém regionalizado. Regionalizado você fortalece primeiro o futebol da região que é onde os clubes grandes vem buscar, só que quanto mais cedo vem buscar menos esses clubes se desenvolvem e eles vão acabando, falindo não vai ter mais munição porque o clube agora se abaixar a lei vai pegar categoria mais novo não vai ter mais escolinha já vem direto para o clube. O clube não tem tempo para dar um trabalho condizente porque o clube já tem que na cultura do Brasil o resultado, então vai haver um trabalho precoce, segundo que ninguém é certeza nessas idades,

ou seja, a transferência e rotatividade de atletas, negociações, contratos novos na federação vai triplicar e isso não é bom para ninguém, terceiro como eu falei: empobrece o futebol regional. Vamos citar o XXXXX, os bons jogadores que vinham para São Paulo, para o Sul, não estão mais jogando lá, estão longe da família, longe da escola e são os melhores jogadores daquela região que vão ajudar os menores a também a melhorar aí já saem cedo não tem um nível bom, o campeonato é deficitário, o campeonato estadual hoje com todo o respeito, na XXXXX são quatro jogos no ano sub-15 e sub-17, o sub-20 cinco jogo. Vai para final mais 2 jogos e acabou. São 7, 8 jogos no ano. Não existe!!! Então assim que formação é essa? O jogador desce lá já não tem formação de jogo não tem a qualidade do jogador que tem aqui em baixo então o futebol do local se empobrece, os clubes cada vez mais, vão ter que depender de dinheiro para comprar jogador deles mesmo que poderiam estar na cidade, com a família, perto da escola, ter esse vínculo cada vez maior com o clube da sua região para sim com 15, 16, 17, 18 anos potencializar o negócio para o clube formador, para o próprio atleta, que ele vai estar com melhores condições sem tanta pressão, sem concorrência, que ele desce para o XXXXX, XXXXX e até para o XXXXX, no nordeste ele tem 3, 4 do mesmo nível então ele vai jogar menos se não tiver objetivos e metas de minutagem igual como falei. Então ele vem para cá para não jogar daqui a 3, 4 meses devolve ele para o XXXXX. Não vai exercer opção de compra ele perdeu 3 anos de desenvolvimento porque daí o XXXXX não vai querer mais e acaba a vida do moleque. Então isso é uma ilusão que vai dar certo para um e os outros 1.000, 2.000. Me parece que os clubes grandes conseguiram ter apoio legislativo, será como posso dizer isso pra você, do governo, para alterar a legislação brasileira para baixar cada vez mais isso, para piorar o problema e não melhorar o problema. Se estavam pensando no umbigo agora, mas vai esquecer que daqui a 10 anos não vai ter mais quem produzir jogador, e ele não vai ter mais jogador porque ele não vai formar na capital. É custosa demais a captação para ficar viajando o mundo inteiro, o Brasil inteiro todos os estados para achar uma perola ali aí tem que oferecer um emprego para mãe em São Paulo para ser legal, uma moradia, uma ajuda de custo altíssima para esses meninos novos que não são certeza. A parte social toda inversa o cara que tinha que ter tranquilidade para escolher o que ele quer e desenvolver primeiro o futebol está com um pressão com 10 anos porque o pai e a mãe vai depender dele, que se ele não virar acaba para todo mundo porque ele saiu da XXXXX e veio com emprego pra cá e se for mandado embora vai ter o emprego na XXXXX. Vendeu a casa e o que ele vai fazer agora...acabou!!! E aí vai sair do XXXXX o que vai acontecer? Isso que acho que o governo tem que se preocupar porque o futebol depende muito disso ele não tem mais para onde correr!!! Hoje os investimentos são

altíssimos na contratação de jogador novo não dos clubes, dos empresários, e os empresários vão pra cima dos clubes. Quem paga a conta é o clube não é empresário!!! Então a gente tem que começar a inverter essa bola porque a formação esta cada vez pior... não tem mais clubes formadores, os grandes clubes não vão ter mais da onde tirar bons talentos. Vejo isso com uma preocupação enorme!!! Porque a competição, por exemplo a FPF no sub-11 e sub-13, para fomentar essa melhora os próprios dirigentes não entendem, o primeiro ano da sub-11 era para ser 9x9 os presidentes não deixaram, mas eu tenho 22 jogadores, mas vão jogar somente 9. Agora é obrigado, mas a primeira vez não quiseram porque agora explicaram e obrigaram e mesmo assim teve resistência os caras queriam jogar 11x11. Aqui dentro tive que mandar funcionário embora porque queria jogar 11x11 no sub-12. A FPF esta recrutando, então por exemplo, demorou 1 ou 2 anos mas agora no terceiro ano surgiu uma proposta nova. No sub-13 tudo bem teria que ser 11x11 porém não pode ser em campo grande, ter que ser campo reduzido. Você vê melhor o talento, minimiza a força, porque a nossa especialização precoce encurta o resultado cobram desde cedo, porque o dirigente mal formado cobra um objetivo, uma meta, que é conteúdo, formação não, cobra resultado e o treinador, captador, olheiro vai trazer o que??? O que o clube cobra ele de pressão, e a pressão é ganhar o jogo? Infelizmente é em muitos clubes e aí ele vai escolher o mais forte e não o mais talentoso. Por isso que se perde muito dinheiro na formação.

P: A idade relativa tem alguma relação com isso?

R: A idade relativa tem a ver com isso. Embora a idade relativa não é um problema dos clubes. É um problema, como posso citar, das escolas formadoras e dos torneios também!!! O olheiro ele já esta contaminado, os estudos mostram que o efeito da idade relativa tem no mundo inteiro em sub-10 a sub-20, no profissional iguala. Mas porquê??? Porque olheiro ele não vai em um projeto só, 90% vão nos campeonatos, aí a escolinha vai para ganhar na marra porque o clube quer alguém que ganhe e vai pôr o mais forte. E aí você já pega lá só cara de 1º semestre. Você não tem nem escolha de ver o cara do 4º semestre por que nem no torneio serve. O que eu acho que mais pega nisso não é nem a força, é o tempo de treino. O moleque de janeiro teoricamente tem 11 meses a mais de treino para o cara de dezembro. Isso com 13, 14 anos é uma diferença enorme, mas quando chegar a 16, 17, 18 ninguém lembra desse 1 ano que ele perdeu já iguala o cara esta tendo o mesmo treino 2, 3, 4 anos tendo o mesmo treino, a mesma condição. Então o pior da idade relativa é o garoto de dezembro, novembro, outubro não tem 11 meses de treino a mais que esse outro cara, claro se for da mesma idade biológica, acho que

a força sim é um agravante, porém o tempo de treino que ninguém comenta que é o mais fundamental.

P: Na XXXXX deva ter vivenciado muito essa questão da idade relativa?

R: Na XXXXX só tem jogador de janeiro, fevereiro e março, não nem porque o cara nasceu janeiro, fevereiro e março, é porque esta na cabeça do cara que só contrata quem é de janeiro. Isso é uma verdade, na época que eu tentei jogar era assim a 20 anos atrás. "Você é de janeiro? Manda vir fazer teste. É de setembro então nem vem". Eu lembro teste de salão, teste de campo, você é de setembro pow oh volta o ano que vem!!! Isso tudo é gestão, é comando, tem que ter respaldo, e para funcionar tem que ter objetivo e meta. O objetivo e meta você comprova para a direção que você está fazendo o trabalho certo. Sem o resultado de ser campeão nessas categorias iniciais. Todo mundo jogar. Ter um setor de aporte que mostra a evolução técnica, tática, física sem somente resultado de 1x0, 2x0 mas com outros conteúdos. Ele tinha uma nota tática assim agora tem uma outra nota com esse treino novo, não sei. Antes ele infiltrava 7 vezes hoje ele infiltra 15, mas ele não tinha relação com bola hoje ele tem. Então por isso que o conteúdo tem que ser hierarquizado e cada idade deve passar igual escola, se o básico é relação com bola no sub-13 ele não vai para sub-14. Se ele tem então passou o resto ele aprende na 14 que são as coisas novas para o modelo final de tudo. Então desde do XXXXX venho fazendo isso: hierarquização dos conteúdos. Da captação para mim entrar da relação com bola o resto ele tem que aprender aqui. Se ele é inteligente no sub-13 se ele é taticamente fora do comum etc. ok bom, mas se ele não tem a relação com bola difícil que ele vai aprender já na especialização, no rendimento, só com muita repetição que não vai ter tempo para isso também não sei. Uma pergunta muito complexa.

P: Quais são os objetivos e expectativas do Clube para participação das competições federadas nas categorias iniciais Sub-11 e Sub-13?

R: A necessidade sempre existe, quanto mais fomentar futebol nas idades iniciais melhor, você oportuniza para todos e os clubes conseguem observar os locais ou trabalhos que eles não conseguiriam, então a FPF ajuda nesse sentido: Fomentar o futebol nas idades iniciais que é fundamental. Então tendo o sub-11 e sub-13 já ajuda nesse sentido. Aí a FPF mudou as regras é isso que o XXXXX vem fazendo nesses anos, esse comitê debatem as coisas para depois propor aos presidentes já com argumentos para quando chegar lá falar alguma coisa o

cara te da no meio. No começo adaptar a regra, os clubes já colocaram mais não temos dinheiro para comprar fita, trave nova, daí a FPF fez, e depois não quiseram fazer 9x9 porque você tem menos espaço, vai ter mais relação com a bola, minimizar força na observação vai ver mais técnica até a inteligência do atleta. Só que os clubes não pensaram nesse sentido, pensaram o que: Ah eu tenho 22 só joga 9 como vou colocar todo mundo para jogar vai ficar 18 no banco não sei o que? Então faz 3 tempos agora na FPF a gente quer colocar na regra, são três tempos, o primeiro um time, o segundo outro time e no terceiro você pode por uma seleção.

P: Existe a ideia de colocar na regra a substituição obrigatória?

R: Se deixar aberto vai continuar o talentoso no banco e o fortinho vai chegar na 14 e na 15. A minha meta no clube não é ser campeão, eu sei da minha realidade, não vou ser campeão!!! Agora no sub-11 e sub-13 eu faria a mesma coisa não tem que ser campeão. No XXXXX nos muitos anos que trabalhei lá, o Sr. XXXXX (Presidente) e Sr. XXXXX (Coordenador) não deixava competir!!! Porque? Porque vai ter assédio, a lei não protegia, você não podia fazer um contrato ainda. É ruim para o menino ter assédio nessa idade, ter muita exposição, uma ajuda de custo hoje é para ele pegar o ônibus, aí vem o cara dá 3.000,00, aí você vai ter que dar 5.000,00.

P: O Clube se sentiu obrigado a participar dessas competições?

R: O XXXXX só começou a participar quando entrou em vigor o contrato de formação aí o sub-14 e sub-15 começou a jogar, mas o sub-11, sub-12 e sub-13 nunca jogou. Não tinha garantia. Voltando a sua pergunta hoje com isso você consegue dar uma garantia para o clube, mesmo não poder fazer o contrato de formação, mas você comprova até para a FIFA no futuro que jogou um torneio oficial que o garoto foi filiado, você está pagando ajuda de custo, ele está no sistema da FPF que proíbe o cara de ir lá no meio do ano e querer tirar mesmo a família tirando daqui. Então assim protege um pouco e incentiva o clube a ter um sub-11 e sub13, porque ele não seguindo essa orientação um clube sem estrutura ele vai ser assaltado, vai ter assédio em todos os seus jogadores e sem repasse, ou seja, sem retorno do que ele investiu seja futuro ou imediato. Então o clube está protegido para isso.

P: Qual o objetivo do clube do interior em disputar essas competições?

R: O clube gasta 100.000,00 no ano e aí vem o XXXXX e leva o seu melhor jogador e não te dá nem 5% futuro. A família não está nem aí, porque a família quando você faz monitoramento a ideia do monitoramento é cativar a família que ele tem que ser o seu cliente

na base. Outra coisa que a gente pensa, seu cliente da base não é o empresário, não é a torcida, é a família e o próprio atleta e o principal a escolinha parceira, de onde ele veio porque é lá que ele foi formado, é esse professor que ele respeita que ele começou no futebol, é ele que tem que vir aqui no clube entender o meu método, o que eu quero, se ele quer ser meu parceiro ele vai lá replicar o que eu quero. Não é mandar correr fazer força porque eu não estou vendo isso aqui, estou vendo técnica, então trabalha fundamento é isso que meu olheiro vai avaliar. Aí quando ele entrar nessa academia gigante ele vai ganhar força, vai ganhar tática, agora técnica não vai, técnica você tem que fazer antes então por isso que o monitoramento é importante, você cativa a família. "Tivemos um caso agora esse ano de seleção brasileira que no dia de fazer 14 anos o XXXXX veio e ofereceu um valor monstruoso de bônus para família, a mãe nos avisou e disse que ia para igreja orar, para ver o que ele iria fazer, voltou no dia seguinte e falou que iria ficar aqui porque Deus falou que não posso fazer isso com vocês, porque ele está a um ano e meio aqui recebendo ajuda de custo. E o parceiro junto né, porque o parceiro também ficou na cabeça da mãe, o parceiro falou: "É sacanagem com os caras eles estão pagando 150,00 por mês para você a dois anos e agora na hora de fazer o contrato você vai para outro lugar sem falar com o pessoal e deixar eles na mão, eles investiram em você. Mas porque, o monitoramento, se a família não esta empenhada e pago um salário aqui que for mais alto ela vai aceitar os 50.000 ou 100.000 depois vai aceitar! O dia que os pais entrarem aqui eles vão entender no primeiro dia o que é o clube no dia que traz o menino para monitorar e o dia que ele entrar no sub-14. O método é esse gente. A mãe já vai ouvir eu não quero seu filho no profissional aqui, não eu quero que com 16 anos ele vá para o XXXXX, XXXXX, XXXXX. Mas para isso é melhor estar aqui porque aqui só tem ele, agora no XXXXX tem cinco iguais, aqui ele vai jogar se desenvolver e o XXXXX vai ver aqui e vai levar pra lá... O XXXXX quem for agora lá você vai ficar preso sem jogar. O meu projeto tem essas vantagens, as vezes, é melhor ficar aqui do que ir para um grande clube. Mas voltando ao sub-11 e 13 então hoje nos protege entre aspas de possíveis assédios até uma orientação com a família.

P: Fomentar as competições nessas idades não torna o processo cada vez mais processe?

R: Se houver modulação das regras com certeza não, agora se não houver vai piorar, por isso a FPF esta na frente, ela esta modulando as regras e com calma explicando para o gestor o porquê dessa mudança de regra, o porquê da adaptação do campo, o porquê da bola menor, porque que ela vai dar faixinha (material para demarcação do campo). Claro que tem várias brechas tem, mas tem que começar, começar adaptando não 11x11 campo grande, mas ainda

falta mais coisas, como medalhas para todos, premiação para todos, isso não frustra, isso não deixa alguém falando que o garoto não tem talento. Você falou sobre a idade relativa, tem que começar a modular isso na regra também, não pode ter 90% dos garotos do 1º Semestre tem que equilibrar isso aí, e isso tem que partir da FPF. Eu acho que hoje só a FPF esta preparada para isso, vivenciando a do XXXXX, da XXXXX. Na XXXXX a Federação fez e me chamou na época a gente fez um Torneio e chamamos todos os times periféricos e o MP não deixa o XXXXX e XXXXX jogar. Por TAC do passado, porque é trabalho infantil. A própria legislação ninguém se entende imagina a Federação vai brigar com o MP. A Federação não tem nem o poder de fazer uma metodologia do seu campeonato. Não tem funcionário, não tem setor metodológico, setor de competição, então é muito precário. São Paulo esta muito na frente, inclusive não sei se SP é mais forte que a CBF em relação a recursos humanos, não financeiro, mas recursos humanos e aplicação de conceitos a FPF esta anos na frente não é de hoje é de 6, 7 anos fazendo as coisas.

P: Os grandes clubes realizam sua captação nessas idades muito em função das competições?

R: Não é só as competições, eu acho que tirando o XXXXX, a maioria dos clubes tem a captação dependente, voltando ao passado o XXXXX teve um sucesso com o Sr. XXXXX com tudo isso junto com o Sr. XXXXX, já tinha uma visão que o dinheiro tem que voltar para o XXXXX, não para o mercado. A captação tem que ser minha e não dos outros. O jogador tem que se formar com o meu perfil não um outro trazer um cara contaminado com uma cultura diferente e eu tentar mudar aqui que é mais difícil. Por isso que precisa pegar na raiz e ir moldando, que aí você também já sabe se não tem o perfil nem chega no 13. Já sai antes e não tem mais monitoramento. Não tem a disciplina que o XXXXX cobrava tchau! Não sabia ler e escrever que o XXXXX fazia prova de português e matemática. Em dezembro tinha prova aqui se souber fazer não vai passar. Hoje tem escola particular você tem que ir bem na escola, os treinos têm que ter cognição, tem que entender. Não pode mais jogador de futebol não saber ler e escrever. Isso não existe mais!!! Então tudo precisa de respaldo, de planejamento, de objetivos, de perfil, que eu falei no começo tem de vir da cultura do clube não adianta eu chegar e fazer o que eu penso se o clube mas o clube não pensa como eu, quem manda no clube é a torcida dele, a história dele. Se modular as regras o processo é benéfico, agora se não modular acho que é um tiro no pé, volta tudo para trás, deixa o processo precoce mais do que está. Se a Lei não avançar, igual ela está retroagindo abaixar a idade de 14 para 12 para alojar eu acho um

tiro no pé contra o ECA, contra tirar o menino da família, isso fica fácil para os clubes, o mais correto que é um pouco mais difícil é fazer esse monitoramento adequadamente. Vender o seu projeto seis anos antes e não comprar antes faltando 2 meses por dinheiro. Mostrar o que você tem para essa família. Se você deixar um atleta em um lugar 6 anos sem saber o que vai ser feito. Sair da minha casa para um lugar que é pior que a minha casa não. O convívio com a família nessa idade é fundamental. Aqui em SP você acha que não tem que dar férias em janeiro. Um dos motivos da Copinha Sub 14 em relação a Copa Votorantim que você tem que treinar não tem férias pega Natal e Ano Novo com garoto 14 anos aí vai ter o campeonato mais difícil da base que ele nunca jogou acontece lesão, o garoto tem lesão, fratura, lesão de cruzado. Por isso que antecipa para dezembro acaba a temporada daí Janeiro da férias para todo mundo volta para a escola normal, o menino vai curtir a família, vai ver o pai, a mãe, os amigos da região dele para depois voltar 30 dias descansado valoriza as férias. Então ninguém pensa nessas coisas aí vão querer deixar isso cada vez mais precoce, baixar a lei para 12 anos. Imagina o sub-12 o menino com 11 anos vai estar treinando no clube para ganhar na raça o Torneio em Alegrete igual as coisas que a gente já viu por aí...fala que Alegrete melhorou mais aí eu escuto que melhora eu vou ver aí piora, sai briga, Grêmio e Inter se xigam na final com 12 anos, isso é uma coisa fora do comum, então a gente vai voltar para trás, principalmente as federações.

P: Cada vez mais a entrada nos clubes de meninos nas idades iniciais (11, 12, 13 anos) vai ficar mais difícil menino de 15, 16 anos no processo de formação de atletas?

R: Sim. Como um garoto tardio que vai desenvolver mais pra frente acabou! Porque com 11 anos ele tem que ter currículo porque com 16 anos nunca jogou, só jogou 1 ano, o meu tem 5 anos de federado como o pessoal gosta de fala, é federado, jogou aonde, não sei o que? Não nunca jogou a primeira vez, tem talento, mas nunca jogou. Porque aí a meta é ser campeão, não é dar conteúdo e ver se ele evoluiu para ter oportunidade lá no profissional. Como vai ser esse garoto daqui a 6 anos? É isso que a gente tem que pensar, esse é o grande desafio.

P: Quais são os critérios para o desenvolvimento do calendário esportivo das primeiras categorias iniciais Sub-11 e Sub-13?

R: Primeiro tem que partir da CBF um calendário dela para as bases formadoras. Hoje por exemplo, o critério de inclusão para entrada de clubes em Torneios da CBF é o ranking de clubes do profissional, então por exemplo, eu que tenho certificado de Clube Formador, como

Red Bull, Botafogo FC tem, mas a gente não pode disputar um Brasileiro Sub-20, Sub-17, Copa do Brasil Sub-20, Sub-17, o Campeonato Brasileiro e Copa do Brasil Sub-15 que eles vão começar agora, mas o porquê? Porque o critério de inclusão tem que ser clube de Série A e uns dois, três da Série B. E agora mudou. Agora é de acordo com Ranking Nacional de Clubes, que só considera títulos de clubes profissionais. Para eu ter uma boa base eu tenho que ser campeão no profissional da própria base também, mas não condiz com que a gente precisa de promoção, então se eu tenho uma boa base e o certificado de formação não posso disputar os torneios da CBF. Então a gente já está tentando, XXXXX, XXXXX, o Tubarão tentando acesso a CBF para mudar o critério de inclusão, valorizar quem tem é clube formador primeiro. Clube A e B são convidados de todos os torneios, depois disso o melhor da A e o melhor da B, tem que ter na base isso. Isso é um ponto, vir da CBF um calendário e também vir da CBF uma regulamentação sobre isso, como vai jogar o sub-11, 13, 15, 17 e 20. Vem de cima, você sabe que o calendário é aquele, e a federação desenvolver bem o estadual. Em relação as categorias sub-11 e 13 tem que regulamentar regulamentos de competição mesmo que ela não tem a competição para as federações acatarem e aplicar. Porque ela agora no licenciamento de clubes que agora é uma exigência da FIFA ela esta colocando que os treinadores de base vão ter licença B por exemplo, pode haver uma brecha jurídica, pode mas não, ela já esta forçando os treinadores a fazer o curso porque não dá para participar sem o curso. Inclusive agora na Série A1 tem isso também. A FPF está exigindo na A1 o sub-20 esta no regulamento do Campeonato Paulista, o sub-17 ainda não, mas o ano que vem, porque agora esta começando a formar as turmas de B, no ano que vem a FPF vai pagar 50% da licença para os filiados. O aluno paga a outra metade e ainda se o clube quiser pagar para o aluno pode descontar da Cota. No clube por exemplo nós damos 100% da licença para o pessoal. A FPF dá o desconto e eu pego a conta da A3 e vou pagando e aí eu estou formando porque isso hoje aqui dentro do RH é qualificação o funcionário. Assim a federação e confederação conseguem modular as coisas, eles fazem o regulamento, com interesses do futebol, interesses dos clubes ou próprios, os clubes formadores de preferência e aí os grandes clubes vão pegar esses formadores e aí a cadeia toda se alimenta. O grande clube vai ficar bom, o XXXXX e o XXXXX vão sendo rivais cada vez maiores um do outro. Quanto mais o meu rival for melhor tecnicamente eu também vou ser porque eu jogo contra ele no mesmo ambiente, então se ele for bom a gente também vai ser bom, os melhores clubes do Brasil. Mas no Brasil a cultura é contrária, "vamos prejudicar aquele lá que porque eu vou ser campeão prejudicando ele". E a federação as vezes privilegia a cota pra um ou outro e esquece dos outros, daí XXXXX, XXXXX hoje vão decolar e os outros vão afundar.

P: O que você acha do calendário das competições Sub-11 e Sub-13? O que poderia ser feito?

R: Acho que o mais preocupante é a carga horária de treino, o jogo em si ele tem que acontecer é melhor ter o jogo uma vez por semana do que ter 5 treinos com volume excessivo nessa idade. Às vezes é melhor você ter só o jogo, o cara ir lá se ele é de outra região, você trazê-lo para o contexto no dia do jogo ele voltar para a cidade treinar lá com seu parceiro perto do que trazer alojado treinar 5 vezes por semana, porque se você alojado seja de forma legal ou ilegal, se ele alojado não vai ficar aqui parado vai treinar todo dia aí já vem a especialização precoce, volume de treino, distante da família e da escola.

P: Muitos jogam futsal?

R: Aí ele vai se afastar disso porque lá na cidade dele ele jogava futsal, várzea, jogava a brincadeira na rua e no clube ele não vai poder, ele está alojado não vai poder jogar futsal em um dia da cidade porque ele é profissional já. Então eu acho como você falou, prejudica tudo!!! A gente volta para trás... Mas voltando eu não acredito que se você joga uma vez por semana no sub-11 ou sub-13 com regra adaptada 25'x25' ou 20'x20'.

P: Reduzir o calendário?

R: O calendário está indo para o espaço hoje, o próprio sub-11 começa agora em junho ou julho, 2º semestre que ele é pegado, ele não começa agora, pra maio ou junho, aí nesse tempo todo o que o pessoal faz? Deveria fazer festivalzinho, mas não faz amistoso, amistoso, amistoso... ou pega torneio viaja e pega 10 dias para ficar jogando manhã e tarde com um desgaste absurdo, então acho se a FPF regulamentar a ter um jogo por semana é melhor do que os clubes pegar esses torneios malucos por aí que joga 20'x 20'. Acho que o regulamento tem que ficar mais próximo, ficar o oficial, tem súmula, tem arbitragem, a organização fica melhor do processo de formação eu acredito. Ela consegue regulamentar porque ela não vai deixar de jogar durante a semana porque tem escola.

P: Não existe só o campeonato paulista?

R: Tem o torneio de futsal, as vezes, o time de Botucatu tem uma história enorme de futsal é mais forte do que o menino vir para São Paulo jogar um XXXXX Cup de salão, não fica lá em Botucatu o time forte do Botucatuense, com 14 anos o XXXXX vai te comprar e daí o time

de Botucatu ficou forte, a Botucatuense ficou forte, o moleque se desenvolveu porque ele jogou, jogou esta do lado da família, não esta com problema pensando em voltar para casa. Não esta tendo assédio, a UNICEF fez uma pesquisa no nordeste todo, quatro pontos críticos detectados em 58 entrevistas semiestruturadas com jogadores e dirigentes, tem jogador que disse na cara que não ficou no XXXXX porque não quis manter relações sexuais com o Gerente. O UNICEF coletou nas entrevistas qual são gravíssimos pedofilia, distancia da família, distancia da escola e excesso de volumes de treinos, de jogos, etc. Peneira na XXXXX ele chega 08:00 da manhã e fica jogando até as 04:00 da tarde não era mentira não você é bom vai ficando, vai ficando...Aqui no XXXXX já peguei no próprio XXXXX você tem 120 meninos os melhores do ano os caras já separam a seleção do A e B e os outros C, D, E, F que são os piorzinhos ou os menos maturados que a gente estava falando que não tem nem chance de jogar e os caras bons aqui jogam bem ganham nessa seleção dos caras. Mas porquê? Porque ele fez atividades, fez jogo para selecionar esse é o processo, tem atividades antes de chegar no jogo, vai ver muitas coisas que você não vê no jogo. Então é melhor quem era menos, era todo mundo vai errar, você vai minimizar o erro com os processos, com recrutamento, as vezes a pessoa esta com um cultura que ela não sabe e não quer entender que o forte é bom hoje, mas não é o momento, se você começa a introduzir isso e colocar exemplos sem querer demitir, mandar embora, trocar, por isso que a formação continuada é interessante, você consegue moldar esse funcionário, se ele tiver jogado no clube melhor ainda, lá no XXXXX os ex-jogadores o Sr. XXXXX tinha essa ideia. Tem que ser treinador aqui. Mas quem? "Faz um curso e seleciona o melhor, classifica o melhor e a gente contrata. Foi onde surgiu essa ideia do curso no último ano que comentei. Com uma ideia interessante de uma cultura de ensinar o que clube é para o funcionário. Não é a gestão de monitoramento em relação a comissão técnica.

P: É a identidade do clube?

R: Passar a identidade semanalmente com aulas, com dados para o funcionário colocar isso em treino. Com planejamento, com construção de treinamentos, escolha do perfil certo, vamos disser o que a gente quer aqui dentro. Então isso tem que ser martelado toda semana para o funcionário porque ele tem uma cultura. Para você quebrar a cultura dele você tem que mostrar que o que ele tem na cabeça não é mais válido nessa comunidade, que nessa comunidade não é assim, então para isso que tem que ter educação esse é o processo de formação continuada. Não sei também se comissão fixa é o ideal porque o modelo de jogo é melhor, mais importante que as outras coisas, então o modelo de jogo se você tiver um perfil

de atleta que vem da base, por exemplo, no XXXXX ele cumprem isso com primazia qualquer coisa que fala na sub-14 e no profissional o atleta sabe o que é, fala de amplitude ele sabe, bola coberta eu não sabia quando pisei lá, os jogadores todos sabem da sub-13 até no profissional o que é bola coberta e bola descoberta pelo conceito de pressão e sem pressão na bola. Bola coberta a defesa sobre automática e na bola descoberta a defesa volta. É natural isso no XXXXX, isso é um legado que está lá...isso é metodologia, o jogador para chegar no profissional ele já tem isso como método do clube, como cultura do clube, modelo do clube, não vai precisar ensinar outro modelo ou o treinador vai chegar a querer fazer outra coisa, "olha não tem essas características a gente faz um trabalho assim aqui". Quando o XXXXX subiu com o Autuori e pegou a Libertadores com 30 jogadores no elenco, sendo 23 oriundos do B no Guaratinguetá e da Ferroviária, então foram quatro anos para formar um elenco no quinto ano com 90% de jogadores formados na sua base e chegou em sexto lugar no Brasileiro e classificado para Libertadores com um orçamento menor que os dez primeiros do Brasil. Então eu penso muito nisso um trabalho de médio e longo prazo, mesmo que você não consiga modular o treinador lá em cima, mas se você formar o atleta e ele for a base sua, seu valor está feito! Se chegar um treinador que não tenha esse modelo não vai conseguir trabalhar esses atletas, não vai condizer, aí cabe a gestão também quando contratar treinador, preparador físico, etc. de acordo com o seu modelo. O modelo tem de vir de você. É o que você acabou de falar, diferente no Brasil é o inverso, treinador é maior que o Diretor. Que o Diretor é estatutário, passa, o treinador vem e manda, faz o que ele quer, isso não pode, não existe! Mas porque existe? Porque o clube não está preparado, o clube não tem um setor de metodologia para deixar documentado o que ele é: "olha aqui é assim, você chegou faça isso, eu já tenho a minha comissão aqui, minhas avaliações são essas, meus testes, meus processos são esses...", aqui tem sim, por exemplo, no XXXXX alguns criticavam mas chegavam lá adoravam, aqui sim tem gestão técnica. Paulo Autuori todo dia antes de começar o treino ele ia lá mostrar no auditório mostrar o que ele quer do treino, qual o objetivo do treino. Não tem mais essa, acabou o jogo tem reunião da comissão, aliás acabou o treino todo dia o Paulo em reunião pós treino para saber o que aconteceu, ver os dados da análise de desempenho, dados da fisiologia, e aí ele muda o treino com os profissionais de três dias: "olha não aprenderam amplitude pode mudar, vai ter que mudar temos que ter mais dois treinos de amplitude". Então é isso que é uma gestão técnica, isso tem que estar no clube, daí quem chegar ou faz ou está fora! E aí cabe ao gestor escolher a pessoa certa para o seu modelo. Acho que é esse o grande problema do Brasil hoje, no profissional temos poucos profissionais que se adaptam a uma metodologia, temos poucos clubes que têm uma

metodologia. Então acho que o processo acaba se perdendo assim, ele se fraque menta, profissional é um método, base é outra e captação é outra. Politicamente os clubes sociais fazem isso também por política, vendeu o voto tem que dar a captação para um grupo X, a base para outro grupo X e o profissional para o Presidente que não quer saber dos "caras" e daí não tem gestão. A gestão hoje tem que ser unificada, profissional, base e captação tem que ser a mesma direção, o mesmo pensamento, o mesmo processo.

R: O futebol brasileiro ainda é muito político e amador?

R: Mas é possível mudar também, o XXXXX mudou o estatuto, nossa gestão era blindada, nunca tive a interferência de ninguém, nunca tive acesso a conselheiro, a torcida, a porra nenhuma. A torcida que vota no presidente, eu só despachava com o executivo, com o gerente da base, vice-presidente exclusivo do clube, porque ele tem que ser afastadas das suas funções, porque ele tem um salário do clube e o presidente também tem que se afastar. Então presidente e vice no XXXXX tem que se afastar e dar exclusividade ao clube, são remunerados. Então uma administração totalmente diferente. O XXXXX hoje funciona com uma receita baixa porque tem gestão. A 3 anos o XXXXX faz isso, estabelece um contrato de gestão e segue, plano de cargos e salários, qualificação para quem entra e não vai entrar qualquer um, só vai entrar aqui se tiver esse plano de expansão não para o futebol, mas para todas as áreas. Então assim uma gestão profissional anda, mas hoje eu só conheço a do XXXXX, conheci a do XXXXX mas não sei como está lá hoje porque se desmontou, o Autuori saiu, que era o manager fundamental e valorizava a metodologia, aliás se você vê as entrevistas dele, ele foi para o XXXXX que foi o único lugar que ele viu no mundo que tem uma formação de metodologia, e ele valoriza muito isso. Então a solução é essa!!!

P: Fale sobre as adaptações e alterações de regras nas competições iniciais. O que você pensa sobre como foi o processo de desenvolvimento até os formatos atuais? E quais deveriam ser os objetivos das alterações?

R: Eu pesquisei um negócio que assim o primeiro processo desse de adaptação é o Festival do XXXXX que chama XXXXX eles fazem desde 2008 e o XXXXX não joga mas só joga as Escolas de toda a grande XXXXX dentro da XXXXX 8x8, 3 tempos de 20'min., tem que jogar todo mundo tem que revezar. Então o XXXXX faz isso desde de 2008.

P: Quais os objetivos das alterações?

R: Os objetivos das alterações é aumentar a relação com a bola e minimizar o aspecto físico nessa iniciação esportiva. O que seria minimizar o aspecto físico? Um campo menor não vai destacar um lateral que tem força para chegar no fundo e que tem força para cruzar a bola. Vai destacar o lateral que tem mobilidade, que tem um bom passe e que mesmo sem força agora ele ainda não sabe cruzar uma bola perfeita, mas ele tem inteligência e técnica. Aí com a maturação com ganho de força nas outras idades ele adquire isso naturalmente. E aí com a nossa cultura dos nossos gestores de ter resultado, o próprio treinador e o próprio olheiro vai escolher quem? O cara que é forte não o que é talentoso que tem técnica. O goleiro por exemplo, não diminui a trave tem que pôr goleiro alto porque ele não pode tomar gol, aí o volante mais fortinho maturado que você vê que não tem técnica mas tem força pega a bola de fora da área e chuta por cima do goleiro que o outro magrinho ainda não consegue mas tem muito mais qualidade, agilidade, técnica, inteligência que não se consegue ver no campo grande que só vai aparecer quem tem força. Então você adaptando a regra: a bola, a trave e o campo você valoriza aspectos fundamentais principalmente do futebol brasileiro que é técnica e inteligência. Eu vou ver quem toma decisão rápida e quem tem um bom passe. O cara se vira quem tem um bom passe no espaço reduzido, o cara que não tem que é grosso vai bater na canela acabou o espaço já perdeu. Só que com o campo grande só fica os grossos, só fica os caras sem técnica virtuosa, mas que tem força. E isso é natural infelizmente aqui no Brasil e é um desperdício enorme, pouquíssimos casos, vou falar do XXXXX de novo, que eu vi que sobreviveram foram que a cultura do clube seguro, o treinador foi mandado embora e o jogador ficou, Kaká, o Regis que trabalhei agora, ele nunca jogou, mas né pela aquela cultura da captação da própria gerência para eles entenderem que aquele talentoso, rápido que é baixinho, "Não!!! Segura o Regis". O método do Toninho por exemplo, tem 30 anos de XXXXX, ele sabe que o XXXXX quer aquilo, aí vão pegar um cara do XXXXX, pode até ser ideal para o Toninho treinador, vou por lá ele vai escolher o jogador errado, vai dar o treino errado, que o XXXXX não quer isso, um cara experiente sabe que é isso mesmo não tendo conceito tático, mas o XXXXX gosta de técnica, o dirigente gosta disso, para trabalhar técnica eu tenho 30'min. disso aqui, eu tenho que fazer paredão, bolinha de meia, não sei o que, os caras já acham que não tem que fazer, mas tem!!! Analítica é fundamental no nosso país, em Portugal não é fundamental, porque eles têm uma boa base motora desde cedo, e a gente não tem.

P: Como funciona na Europa?

R: A federação espanhola e portuguesa regulamenta os torneios. Sub-7 é 7x7, sub-8 é 8x8, sub-9 é 9x9, só o sub-11 que vira 11x11. Na Holanda é 4x4 sub-6. Tudo festivalzinho vários jogam no mesmo lugar. Foi a ideia do XXXXX que eles fizeram no final do ano faz Festival em vez de campeonato sub-11. Faz 6 Festival no ano regionalizado, vem 50 times lá de.... Presidente Prudente a FPF faz de sábado e domingo, muito mais barato faz todo mundo jogar um monte de vezes e você vê 50 escolas. Aí os times grandes vê e deixa lá o percentual do time, vai estar federado. Aí põe um torneio maior no 2 semestre, por exemplo, aí esses estádios viram e jogam um torneio e valorizam as escolinhas vai ter o dinheirinho do percentualzinho dela, então eu acho conversando com você, as vezes com o sub-11 seria melhor a gente fomentar Festivais, até por financeiro, do que fomentar um campeonato o ano inteiro. Um time lá de Prudente que entrasse no sub-13 passa de fase tem que vir para São Paulo no domingo joga, tem que alugar. Ah outra vai cobrar dos pais ou vai ficar 22 carros aí viajando 8 horas. Isso é formação? Você leva e traz para fazer um joguinho? A FPF fez um festival social no final do ano, não sei se você viu? Só com moleques de projetos sociais. Foi um festivalzão de sábado e domingo também, teve mais de 1000 meninos. Social não foi para fazer peneira. Foi para fazer os moleques jogarem. Acho que já foi um piloto, pow quem sabe não fazem isso no sub-11. Você atende 100 clubes do estado, regionalizado, dá fazer vários no ano, não precisa fazer toda semana. Acho que potencializa também fomenta o futebol local que você vai ver os melhores jogarem.

P: No processo de formação não seria importante os jogos oficiais ao invés dos festivais?

R: Estou dizendo para oportunizar maior volume de pessoas. Nessa formação do garoto aí a escola ela tem que continuar isso e o clube dar subsídio para isso, o monitoramento não é só do atleta. Quando eu falei de monitoramento ele é também um recrutamento para as escolas parceiras. Então a gente tem 5 núcleos, os núcleos que a gente tem seguem o método DB. São boas regiões, tem bons jogadores, mas o método que esta sendo aplicado lá numa escolinha gratuita é o método que a gente faz aqui. Tem que ter um equilíbrio, não é que esta largado na cidade. Esse método também compõe a minha escola.

P: Esse modelo de competições do Paulista Sub-11 e Sub-13 tem que existir?

R: Tem que se adaptar à realidade dos clubes, tem que oportunizar cada vez mais, mas não pode deixar de existir, tem que ter esse primeiro pontapé. Agora as adaptações de acordo com as necessidades a própria legislação e a própria formação.

P: E no Sub-13?

R: Pra mim pelo que estou vendo e pelo que eu converso com os profissionais do sub-13 esta cada vez mais especialização precoce. Cada ano que passa vai ser mais guerra esse campeonato.

P: E as adaptações?

R: Espaço principalmente, o pessoal a maioria é reticente tem que ser espaço 11x11 em campo grande. Porque? Porque ainda estão valorizando a força, o jogador pronto, o jogador já que tem a posição fixa nessa idade. E a gente tem que quebrar o paradigma de meu...talento, da relação com bola primeiro, no sub-13 você faz depois, especializa com 14. O cara chegar aqui você vai ver outras coisas...que ele não é um lateral, pode ser um zagueiro, pode ser um ponta direita, não sei, as vezes até pela estatura pelo modelo de jogo. Pode até ter uma estatura baixa, pensa que é um lateral talentoso, mas porque é lateral na escolinha, você percebe que ele não vai crescer, mas ele tem relação com bola e velocidade... vai ser ponta! Mas você muda com quatorze, mas os caras querem mudar no sub-11, querem engessar no 11. Lá no XXXXX a gente tinha feito isso no último ano com o Toninho, você citou dele, o time dele era 9x9 era 3x3x3 o sistema. Os três de trás pode ser lateral, zagueiro ou até volante, mas vai jogar ali, eles se viram os três ali eles são defesa, meia e ataque. A posição era meia, defesa e ataque, dois toques e assim não pode ligação direta, a linha 1 (defesa) tem que passar a bola para o meio, o meio para o ataque, não pode a defesa passar direto para o ataque. Não pode bater tiro de meta direto tem que sair jogando. Dominar com a esquerda e com a direita, tem que trabalhar as duas pernas. É isso que precisa nessas idades e não competição. Precisa da competição adaptável para que você regulamente para que essas coisas sejam trabalhadas. Agora deixar a competição solta na nossa cultura vai ser só futebol precoce, clube precoce, futebol resultado não vai ter formação.

P: Os treinadores estão preocupados com o resultado?

R: Eu nem culpo só os treinadores, os gestores deles que cobram, aí o cara ou tem um emprego ou ganha jogo. Isso acontece entre Grêmio e Inter, o sub-11 do Grêmio quem perde está na rua, a gente sabe, aqui em São Paulo esta mudando a cultura, mas ainda existe. Existe sim e não pode perder para o rival.

P: As competições menores estão mais próximas ao ambiente profissional?

R: E é muito fácil a gente falar agora assim na entrevista, mas o nosso gestor, diretor, presidente, que deveria determinar essas coisas e ele é o que é mais apaixonado, então no sub-11 ele libera o Allianz Park porque ali vai ter 20.000 pessoas e vai ter que ganhar na marra. Se não ganhar do XXXXX esta tudo errado!!! Vocês vão tudo embora! Será que isso é correto? Não. Oh vamos fazer um torneio tem premiação para todos, não tem campeão, os dois vão ganhar medalha. Aí você minimiza isso, porque a FPF é importante, minimiza a regularidade que custa tecnicamente um bom profissional que forma bem e talentos que são jogados fora porque não ganharam porque não têm força, mas tem talento. O treinador tem excelentes trabalhos, mas não ganhou porque ele quis fazer um bom trabalho, não quis fazer um trabalho de ligação direta para ganhar o jogo na marra.

P: Se o objetivo é a formação de jogadores esse processo competitivo tem que existir?

R: Eu acredito que com tudo isso lá embaixo, o hábito, a educação e a disciplina do atleta vai melhorar 100%. (Estava assistindo o jogo da seleção sub-20 ontem e o Brasil perdeu do Chile e tava falando com o psicólogo da seleção pós jogo e dando a minha opinião que eu vi Lincoln e outros jogadores por aí sub-17 e sub-20 sem comprometimento nenhum. Andando em campo, instruções de treinador cantando rap, tudo sem orientação, aí chega com o Chile que desde os 11 anos o cara deu uma batidinha ali, são péssimos tecnicamente, mas estão com conteúdo, disciplinado, não erra nada no jogo, ganha do Brasil, que tem Vinicius Junior, que tem o Rodrigo aí que foi vendido por 200 milhões de reais, não chega nem aos pés do Neymar na minha opinião, mas porquê? É culpa do Rodrigo? Não. Será que ele teve esse conteúdo desde os 10 anos? Nunca teve nada. Com 13 ele jogava no 15, no 15 tinha que ganhar jogo, quando era 17 jogava no profissional. Será que está certo isso? Quem perde? O Rodrigo. Devia ter dez Rodrigo. Hoje o Rodrigo é meio Rodrigo do que eles estão esperando que ele é. E daqui a 2 anos ele vai ser 1/3 do Rodrigo que eles estão esperando. Concorde? A má formação de tudo isso que a gente falou esta refletindo na seleção. Ela tem bons jogadores? Tem, mas não sabem jogar. Não entendem o que é futebol. Ontem o Brasil precisando do gol, saía no corredor aí você vê uma jogada linda do Rodrigo fazendo uma tabela com David e aí o cabeça de bagre lá do Ronald dominava com uma pressão e perdia a bola de novo. Coisas básicas que o português hoje tem, que o chileno com 10 anos já tem, e o Brasil acha que é soberbo, por isso que eu estou usando esse termo soberbo, porque tem até bons jogadores na base, mas o jogador não está ouvindo. Eu conheço o Amadeu, é um puta de um treinador tem um monte de conteúdo, “ele está ensinando tudo aqui”, mas sabe 30 dias é pouco, eles não tiveram nos clubes isso. Ou nas

gerações passadas da seleção não tinha esse trabalho que está sendo feito hoje, tem muita qualidade na CBF de base. A CBF hoje o que ela faz? Antigamente ela ligava para o XXXXX por exemplo e perguntava: Quem tem bom aí manda pra cá. Hoje não. Hoje eles vêm no treino aqui, faz três convocações antes da principal. Convoca todas as regiões, 30, 30 e 30 e depois de 90 pega os 20 que vão. Vê in loco lá e vê in loco aqui. Não tem mais essa, tem um bom jogador aqui o Brenner vai lá para Seleção, não ele vem aqui ver o Brenner. Isso desde do Damiani e continua, espero que o Branco de continuidade. E assumiu junto com o Gilmar e mudou todos os treinadores e começou a mudar um pouco essa gestão as orientações por mérito. O XXXXX entrou no XXXXX no lugar do XXXXX.

P: Qual avaliação você faz sobre os resultados alcançados em relação aos objetivos propostos pela federação em promover as competições nas categorias iniciais nos formatos atuais?

R: Eu acho que a FPF esta no caminho, os clubes ainda estão reticentes, relutantes um pouco com essas adaptações, mas já há pelos 3 anos que eu vejo já está tendo uma aceitação. Os próprios dados que a gente passou antes era 11x11 o sub-11 e hoje os Presidentes já aceitaram 9x9, o campo já foi reduzido, a trave hoje é menor, tem fitas para diminuir o campo, então os clubes estão aceitando isso melhor, embora não concordem com isso, estão aceitando, estão vendo um argumento aqui outro ali e estão aplicando também porque a FPF regulamentou, mas acho que a aceitação está maior, embora ela não seja adequada na minha opinião a aceitação. O que me preocupa também é que ela é uma ação somente de uma Federação, você pode ter dados melhores o que as outras Federações estão fazendo eu acho que não. A CBF também não esta fazendo nada em relação a isso, talvez fornece hoje a Licença D que é gratuita e depois começa a capacitação de Licença C para treinadores, mas aí já entra o custo, B e A mas a gente esta falando de C aqui, a Licença C é excelente porém tem um custo. As Escolas hoje os profissionais que estão iniciando não têm dinheiro para pagar um curso de 6, 7 mil reais que é a Licença C para depois ele ter a C e tentar fazer a B que vai para 9, 10 mil reais e depois ter a B e poder fazer a A que vai para 12 mil e depois 17, 18 mil para fazer a PRO entendeu. A hora que eles se formarem e se eles não ganharem isso como treinador? E sem garantias porque isso tem pré-requisitos, para entrar tem que esta pagando caro, tem que esta praticando, não é assim as vezes sobra uma vaga ou outra para o cara que não é nada, para o educador físico entrar numa C. Mas tem já algumas ações da CBF, mas ainda são poucas, mas com

regulamentações de torneios não existe por ela. A CBF não tem Torneios Sociais ou de iniciação esportiva de 11 e 13. Eu sei que ela tem hoje franquias de Escolas, poderia começar a avançar com isso nessas franquias de escolas menores terem o desenvolvimento de futebol sub-11 e sub-13 também. Eu só vejo a FPF no caminho, e ainda assim com Dirigentes antigos, a gente sabe que série A3, A2 a maioria são Presidentes folclóricos que só se preocupam com financeiro, curto e médio prazo sempre e muito menos com base, querem saber apenas do time A2 e A3 para não cair ou para subir e ter uma grana maior e foda-se a base! Terceiriza a base, cobra mensalidade. Então assim a FPF está no caminho certo, os clubes não querem entender esse caminho certo por questões culturais e até políticas e o que preocupa é que é só a FPF, mas existem hoje mais 24, mas a maior de todas pra mim, a FPF está se estruturando mais numa especialização esportiva e não em uma iniciação esportiva, então ela hoje está com um bom trabalho de base, só que é do 15 para cima. Seus olheiros também só veem jogadores de 15 pra cima entendeu, a gente não olha na CBF a maioria de garotos de 13 para baixo. A CBF tem um banco de dados e poderia estar investindo nisso né. É isso que eu vejo! E assim, quem sobressai nisso, os clubes que tem uma boa captação e um bom monitoramento, porque conseguem favorecer essas idades e formam boas equipes nessas idades já tomando no Brasil todo os melhores jogadores. XXXXX, XXXXX, XXXXX, o XXXXX não está fazendo isso mais não. O XXXX agora começou um processo diferente, ele vai investir na Capital, depois interior para depois ir para o Brasil. Daqui a um tempo que ele vai avançar nessas agressões que ele te falou que o XXXXX faz. Aliás eu acho que o XXXXX esta no caminho certo, porque ele vai investir primeiro no seu local, na sua cultura aqui nos XXXXX.

P: Como mudar a hegemonia dos grandes clubes?

R: Como já te falei o recrutamento, no monitoramento o pai é convidado a vir aqui para entender o projeto e a escola parceira também, já conhecia porque os caras são parceiros e a maioria são núcleos que a gente sustenta. Então a gente paga mensalidade para o núcleo, eu sustento o núcleo e ele tem que me trazer jogador pra cá. E aí nessa vinda a família também entende o meu processo e aí que eu citei em um momento aí pra você. É lavagem cerebral no bom sentido, cara aqui é assim, você quer? Mãe e pai aqui é assim! Você mostra todo o trabalho que é feito, todos os relatórios, toda a estrutura, alimentação, nutrição, departamento médico, fisioterapia, você mostra todo o clube. Esse aqui é o meu projeto para o seu filho, ele vai ficar aqui até os 16, 17 anos se ele for Top, porque com 16 ele vai para o XXXXX. Então aqui ele esta sendo monitorado porque ele tem uma renda de custo. A maioria absoluta a gente tem.

Então como eu te falei, para eu ser uma referência de academia de futebol, o que eu gasto com captação hoje, não é toa que ela tem destaque, não só pelo trabalho dos profissionais que deram treino para esses meninos, mas principalmente o trabalho desses olheiros que foram atrás, um trabalho histórico, o monitoramento a gente tirou do XXXXX e veio todo pra cá, embora a gente não tenha a força do XXXXX mas a gente esta agredindo o 12 e 13 anos, o XXXXX já agredia sub-9, o XXXXX já monitora o sub-8. Mas o mesmo processo, o mesmo formato que é feito aqui com a redução de idades. Eu te afirmo que eu gasto hoje mais que XXXXX, o XXXXX em captação. Não é à toa que agora o XXXXX, XXXXX, o próprio XXXXX, não sei se gasto mais que a captação do XXXXX porque eu não tenho os números de lá, mas o XXXXX compra e vende, também tem o time inteiro, mas porque, porque a gente trouxe essas famílias a 3, 4 ,5 anos aqui mostrando o projeto. A família esta sendo fiel ao projeto, porque desde o começo sabe, são palavra, falaram que meu filho ia ficar aqui e ganhar 150,00 por mês, que a cada dois meses viria passar uma semana no clube. A gente faz hoje 2, 3 festivais, o menino que vem fazer o festival ganha uma camisa do Pelé e leva para casa independente se o time dele foi o primeiro ou em décimo. Leva um certificado que ele faz parte do programa de monitoramento do XXXXX. Se precisar a gente dá um atestado para abonar a falta, a família vem quando quiser a gente recebe, aloja, fica no setor social, aprende o que é o clube. Na entrada como eu te falei, no 14 tem uma apresentação para os Pais que eles foram obrigados a trazer o filho aqui, porque você esta cativando o seu cliente. O projeto que você esta comprando é esse, você concorda com ele? Vamo embora!!! Se não concorda já tira agora!!! Por isso que o monitoramento é importante, você já vê tecnicamente antes se ele vai servir ou não, você vai errar menos. E o perfil técnico é o principal, técnico e social.

P: Qual a avaliação você faz sobre os resultados alcançados em relação aos objetivos propostos pela FPF?

R: É o que eu falei: Só a FPF está engatinhando, mas está indo bem, porém a minha preocupação é que as outras todas não estão nem pensando nisso!!!

APÊNDICE F

DADO DO PARTICIPANTE (C3)
Nome: XXXXX
Cargo: Coordenador Técnico das Categorias de Base
Tempo na atual função: 02 anos

Roteiro de perguntas para dirigentes responsáveis do departamento de base de Clubes

P: Cargo que ocupa na Direção Técnica do Clube e tempo atual na função.

R: O cargo que ocupo é de Coordenador de Futebol de Base e estou no XXXXX a 02 anos desde do início 01 de fevereiro de 2017. Fui contratado para essa função. Tenho 38 anos.

P: Fale sobre a sua experiência, formação e atuação como dirigente no futebol.

R: Entendi. Sou formado em EF em Licenciatura Plena com especialização em Fisiologia do Exercício e uma outra especialização em Treinamento Esportivo. Além disso, tenho a Licença da CBF de coordenação técnica de base e cursos extras. Eu trabalho como gestor e coordenador de base a 6 anos sendo que sou ex-atleta de futebol profissional. Desde de 2004 eu trabalho com categoria de base quando eu parei de jogar futebol profissional em 2003. Em 2004 eu recebi um convite para fazer parte da comissão técnica sub-20 de um clube do sul do país e de lá fui para outro clube como coordenador e em 2017 recebi o convite par vir para o XXXXX. Em 2003 eu parei de atuar como atleta e 2004 eu recebi o convite da direção de um clube do Sul. Mas não comecei como coordenador não, coordenação fazem 6 anos.

P: Fale sobre como você acha que deveria funcionar o processo de formação de jogadores no futebol. Quais seriam os objetivos principais a serem alcançados em um processo de formação de atletas de futebol?

R: É uma pergunta que ela até a resposta ela pode ser simples, porém a execução é que não é. A execução e elaboração desses processos eles não são tão simples quanto a resposta possa parecer. Mas no meu entender e no meu modo de trabalha, a forma como eu acredito que o processo de formação deve ser ele correlacionado em dois tipos de desenvolvimento. Eu vou

colocar o primeiro porque justamente a ordem dos fatores nesse caso ele altera o produto na minha visão. Então, entendo que é o desenvolvimento humano correlacionado com o desenvolvimento técnico, e prioritariamente a seleção para que esses meninos entrem no clube ela passa por ambas as avaliações. Então os critérios eles precisam ser bem definidos, e as valências e tudo que faz com que a gente escolha um atleta em detrimento de outro no início do processo, no início da entrada, no rito de entrada ele precisa ser bem criterioso para que a gente não erre e diminua a margem de erro dentro desse processo. Obviamente que o processo é longo, o menino entra dentro do CFA para morar com 14 anos, e sai depende de cada um da sua individualidade, mas com 16, 17, 18, 19, 20 anos. É que nossa responsabilidade ela vai muito além dos 14 anos, a gente tem meninos aqui desde dos 8 anos, então umas das consciências que a gente tem que construir daqui como cultura dentro do clube, e esse trabalho de capacitação e de reforço tem sido feito periodicamente com os profissionais que atuam diretamente com os meninos dentro do campo, é da importância do desenvolvimento do caráter, desenvolvimento humano e desenvolvimento em todos os sentidos, cognitivos de formação de ser humano e obviamente de formação técnica. A formação técnica ela acaba sendo mais fácil de lidar porque é algo que todos os clubes conseguem fazer. Agora a gente entende que a formação humana e a construção do caráter e a responsabilidade social de um menino que nós pegamos com 8 anos e entregamos a sociedade com 18, 19, 20 anos, a idade que for ela é primordial para que o processo funcione de forma correta. Então nós temos um currículo de formação técnico, nós temos que a todo momento é um organismo vivo que nós reciclamos ele através de reuniões periódicas tentando entender onde que a gente pode melhorar, onde estão nossos erros? De que forma a gente pode dentro da dinâmica do futebol, que a gente precisa ter essa dinâmica, como tem sido o retorno dos atletas, até entender o desenvolvimento do indivíduo e como nós estamos atuando e que tipo de exemplo nós estamos sendo para esses meninos que estão aqui dentro. Que é o que vai realmente valorar e dar peso a tudo aquilo que a gente fala. São as atitudes. Então o processo de formação ele se dá no sentido de: formação humana com formação técnica. A formação técnica como já citei, passa pelo currículo de formação que nós temos e por uma série de protocolos nominais com valências que nós acreditamos que eles precisam ter também. Que tipo de valências são essas? Algumas valências em relação ao desenvolvimento humano que eles precisam ter e avançar e a cada idade que passa eles precisam nos dar um feedback que estão entendendo esses valores. E que estão expondo esses valores e o desenvolvimento técnico que é o desmembramento do futebol que aí envolve tudo aquilo que é a parte visível da formação né. Tem a parte invisível e a parte visível. A parte invisível é o desenvolvimento

humano que gente vai ver no ser humano depois, agora a parte visível é a evolução de conceitos técnicos e táticos que a gente acredita.

P: Existe um modelo metodológico de desenvolvimento humano e técnico e fale sobre o Perfil dos Treinadores?

R: O perfil do treinador eu poderia te dar uma resposta que vai satisfazer a pergunta e vai ficar bonita na enquete. Mas a realidade o dia-a-dia ele é a nua e crua é mais difícil... Nós vivemos uma sociedade onde valores éticos e morais eles estão bastante deturpados. Então eu dizer pra ti que num processo de seleção de profissionais aqui para dentro, a gente tem uma assertividade de que o perfil do profissional selecionado está de acordo com a categoria, talvez eu seja um pouco, não seja cem por cento justo na resposta. Então o que acontece é que nós selecionamos os profissionais dentro de todos os valores que nós acreditamos e por isso que eles estão aqui, mas a todo momento nós fazemos uma capacitação, um “brainstorm”, uma série de informações que a gente acredita que eles precisam receber, uma gama de conhecimento e que eles consigam entender isso, da importância de tudo isso! E a gente acredita que esse tipo de atuação do clube, da minha parte e junto com os setores de desenvolvimento humano que nós temos aqui, que é psicólogo, pedagogos, assistente social, eles atuam também na formação inclusive dos profissionais, treinadores, a responsabilidade do dia-a-dia é deles "tem um ditado africano que diz para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira", então não adianta eu dar um discurso se o profissional que esta no dia-a-dia não dá. Então todo o CFA, o clube precisa estar envolvido nisso. De que forma a gente faz com que eles tenham esse engajamento. A construção dos pilares ela é feita com eles, com os profissionais. A construção e quem coloca os nomes, o é importante pra ele na formação, tudo isso é feito em conjunto em uma construção coletiva, inclusive nós estamos passando nesse momento do ano, que é um momento que nós temos mais tempo, sem competições, é um momento que nós estamos a semana esta bem cheia de encontros, reuniões, palestras e para que eles possam falar, os profissionais estou falando, os treinadores, preparadores físicos, aí esta envolvido mordomo, roupeiro, massagista, treinador de goleiros, seguranças, pessoal de limpeza, para que todos falem a mesma língua e vivam aquilo que a gente acredita. E aí sim fazer com que o menino saia daqui formado realmente como uma pessoa correta, disposta, uma pessoa pronta para sociedade. É essa a responsabilidade que nós temos!!!

P: Quais são os objetivos e expectativas do Clube para participação das competições federadas nas categorias iniciais Sub-11 e Sub-13?

R: A gente precisa ter primeiro a clareza que o futebol, embora tenha falado tudo que falei, embora a gente acredita nos valores, e tudo isso é verdade, não é algo que a gente tá...não é para ficar bonito, a gente busca realmente a essência disso, mas a raiz do futebol é uma raiz de exclusão. Futebol não é um esporte de inclusão social é originalmente de exclusão. Para que a gente consiga fazer essa avaliação não tem como, a gente precisa competir. Certo? O futebol ele é de exclusão. Então a gente precisa ter essa avaliação fria, essa avaliação de "*business*", porque a gente precisa dar retorno e o retorno é financeiro, o retorno é técnico também e precisa participar das competições. Evidentemente para que a gente consiga, nós temos uma missão maior, um objetivo maior dentro do clube, o objetivo final é o que: conseguir colocar o maior número possível de atletas no elenco profissional com qualidade técnica que vá ser novos ídolos do clube, que vai ser os novos heróis da torcida, enfim, esse é o objetivo final. Para isso, nós temos que ter o entendimento que para cada categoria, qual a participação de cada categoria nesse processo. Para que a gente consiga ter o fim que a gente quer. Para que a gente tenha esse fim, o Sub-11 e Sub-13 e a participação nessas competições elas são na maneira que a gente consiga, o objetivo é dar minutagem para todos os atletas para que a gente consiga ver a evolução de todos eles, porque eles estarem resolvendo um problema de jogo do sub-11 não quer dizer que vai me resolver um problema no sub-20. Precisa fazer uma avaliação mais profunda do que o jogo pelo jogo. Para que isso aconteça preciso entender como cada um dele se comporta, então embora seja um esporte de exclusão, aqueles que estão aqui já estão incluídos. Então esses incluídos eles precisam ser experimentados e para que isso aconteça eu preciso dar minutos, preciso de jogo está inerente a isso. Não existe cobrança pelo resultado, mas evidentemente que os meninos que estão no XXXXX eles acabam tendo por natureza um viés competitivo, ele é natural para o menino que pratica um esporte de alto rendimento ele já tem a veia competitiva, então ele acaba querendo vencer e a gente gosta disso também, é importante ter isso. Mas como foco dentro do clube nós acreditamos que é importante ter a minutagem, não cobramos o resultado, nós cobramos que eles tem o cem por cento de si, e se esse cem por cento for a vitória ok. E aí sim avaliar cada um deles, cada menino do Sub-11, 12, 13 que esta conosco aqui dentro, para que a gente consiga ter quanto maior a amostragem o tempo de amostragem de cada um deles nos ajuda na avaliação futura.

P: Então as competições são importantes para dar experiência e avaliação para esse feedback?

R: A gente precisa fazer as avaliações deles de forma comparativa tentando enxergar o potencial deles, uma coisa é o desenvolvimento atual como ele está se comportando hoje e fazer uma correlação com o potencial (prospecção). Quais são os atributos que ele tem e se os atributos que ele tem eles conseguem nos mostrar uma realidade futura e para isso a gente precisa avaliar em jogo também.

P: Quais são os critérios para o desenvolvimento do calendário esportivo das primeiras categorias iniciais Sub-11 e Sub-13?

R: Tem sido uma discussão inclusive junto com a FPF no comitê que o XXXXX brilhantemente tem feito, justamente para cada vez mais aperfeiçoar os moldes da competição sub-11 e sub-13 especialmente. Uma das solicitações dos clubes, especialmente da nossa, é que os meninos dessa idade eles tenham finais de semana comemorativos livres (dia das mães, páscoa, dia dos pais, dia das crianças) alguns domingos eles precisam ter livre. A gente entende que é saudável para eles isso, e que eles não percam... cada final de semana desse que poderiam estar com a família, dia das mães por exemplo, um dia das mães a menos com a mãe, inconscientemente vai enchendo a vida do menino disso a ponto de em algum momento precocemente eles não quererem mais, não gostarem mais, não terem mais prazer do esporte, porque o esporte mais tirou do que deu. Então o XXXXX tem nos ouvidos, a FPF tem nos ouvidos, estão tentando organizar a competição para que ela fique mais leve nesse sentido. É uma categoria sensível de mais, eles são crianças, então a gente precisa entendê-los para que eles não percam o sabor da brincadeira, que nesse momento tem que ser algo que ainda é uma brincadeira para eles.

P: O clube recebe bastante convites de outras competições e você teria alguma sugestão para a FPF?

R: A gente tem recebido bastante convites para competições nessas categorias, em todas as categorias, mas falando especificamente dessas sub-11 e sub-13. E a gente pensa que é mais importante eles estarem com a família nesses momentos de férias escolares, a gente tem declinado em muitos convites, em detrimento deles estarem em convívio familiar no seio da família. E como sugestão, a sugestão que eu dei para o XXXXX e para FPF, é que a competição

inicie antes, junto com as aulas próximo do início das aulas escolares. Quanto mais estende a competição, acompanha o ano letivo. Considero o calendário ideal aquele que acompanha o ano letivo. Começa as aulas dá um período de 15 a 20 dias porque meninos dessa idade não fazem pré-temporada, isso é uma besteira, e estendendo o período de competição a gente consegue ter mais "gaps" para liberar nas folgas, inclusive férias escolares de meio do ano que são pequenas, duas a três semanas no máximo para que eles possam ainda ser prazeroso.

P: O que você pensa sobre a realização de Festivais?

R: Eu não tinha pensado nesse tipo de formato de festival, mas é algo a se pensar porque ele trabalha muito com alegria e frustração a curto prazo, em um final de semana o menino joga quatro partidas, ele pode ser campeão. Um é campeão e três saem derrotados, enfim, é algo que confesso não pensei nesse sentido ainda.

P: E quanto do modelo que FPF propõe hoje? E o número de jogos?

R: É um número ideal se chegar até a final eles vão fazer 20 e alguma coisa. Quando se joga uma competição longa, eles conseguem amadurecer mais, entender quem são, entender grupo, entender pertencimento de grupo e isso é importante na formação. A gente não pode esquecer nunca que o objetivo final é a formação deles enquanto pessoas e para isso eles tem que estar envolvido com frustração, com alegria, com êxtases, mas com muito cuidado porque, como eu falei é uma idade sensível e qualquer erro de forma de cobrança a gente pode estar colocando tudo por água baixo uma pessoa que a gente pode estar transformando um menino potencial em um adulto frustrado.

P: Como o XXXXX lida com a Torcida Familiar e a cobrança dos pais?

R: Como eu falei, a sociedade brasileira ela vive um momento de crise no meu ponto de vista, crise de identidade, crise de necessidade, crise de afirmação, crise de todos os sentidos e temos buscado o extremo a todo custo. A infelicidade tem conduzido pessoas a suicídio em contrapartida outros querem ser felizes a todo custo enfim, está muito banalizado em todas as áreas não é o futebol. E gente faz parte desse contexto de sociedade brasileira e os pais desses meninos estão dentro dessa sociedade e são a sociedade então eles transmitem muito isso durante jogos, em alambrados, aqui nós temos um estádio, mas fica bem evidente, inclusive perfil social, perfil comportamental dos pais e da família, dá muitas respostas para nós o porquê os filhos tem determinados comportamentos aqui dentro, mas são crianças e ainda da para

contornar. E o que nós temos feitos para melhorar isso. Esse ano especialmente nós tomamos como medida aqui periodicamente a cada três meses nós vamos chamar os pais aqui, nós temos feito isso no ano passado mais de forma experimental para entender a resposta dos pais. Esse ano nós vamos adiantar e dar um passo a frente em relação a nossa abordagem nós vamos colocar os pais em situação similar aos filhos e vamos colocar os filhos nos lugares dos pais em jogos em sala fechada como xadrez, dama, dominó, temos esse planejamento de fazer isso a cada três meses com os pais, cada pai de uma categoria para que os pais percebam como é ruim eles sendo adulto já é ruim essa pressão exacerbada do lado de fora e eles refletirem nisso porque os filhos deles não precisam desse tipo de pressão exagerada de ouvir palavras de baixo calão, enfim, os meninos imitam os adultos, e os meninos imitam os pais, e os meninos imitam os treinadores em determinado momento, e eles imitam como referência, quem eles tem como referência eles vão imitar. E o que nós estamos mostrando para que eles imitem? Então essa reflexão e esse trabalho nós planejamos para fazer esse ano, nós temos com ideia darmos andamento nisso para que a gente faça a reunião periódica com os pais desses meninos do sub-13 para baixo.

P: Você tem uma equipe multidisciplinar?

R: A gente tem uma equipe multi, inter e o conceito agora não estou me lembrando de cabeça não estou lembrado a diferença entre multi, inter e transdisciplinar mas tem uma equipe que trabalha em conjunto troca bastante informações, na verdade são salas juntas para que todos eles consigam cada um deles contribuir com a informação para outro setor e melhorar cada vez mais.

P: Como você lida com dispensa de jogadores?

R: A decisão da liberação é uma decisão difícil de fazer. Em certa medida traumática depende da forma como é conduzido isso né. Porque eles precisam entender que quando nós tomamos uma decisão de não alojar eles aqui que nós estamos falando de meninos sub-13. Não é uma decisão para prejudicar o menino, muito pelo contrário, a decisão é justamente para beneficiá-lo para que ele entenda que a decisão foi tomada para o bem dele. Porque a permanência dele aqui vai fazer mais mal do que bem. A permanência dele no clube vai ser uma permanência de frustração, de perda de tempo, ele vai estar aqui e não vai ser utilizado então que ele tenha espaço em outro local onde ele tenha esse sucesso e por isso que a gente abre mão dele aqui. Mas isso é feito junto com o departamento de humanas, junto com os

psicólogos, junto comigo, a comissão técnica presente junto com os pais. São explicados os motivos técnicos e quando é por isso em raros momentos a decisão é por critérios de má condução do dia-a-dia do atleta. E a gente precisa tomar a decisão quando acontece isso e a gente explica para os pais. Mas quando a gente toma a decisão por causa do desvio de caráter, desvio de conduta, vários planos de ação já foram executados e não teve sucesso, inclusive com atuação dos pais, da família enfim da rede de apoio do menino. Esse é o pior cenário, que é o cenário de insucesso nosso. É quando a gente sente que falhou realmente quando a gente precisa liberar um menino nessa idade tão novo porque a gente não conseguiu controlar ele e aí é o pior cenário. Mas é bem mais difícil! Posso dizer que é raro de acontecer.

P: Fale sobre as adaptações e alterações de regras nas competições iniciais. O que você pensa sobre como foi o processo de desenvolvimento até os formatos atuais? E quais deveriam ser os objetivos das alterações?

R: As mudanças elas têm objetivo final de fazer com que os meninos participem mais do jogo de uma forma organizada. Esse é o objetivo principal. Penso que a gente precisa ainda melhorar e ampliar o debate sobre isso. Porque nem tudo que foi mudado eu concordo que tenha tido o fim que a gente acredita. O intuito é o melhor possível, mas nem toda mudança eu considero ter sido benéfica. Exemplo: o campo foi diminuído e diminuído o número de atletas. Comparativamente falando ficou igual o espaço o metro quadrado por criança. Então a gente precisa avaliar se vale à pena diminuir o campo e realmente manter 8 atletas ou diminuir o campo e aumenta o número de atletas e assim ele consegue ter mais toques na bola fazendo uma avaliação criteriosa de metro quadrado de participação. Quantos metros quadrados um atleta adulto tem por campo? Então, ainda não estou convencido de que diminuir o campo e diminuir o número de atletas é o ideal, ainda não. Na minha cabeça diminuir o campo era ótimo, mas não aumentar o espaço dos meninos. Confesso que ainda esta muito embrionário essa discussão e a gente precisa debater mais e conceituar melhor o que a gente acredita que seja o ideal, precisa buscar testar mais para chegar em um consenso. Não tenho convicção ainda não!

P: E no Sub-13?

R: A minha sugestão são três pontos que o sub-13 ainda é uma categoria de criança e penso que deveria ter uma obrigatoriedade que todos os atletas joguem o mesmo tempo de jogo. Ver se temos algum tipo de controle, tentar fazer algum tipo de controle, não é simples, mas

que todo atleta federado no clube nessa idade tenha o mesmo minuto de jogo no ano. O atleta federado está federado na FPF junto ao clube esse menino precisa jogar o mesmo número de jogos que o outro. E no jogo propriamente dito, eu penso que 3 tempos deveria ser ideal nessa categoria e nas demais categorias debaixo também e aí sim, um tempo uma equipe, o segundo tempo uma outra equipe e o terceiro tempo uma equipe mescla ou dois tempos com equipes distintas é a minha opinião. Como são dois tempos os jogos aqui nós temos buscado esse ano discutir se nós vamos fazer isso ou não? Mas a ideia é mais se todos os clubes da federação e sugeri dessa forma um tempo um time, outro tempo e o terceiro o treinador escolhe o tempo que quer e aí entrou em debate que mas no terceiro tempo o vento esta muito forte para um lado, enfim vai ter algum tipo de vantagem que o campo é melhor de um lado, entrou nesse debate e acabou ficando em dois tempos, mas acho que se amadurecer melhor a ideia isso pode acontecer também.

P: Ao que se deve a hegemonia dos grandes clubes nessas competições?

R: Fica dizendo para FPF o que ela tem que fazer é fácil o difícil é estar lá no lugar para tomar as decisões. Existe uma resistência de certa forma de alguns clubes. A FPF às vezes tenta fazer mas esbarra em muitas dificuldades. Agora a hegemonia dos clubes ela passa muito pelo peso da camisa, os meninos querem esta no clube de coração e o clube do coração quanto maior número de torcedores adeptos maior o número de crianças que os pais são assim e querem trazer para o clube do coração. Sempre vai ter mais qualidade porque consegue escolher mais. Os clubes grandes sempre vão ter uma vantagem numérica de qualidade e quantidade. Sem dúvida! Quanto mais qualifica a parte estrutural mais os clubes tem vantagens, quanto melhor a estrutura.

P: Qual a sua opinião do formato de jogo no exterior de iniciação ao futebol?

R: Toda tentativa é válida! O futebol brasileiro ele foi muito expoente a uns bons anos porque jogava 2x2 com 10 anos de idade no meio da rua, 3x3, 4x1, essa variedade de jogo, a variedade do jogar e da maneira de jogar na rua criada por nós mesmos enquanto criança isso tudo é válido né... O que é mais válido ainda quando eles participam da decisão da forma de jogar e não nós. Quanto menor a interferência nossa na maneira que eles querem jogar futebol como criança no caso agora, 8 anos. A liberdade deles se socializarem dentro de um campo e decidir vamos fazer 4x4 trave livre era uma delícia fazer isso quando era criança, jogos adaptativos, a tomada de decisão de como fazer esse jogo ela tem um crescimento maior, vale

mais a pena a gente ver isso quando parte deles, quando eles aprendem que estão em 9 e tem que 1 para o gol e é 4x4 e um goleiro. Olha que coisa maravilhosa isso, que soma que riqueza de situação. E quando a gente impõe as regras para essas idades. O que que vale? O que que é mão? Porque saiu e porque não saiu? Como bate um lateral? Tem escanteio ou não tem escanteio? Três escanteios vale um gol ou três escanteios é um pênalti? Toda essa riqueza de construção que nós passamos por isso quando criança, que a gente criou isso, eles precisam criar e quanto menos a gente interferir na tomada de decisão disso mais rica vai ser a sociabilidade e a socialização deles e melhor eles vão entender o jogo e melhor ele vão gostar do jogo. É isso que eu penso!

P: Ainda sobre o Sub-13 você acha ideal esse modelo de jogo?

R: Eu gosto da forma de jogo do 13. Do campo 11x11, o tempo ideal, eu gosto do tempo de jogo, eu acho que poderia ter um 3º tempo continuo com essa minha ideia, mas ela precisa ser compreendida.

P: Você concorda com a FPF que a obrigatoriedade nas substituições interfere na gestão dos clubes?

R: Interfere porque ela se torna arbitrária. Mas é por isso que essa construção, essa decisão de mudar isso ela tem que partir com a anuência de todos os clubes e aí não tem arbitrariedade de nenhum lugar, é um consenso dos clubes em fazer isso. Acho que enquanto não houver consenso não vai acontecer a mudança e aí eu concordo com o XXXXX. A partir do momento que os clubes entenderem que esse é o melhor caminho aí sim vai se mudar. Ele (XXXXX) não tem como impor uma coisa para os clubes o que devem fazer. A gente precisa entender também quem detém os direitos de mudança e alterações de jogo é a FPF quem organiza a competição. Qualquer entidade que for organizar uma competição ela organiza a competição da maneira que ela acha mais justa e a federação paulista também tem isso. Tem esse direito.

P: Você acha que a FPF está no caminho certo? E as outras federações?

R: Infelizmente mais uma vez a gente esbarra mais uma vez no contexto cultural, econômico, o quanto cada um enxerga a importância dessas categorias de base no futebol, o quanto cada clube, cada região enxerga... dá valor a isso!

P: Qual avaliação você faz sobre os resultados alcançados em relação aos objetivos propostos pela federação em promover as competições nas categorias iniciais nos formatos atuais?

R: A FPF tem sido muito feliz nos debates, muito feliz na construção, ela tem sido muito positiva na forma como ela tem buscado o diálogo entre os clubes. Uma construção fazer com que a competição fique melhor para todos e não melhor para FPF, ela tem aberto mão para que os clubes coloquem as opiniões e a FPF tem tentado organizar, embora seja muito difícil agradar a todos, muito difícil agradar a todos, mas eles têm tentado ser mais coerente possível e assertivo e quanto a isso eles tem feito isso. Nesta gestão do XXXXX desde de 2017 tem sido muito positivo. A nossa relação com a FPF e forma como eles nos ouvem é fantástica. Surpreendentemente fantástica! Quando trabalhava no Sul a informação que chegava para nós era uma da FPF quando vim para cá eu vi que é muito melhor do que eu imaginava.